

Trabalho de Graduação
Curso de Graduação em Geografia

O CENSO ANIMAL: entre o preconceito e a necessidade

Thayná Bielça Henrique

Prof.Dr. Luiz Augusto Normanha Lima

Rio Claro (SP)

2017

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
Instituto de Geociências e Ciências Exatas
Câmpus de Rio Claro

THAYNÁ BIELÇA HENRIQUE

CENSO ANIMAL: ENTRE O PRECONCEITO E A
NECESSIDADE

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Rio Claro - SP
2017

574.9 Henrique, Thayná Bielça
H519c O censo animal : entre o preconceito e a necessidade /
Thayná Bielça Henrique. - Rio Claro, 2017
144 f. : il., tabs., quadros

Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Geografia)
- Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e
Ciências Exatas

Orientador: Luiz Augusto Normanha Lima

1. Biogeografia. 2. Censo demográfico. 3.
Fenomenologia. 4. Geografia. 5. Animais. 6. Geografia
humanística. I. Título.

THAYNÁ BIELÇA HENRIQUE

**CENSO ANIMAL: ENTRE O PRECONCEITO E A
NECESSIDADE**

Trabalho de Graduação apresentado ao
Instituto de Geociências e Ciências Exatas -
Câmpus de Rio Claro, da Universidade
Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para
obtenção do grau de Bacharel em Geografia.

Comissão Examinadora

_____ (orientador)

Rio Claro, _____ de _____ de _____.

Assinatura da aluna

Assinatura do orientador

DEDICATÓRIA

Em memória de cerca de 70 bilhões de animais mortos nos abatedouros por ano, 100 milhões mortos em experimentos científicos, aos 182 animais mortos a cada segundo somente no Brasil.

As mortes não contabilizadas; de animais marinhos, assassinados por caça, produção de vestimenta, entretenimento ou para qualquer fim de atividade humana.

A cada vítima de exploração humana, que sofre silenciada porque nunca foi permitido escutar suas vozes. Á aqueles que não possuem alternativas além de terem suas vidas pré destinadas ao bel prazer do ser humano.

Dedicado a cada sangue inocente que escorre nas paredes de concreto, a cada grito e choro de lamento ocultado pela ignorância daqueles que patrocina tais atrocidades (muitas vezes sem fazer a conexão) e ao monopólio da informação de quem enriquece à custa desse sofrimento incessável.

Por todas as fêmeas exploradas e forçadas a procriação por meio de inseminação artificial, por todos os filhotes separados de suas mães ao nascer na indústria de laticínios e de ovos.

Por todos aqueles que tiveram seus direitos fundamentais desconsiderados e vistos como inexistentes; por todos àqueles que são vistos como propriedade dos humanos, sem direito de escolha.

Ao sangue estancado e eternizado pelo abuso de poder e pela ideia de superioridade de espécie (especismo).

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais; Alda e Djalma (que me adotou como sua filha) pelos cuidados e zelo, pelo apoio moral e financeiro durante esses anos de graduação. Por me mostrarem caminhos a serem trilhados e por me proporcionar o privilégio de terem assegurado tudo que sempre necessitei nessa caminhada de futura geógrafa. Vocês são minha inspiração, grandes guerreiros de fé, meu escudo, minha fortaleza!

Ao meu orientador Luiz, pela amizade e pela construção de ideias em prol de um mundo melhor. Agradeço a compreensão em minhas falhas e nas minhas limitações enquanto ser humano. Obrigada por ser um professor libertário, que não sufoca ou impõe ideias, mas sim, orienta em uma construção coletiva. Obrigada pela liberdade de escrita, por me incentivar a continuar estudando, buscando respostas e principalmente questionamentos sobre o mundo. Afinal, esse é o verdadeiro conhecimento!

Aos ativistas José Marcio Franson e Luís Martini pelos seus trabalhos e dedicação ao exercício do direito animal e por compartilharem suas ideias para possível construção de um futuro Censo Animal.

À todos os sujeitos entrevistados nessa pesquisa, agradeço pela troca de informações e por me permitirem a reflexão por meio da análise fenomenológica utilizando o discurso. Vocês são incríveis e fazem parte da mudança!

À todos os meus verdadeiros amigos, que me trouxeram esperança muitas vezes quando já eu havia desistido incluso minhas filhas caninas que aquecem meu coração sempre quando mais preciso Milly e Sushi! Agradecimento especial a Bia e Marina, minhas grandes companheiras de graduação e de vida, obrigada por todo apoio principalmente nesses últimos tempos em que estive mal.

À minha psicóloga, Denise por ser essa profissional extremamente responsável e competente, por me ajudar a concluir esse trabalho e principalmente a me fazer enxergar o lado bom da vida por meio da Gestalt, “aqui, e o agora”! Sem a sua ajuda clínica não estaria aqui escrevendo.

Ao movimento de libertação animal, ao Straight Edge que me fez abrir os olhos para muitas injustiças e me proporcionar uma mudança pessoal em que me tornei alguém mais altruísta!

À todos os antifascistas e anarquistas em que faço conexão! Somos uma grande rede e juntos venceremos !!!

EPÍGRAFE

“Veja! Este é meu sangue estancado em
minha pata,
Ferida aberta de séculos que não sara.
Dói, arde e queima a exploração animal
marcada também em meu coração.

Hey, humanos! O que eu fiz pra sua
espécie?
Alguém pode me dizer?
Me afoitaram, me domaram, me usaram
como se eu fosse apenas um objeto que
hoje entrou em desuso.
Sou lixo descartável,
Apenas dejetos!
Uma peça sem função no seu jogo da
exploração.

Quem te disse que sou propriedade?
Por acaso sentimento, sofrimento pode ser
medido em valor monetário?
Não quero ser seu servo!
Quem pode me ouvir?
Quem pode falar por mim?
Essas larvas em minhas entranhas, não
podem!
Quem pode falar por mim?
O vento frio, o relento, o vazio; não podem!
Quem pode falar por mim?
Me ajudem!
Me libertem!
Eu só quero ser...
LIVRE!”

(Thayná Bielça Henrique)

RESUMO

Este trabalho está dirigido para contribuir na compreensão de como é possível realizar um censo demográfico para cães e gatos nas cidades com o intuito de melhorar a situação de vida destes animais e integrá-los ao planejamento urbano. Cães e gatos foram escolhidos por serem os mais próximos animais do humano, em termos de convivência, portanto são os mais presentes no meio urbano entre os humanos. Este trabalho inicia-se com uma revisão de literatura sobre o tema direito dos animais. Esta perspectiva inicial mostra como os animais são desprezados, desconsiderados pelos humanos. Numa segunda fase torna-se uma pesquisa que interroga ativistas da causa animal, geógrafos e demógrafos dirigindo-lhes uma pergunta norteadora, “*O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?*”. Os discursos destes sujeitos são analisados através do método da pesquisa do fenômeno situado revelando a forma possível como o Censo Animal pode ser realizado. Para encerramento apresenta as razões e os motivos que sustentam que o Censo Animal pode auxiliar no atendimento de políticas públicas de saúde que incluam cães e gatos como seres de direitos e não apenas como vetores de doenças.

ABSTRACT

This work begins with a literature review on the subject of animal rights. This initial perspective shows how animals are despised, disregarded by humans. In the second phase it becomes a survey that questions animal cause activists, geographers, and demographers asking them a guiding question, "What is the animal census and how is it possible to accomplish it." The discourses of these subjects will be analyzed through the method of research of the the situated phenomenon revealing the possible form as the Animal Census can be done. For the conclusion, it presents the motivations and the reasons that support that the Animal Census in assisting in the fulfillment of public health policies that include dogs and cats as beings who have rights and not only as vectors of diseases.

Palavras-chave: Censo Animal, População Animal, População Felina e Canina, Direitos Animais, Fenomenologia.

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	10
2 - MUNDO VIDA	11
3 - PRÉ REFLEXÃO	15
3.1 - O especismo e a nossa obrigação moral: exploração animal e o utilitarismo ..	15
3.2 - O uso da fenomenologia para análise geográfica.....	16
3.3 - História e equívocos: elaboração de censo demográfico quantitativo para análise populacional.....	20
3.4 - Importâncias e benefícios da realização de censo demográfico com enfoque no viés qualitativo.....	22
3.5 - A importância da construção do censo demográfico para os animais por meio da visão senciocêntrica: Políticas Públicas e Planejamento Urbano	25
4 - SITUANDO O FENÔMENO	28
5 - INTERROGAÇÃO	29
5.1 - Interrogar permite um desvelar de significados	29
6 - METODOLOGIA	31
6.1 - Análise Ideográfica.....	33
6.2 - Análise Nomotética	33
6.3 - Constituição dos Dados	34
7 - DISCURSO I	36
7.1 - Análise I	39
7.1 - Análise Ideográfica I	49
8 - DISCURSO II	50
8.1 - Análise II	53
8.1 - Análise Ideográfica II.....	63
9 - DISCURSO III	63
9.1 - Análise III	71
9.2 - Análise Ideográfica III	87
10 - DISCURSO IV	89

10.1 - Análise IV	89
10.2 - Análise Ideográfica IV	90
11 - DISCURSO V	90
11.1 - Análise V	98
11.2 - Análise Ideográfica V.....	118
12 - ANÁLISE NOMOTÉTICA.....	119
12.1 - Procedimento para a leitura do Quadro Nomotético	119
12.2 - Quadro Nomotético	120
13 - CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS	136
14 - REFERENCIAS	143
15- BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	144

INTRODUÇÃO

“Entre a brutalidade para com o animal e a crueldade para com o homem, há uma só diferença: a vítima.”
(Alphonse de Lamartine)

Este trabalho segue os passos de uma fenomenologia. Por não se tratar de uma pesquisa realizada conforme os moldes da ciência positivista pode causar estranheza ao leitor.

No método fenomenológico expõe-se o *mundo vida* como primeiro passo para reflexão do tema escolhido. Nesta parte, é apresentado um pouco de minha experiência com a temática dos direitos animais, e principalmente em relação aos animais de companhia e a pesquisa do Censo Animal. É através de nossas próprias experiências que entendemos o mundo, logo, não existe uma ciência neutra, o pesquisador possui intencionalidades conforme os valores que foram construídos ao longo da vida. Sentimos o mundo em nossa pele, sentimos aquilo que nos penetra a alma. E por isso, entendemos que a pesquisa deve nos mover de alguma forma; é preciso ser surpreendido, é preciso que o tema provoque inquietude no pesquisador, nos inspire a descobrir novos mundos, a desvelar a essência do objeto de estudo. Assim, a experiência é vista como ponto inicial para compreensão daquilo que está sendo pesquisado, e a escolha deste deve ser feita pelas motivações em entender e modificar as mazelas do mundo, no mais tocante do Eu.

Em seguida é apresentada a *pré reflexão* em que são elucidados alguns temas chaves, elegidos pelo pesquisador, como forma de levantar questionamentos sobre a realidade e embasamento teórico. Segue-se daí o “situando o fenômeno”, em que se apresenta o caminho à coisa mesma em fenomenologia.

Foram coletados cinco discursos de sujeitos, analisados ideograficamente seguindo-se os passos do método do fenômeno situado e construídos os resultados a partir da análise nomotética. No final do trabalho é apresentada a construção de resultados apresentando as convergências analisadas nos discursos e por fim as considerações finais.

MUNDO VIDA

“Os pais, os educadores, oficiais e voluntários, os médicos, sem contar o indivíduo poderoso ao qual chamam de ‘Todo Mundo’, trabalham juntos para endurecer o caráter da criança a respeito desta ‘carne sobre patas’, que, no entanto ama como nós, sente como nós, e também pode progredir sobre nossa influência, a menos que regrida conosco.”

(Jean Jacques Élisée Reclus)

Primeiramente, antes de apresentar minha experiência de vida em relação ao tema da seguinte pesquisa especificamente, gostaria de iniciar o *mundo vida* fazendo alguns adendos sobre o próprio método, a fenomenologia, em relação ao meu mundo, as minhas perspectivas, pois este trabalho foi pautado nessa metodologia.

Eu sempre acreditei que o conhecimento, o apreender, pudesse mudar o mundo. Sempre tive vontade de conhecer coisas novas, desde pré-adolescente enxergava o conhecimento como única forma de emancipação da humanidade. Lutei muito para alcançar a possibilidade de ingressar em uma universidade pública e via isso como um sonho quase que impossível, pois sabemos que para aqueles, que assim como eu, tiveram uma escolaridade totalmente no ensino público as oportunidades se tornam mais escassas. Para mim, inocente jovem sonhadora, com 17 anos, pensava que poderia construir um novo mundo por meio do conhecimento obtido dentro da universidade. Mas a realidade dentro da academia é outra; é dura, fria e calculista. Percebi que somos moldados pela ciência positivista, pela doutrina de uma religião chamada ciência; que não enxerga o ser humano como agente de mudança, não entendem os elementos vivos que compõe nosso meio como sujeitos, mas sim, apenas como objetos passíveis de serem calculados e medidos. Isso cansou-me, desestimulou-me de tal maneira que perdi o prazer de participar do que atualmente é a universidade. Para mim, hoje esta não passa de mais uma instituição, um braço do Estado que serve para exclusão e repressão social.

Pois bem, quando conheci a fenomenologia, me apaixonei, e continuo me apaixonando cada vez mais, foi algo que me fez, em primeiro lugar, buscar uma auto compreensão do que sou, do meu próprio existir; e com isso, passo a entender os outros fenômenos que se manifestam de forma integrada, me descubro mais e mais, e assim, passo a descobrir o outro, desbravar outros mares existenciais. Foi como mergulhar em águas

crystalinas que fizeram renascer em mim velhos sentimentos que ardiavam em meu peito quando era adolescente, a vontade de conhecer a essência das coisas, qual é a dimensão do ser, do existir. É algo libertador enquanto ser humano - e não apenas como pesquisador, passar a entender que tudo se forma pela experiência e que a mudança, a construção de novos caminhos pela real liberdade do ser, é também dada por ela e pela troca de vivências de forma coletiva e não hierarquizada.

Todos nós temos algo a contribuir, independente do nível de escolaridade, classe social, etc. Todos nós possuímos diferentes experiências, diferentes percepções. Nós mudamos com o tempo, nossos valores mudam a partir da troca de ideias, de pensamentos e reflexões em conjunto com o outro. É um exercício que muitas vezes se faz sozinho, falando com seu interior, porém toda mudança seja ela interna ou na sociedade, se dá pelo contato com o real, e este real é socialmente construído coletivamente. Gostaria de terminar essa parte destacando que minha experiência com a fenomenologia e com esta pesquisa em si foi algo que me transformou e me estimulou demais a continuar lutando pelo que acredito; assim, faço deste trabalho também uma forma de ativismo, um mecanismo de luta pela mudança em prol da tão sonhada libertação animal.

Meu primeiro contato com o que chamamos de direitos animais, se deu de uma forma dura, ponte aguda e espinhosa; quase que um soco contra a ponta de lança. Foi uma mudança brusca, assustadora!!! Passei a conhecer a realidade dos animais não humanos e me interessar por ela, e quando se conhece tamanha injustiça e crueldade dentro do sistema de criação de animais para uso humano não tem como voltar atrás e no meu caso não teve mais volta.

É incontestável que vivemos em um ciclo de alienação em relação ao “status” moral dos animais e que muitas vezes não sabemos como reagir. Desde que nascemos somos enganados por nossas famílias e todas as instituições que nos cercam, nos fazem acreditar fielmente que precisamos usar animais, e que estes foram criados, ou existem no mundo com um único propósito: servir os humanos. Historicamente foi assim com todas as minorias; com as mulheres, com negras e negros, com os estrangeiros, etc, etc., e ainda, infelizmente, não podemos dizer que preconceitos e injustiças não acontecem com estes grupos, porém, os animais estão ainda mais inferiorizados quando tratamos de entender nossos privilégios e quem estamos afetando diretamente com nossas ações diárias. Então,

passsei a conhecer com detalhes o que se passa na indústria da carne, na indústria do leite, dos ovos, do mel, do couro, das empresas que testam animais, a crueldade na vivisseção, e passei a não mais querer fazer parte disso. Enxerguei que poderia viver sem explorar animais, que o uso desses seres sencientes era inútil e acima de tudo anti ético. Como quer uma mudança no mundo se ainda continuava a matar, ferir, induzir sofrimento desnecessário, pelo simples fato de serem de uma espécie diferente da minha? Quem me deu esse direito de me tornar algoz de inocentes? Simplesmente, quis destruir o especismo que foi construído em mim, e me tornei vegana, desde então luto para que estes pobres animais não humanos, um dia sejam libertados, assim como também prezo pela libertação humana.

Com isso, vi a possibilidade de elaborar esse trabalho como uma forma de colocar nossa luta pelos animais em prática; assim como participei por dois anos no projeto de extensão da UNESP que tinha como propósito divulgar os direitos animais para a comunidade, este era intitulado “Saúde, Lazer e Cãopanhia”. Por meio desse projeto pude expandir minha experiência enquanto defensora da causa animal, enquanto pessoa que não faz discriminação de espécies. Ao longo desses dois anos, visitamos quase todos os bairros do município, conversamos com moradores, trabalhamos coletivamente para conseguir dinheiro para realização de ações em prol dos animais mais carentes, bem como, fazíamos ações quinzenalmente no Jardim Público que integrava o eixo do protecionismo animal, como os direitos animais em toda sua totalidade. Foi uma experiência muito enriquecedora, me sentia parte da mudança mesmo que esse fosse o chamando “trabalho de formiguinha”, conseguimos ao longo desses anos ajudar muitos animais, conscientizar muitas pessoas e principalmente entender a realidade em que esses animais se encontram.

A realidade dos animais de companhia é cruel, ao longo de minha participação do projeto nos deparamos com casos extremos, de animais doentes, sem conseguir andar, maus tratos, ninhadas desenfreadas de filhotes com suas mãezinhas doentes quase sem forças para andar e a população humana e animal desamparada, um descaso público total!!! Entendo que a precariedade em que muito desses animais se encontram é um reflexo da própria condição escassa em que seus tutores vivem, da falta de apoio do governo, da desvalorização do ser humano por aqueles que possuem o poder. E os animais de companhia acabam sendo ainda mais pauperizados, pois esta pauperização acaba sendo

reforçada pelo próprio status moral, instituído e naturalizado, de que esses são inferiores aos humanos; por tanto, não são considerados como seres sencientes, como seres que precisam de cuidados e que merecem viver com qualidade de vida. E é por esses motivos que escolhi a temática do Censo Animal para esse trabalho de conclusão de curso; por entender que esta realidade perversa precisa ser mudada com urgência, e que com a realização do que vamos levantar nessa pesquisa pode contribuir, de forma prática, para geração de uma vida mais justa a esse grupo que se encontra extremamente vulnerável e a mercê de decisões humanas, sobre tudo do Estado.

Assim, sigo com a minha declaração de guerra:

*“Tiempos de destrucción,
comerciendo con la muerte,
un cruel destino, una triste verdad.
Mi declaración de guerra,
contra el consumo de animales.
mi declaración de guerra,
es total mi abstinencia.
La ignorancia es el arma,
en el negocio de la sugestión,
inocentes pagan el precio,
son las victimas de nuestro error.
Correcta moral, para cambiar,
y no consumir, no consumir!!!
No existen, no existen,
animales para consumo,
todos merecemos vivir en libertad.
Mi declaración de guerra.
contra el consumo de animales,
mi declaración de guerra,
es total mi abstinencia.
Declaración de guerra,
voy a hacer lo que creo correcto.
Declaración de guerra,
nuestra lucha no tiene final.”*

(Declaración de Guerra - Nueva Etica)

3 - PRÉ-REFLEXÃO

3.1 - O especismo e a nossa obrigação moral: exploração animal e o utilitarismo

Historicamente temos desprezado, enquanto humanos, a condição dos animais dentro de nossa sociedade; fazemos diferenciação entre espécies subjugando os animais não humanos como seres inferiores, que não necessitam de assistência ou até mesmo não possuem direitos perante nossos privilégios. Nomeamos essa diferenciação de especismo.

Segundo Francione (2013), a concepção de que os animais são apenas “coisas utilizáveis” não é nova; os animais estão condicionados e suas vidas pré destinadas ao utilitarismo humano há milhares de anos. Eles ainda são vistos como mercadoria, o status moral ainda continua enrijecido pela ideia de que, nós, animais humanos somos proprietários e, automaticamente, “essas mercadorias” possuem o valor que nós, “donos”, atribuímos à elas. Entretanto, animais não humanos possuem interesses individuais; possuem interesses aos direitos fundamentais, mas, estes interesses podem ser simplesmente vendidos segundo os interesses do seu proprietário, ou seja, em detrimento dos interesses humanos. Além disso, outro ponto a ser analisado que demonstra a condição dos animais como coisas dentro da sociedade, é a própria linguagem. No inglês formal, animais são referenciados com o pronome “*it*”, ou seja, pronome que pode ser utilizado para referenciar coisas ou animais apenas. O uso da palavra “*it*” faz com que não se estabeleça nenhuma relação pessoal com os animais, inferiorizando os mesmos; logo, os excluindo da esfera humana. Carol Adams, também faz referência do uso dos pronomes *she* e *he*. No inglês informal ou inglês moderno, quando se usa o pronome masculino (*he*) para referir-se a animais, sempre estará se tratando de animais com uma “*força ativa e possível perigo a quem está falando*”(p.116) e o uso do pronome feminino (*she*) refere-se a um animal mais vulnerável, que não apresenta perigo aos humanos, como por exemplo quando caçadores ou pescadores se referem à uma lebre ou um peixe, ou seja, quando um animal é considerado uma força inferior em relação a força humana, e assim é possível correlacionar também a hierarquia do status moral entre homens, mulheres e animais (CAROL ADAMS, 2012).

Deste modo, a condição dos animais continua sendo a mesma, apesar de grandes evoluções científicas e tecnológicas, todos os sistemas políticos e econômicos modernos se

preocupam em manter o direito à propriedade, “status especial” que alicerça nossa cultura ocidental, um dos direitos, se não o mais importante para o sistema capitalista, mas que acaba privilegiando apenas um grupo específico, o da espécie humana (referente à propriedade dos animais). (FRANCIONE, 2013)

3.2 - O uso da fenomenologia para análise geográfica

A fenomenologia permite por meio de uma base metodológica expandir os horizontes do entendimento do ser e suas complexidades. Esse ser é composto de uma formação de valores e ideais que variam conforme suas experiências individuais e que acabam por refletir em suas ações com o meio ambiente.

Para Christofolletti [19--] a Geografia Humanística visa entender o portar e sentimentos humanos em relação a seus lugares por meio da valorização da experiência individual ou coletiva, sendo que para cada um destes existe uma visão de mundo que interfere no ambiente.

Sabemos que não é possível separar a humanidade e o meio; todas as categorias geográficas para entender o espaço não podem ser desvinculadas de nossas ações. A ação é um ato político que possui suas intencionalidades, esta está profundamente permeada de valores e percepções. Assim, entendemos que se faz extremamente necessário mergulhar a fundo e trazer a tona todas estas questões a cerca da experiência humana, a fim de compreender a realidade aqui estudada, em busca de reflexões que possam contribuir para melhorar essa relação.

Segundo Tuan (1974), as percepções, valores e atitudes são fatores contribuintes para nossa auto compreensão; na ausência desta não se faz possível a busca de soluções duradoras para problemas ambientais, logo, são estes também problemas humanos. Seja qual for a raiz deste problema; econômico, político ou social, todos esses pontos estão intrinsicamente ligados ao centro psicológico da motivação dos valores e atitudes, que acabam por construir objetivos. Assim, as atitudes e crenças não podem ser esquecidas, seja da abordagem prática ou teórica, já que o ser humano é um dominante ecológico que deve ser estudado a fundo em sua complexidade e não apenas quantificado e mapeado.

Baseados na ciência neopositivista os planejamentos ambientais/urbanos estão cada vez mais pautados em uma lógica que distancia os problemas da humanidade de fatores

sociais e históricos. Não consideram os fenômenos como parte do todo, desprezam a experiência individual e coletiva caracterizando tudo aquilo que não é possível ser medido ou quantificado como metafísica, ou simplesmente, subjetividade que não se enquadra nos parâmetros das ciências naturais/físicas.

Existe uma tendência a eliminar toda experiência que não tenha uma comunicação rápida e objetiva; sendo esta considerada pelos intelectuais práticos como particular, e assim, sem relevância científica. Os planejadores profissionais e propagandistas necessitam de soluções rápidas e precisam agir com urgência; por isso esquecem-se de ricas informações que derivam da experiência, se limitando apenas na elaboração de modelos e inventários. Isso também faz com que os próprios indivíduos da sociedade entrem em esquecimento de suas próprias experiências com o lugar e espaço geográfico em contraposição da influência midiática. Porém, alguns humanistas voltados à sistematização de *insights*, expondo-os como sistemas conceituais, de diferentes áreas de estudo (inclusive da própria geografia), têm se voltado para realização de planejamentos e estudos onde são consideradas a experiência humana como principal eixo para repensar um habitat mais humano, estes têm enfoque na abordagem descritiva visando mais sugerir do que obter conclusões fechadas, necessariamente (TUAN, 1983).

Com a ascensão da globalização e a lógica produtivista que nos é imposta pelo sistema capitalista, a tendência, a manutenção do discurso de ciência tradicional/positivista se torna cada vez mais forte, assim, às vezes podemos ter a terrível sensação de estarmos em um labirinto sem escapatória, visto que todos esses sistemas refletem na práxis; há um desprezo da própria realidade em sua essência na elaboração de políticas públicas, pois estas procuram respostas rápidas, porém sem eficácia. Então, o papel do geógrafo é transformar esses paradoxos em uma nova alternativa para entender a realidade de forma mais humanizada e justa, aqui vemos então, o estudo da compreensão do mundo pela experiência como um desses caminhos.

Segundo Eric Dardel (1990), a base do ser social é a manifestação do próprio ser com os outros, uma interação que se faz inserido em lugar de luta pela vida. O espaço é algo vivo e aberto, tendo o ser humano uma relação concreta com a Terra; ou seja, a *geograficidade*, assim sendo, a existência humana e suas interações devem ser consideradas.

Outros pontos relevantes para embasar nossa reflexão sobre o tema são questões que foram também levantadas por Tuan (1983), a ideia de que dados quantitativos sobre o espaço e lugar, apesar de serem abordagens importantes, precisam de complementação com o uso de dados experienciais coletados e interpretados com veracidade, já que questões humanas são passíveis de acesso “*a estado de espírito, pensamentos e sentimentos*” (p.5) e a experiência significa aprender, “*atuar sobre o dado e criar a partir dele*” (p.10) sendo a essência desde dado não conhecida, mas podemos ter o conhecimento da realidade como constructo da própria experiência.

É preciso repensar outras questões enquanto fenomenólogo(a), ao iniciar a pesquisa se faz necessário a suspensão de teorias e não enfatizar conceitos prévios para análise de discursos dos sujeitos participantes da pesquisa. Martins e Bicudo (1989), enfatizam que não se deve ter princípios explicativos do fenômeno, as definições e teorias não devem ser o ponto de partida da pesquisa, mas sim os significados das percepções que o sujeito tem sobre o que está sendo pesquisado, o que estes eventos significam para estas pessoas tendo como resultados uma gama diversa de respostas, que refletem diferentes tipos de consciência. Eric Dardel (1990), também elenca que a consciência é um fator importante a se considerar; o autor afirma que a relação dos seres humanos com a Terra é algo embebido de interpretações e visões de mundo, e que por meio desta é possível estar frente a frente com a própria realidade, da qual a consciência se desenvolve. Assim, podemos entender os seres humanos e suas experiências de forma simples, partindo do pressuposto de que o propósito do cientista é analisar um conjunto limitado de relações, tendo em vista que este não está a procura de impor suas descobertas do mundo real, bem como se faz equivocada a ideia de enxergar a experiência humana de forma minimalista à procura de conclusões para pesquisa (TUAN, 1983).

É intrigante pensar que continuamos a insistir em utilizar de um método criado no século XIX, no qual se estabelece imposições e que deve ser seguido como religião e não ciência, do qual o próprio pesquisador perde sua liberdade de pensar fora “da caixa” e acaba amputando o próprio significado de se “fazer ciência”, ou seja, questionar, criar, inovar. O Positivismo trabalha com generalizações, e generalizar de forma quantitativa é reduzir ao máximo o objeto estudado.

Eric Dardel (1990) nos traz à luz o questionamento sobre o equívoco de entendermos a geografia como um quadro fechado, em que as interações da humanidade com o meio são apenas observadas (reduzindo o ser humano a objeto), mas não vistas como uma forma de existência em que a Terra é condicionante de nosso próprio destino e que nós, seres humanos somos sujeitos que possuem responsabilidades sobre a mesma. “Um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi ‘desnaturalizada’, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, sem lugar de deixar-se decifrar sua escrita sóbria e vívida” (DARDEL, 1990, pag. 96).

Com isso, será que estamos no caminho certo? Reduzir o objeto, excluir sua essência para torná-lo “palpável”? Podemos entender esse pensamento até como uma forma de autoafirmação da própria existência humana e fuga do reconhecimento de nossa pequenez, de nossa condição no mundo; já que o pesquisador entende que pode controlar, medir, e concretizar fenômenos, ocultando em si a própria realidade e complexidade dos mesmos. “Quem tem razão aqui, a ciência que tende a reduzir o mundo a um mecanismo ou a experiência vivida que se apropria do mundo exterior ao nível do fenômeno?” (DARDEL, 1990, pag. 23). Por tanto, entendemos que não é possível fazer ciência insistindo no mesmo paradigma metodológico do positivismo. Então porque insistimos em estagnar no mesmo método? Será que não estamos em uma “ditadura” metodológica ou não queremos aceitar a nossa condição de não poder “controlar” o mundo e os fenômenos a nossa volta?

É nesta perspectiva mais humana e fenomenológica que esta pesquisa se insere, optando pelo método da pesquisa qualitativa do fenômeno situado, em que se pretende pensar a ideia da criação de um censo animal por meio do entendimento dos que possuem uma visão ampliada dos direitos dos animais e de acadêmicos preocupados com uma visão de pesquisa mais humana ou de profissionais pesquisadores que já se debruçaram e se dedicaram a uma experiência com um censo animal, ou seja, a partir das consciências dos sujeitos pesquisados e na compreensão de cada uma das unidades de significado extraídas dos seus discursos. Por meio dessa pesquisa, abriremos o universo subjetivo e oculto dos sujeitos interrogados sobre como é possível realizar um censo animal não para chegar a conclusões “impermeáveis”, mas como uma forma de descobrir novas formas de como proceder e sobre o que devemos ou não considerar para futuras possíveis ações de

elaboração de um projeto de censo que seja feito realmente em prol dos animais não humanos.

3.3 - História e equívocos: elaboração de censo demográfico quantitativo para análise populacional

Nesta parte do trabalho buscaremos expor alguns pontos relevantes em relação à análise populacional, visto que historicamente, tanto nas áreas da geografia populacional como na área de demografia, há uma tendência de reduzir os fenômenos a meros dados sem que haja uma profunda análise dos mesmos. Dentro da ciência geográfica, é sabido que a partir da ascensão da vertente da chamada Geografia Teorética ou Nova Geografia, cada vez mais tem se tornado uma tradição a redução da realidade em modelos matemáticos, o que na visão de muitos geógrafos de outras vertentes como da Geografia Crítica ou a própria Geografia Humanística, aqui exposta, é um atraso para a ciência geográfica como um todo. Com isso, nosso posicionamento caminha no sentido de repensarmos estratégias e ferramentas que possam viabilizar os estudos qualitativos para realização de um censo demográfico voltado a população de animais urbanos.

Primeiramente, entendemos que se faz necessário uma reflexão à cerca do que seria a geografia da população e seu o objeto de estudo, tendo em vista que esses conceitos e que seus verdadeiros significados foram esquecidos em contraposição a “objetivação” da ciência. Zelinsky (1966) faz uma crítica ao caráter locacional da geografia de população, ou seja, essa área de estudo muitas vezes é reduzida para relação de quantificação de pessoas e especificação de onde estas vivem e se localizam. O que nos faz repensar em uma geografia que entenda a população não apenas como um fenômeno que deve ser localizado e quantificado, mas que possui contradições com influencias externas e que está em constante mudança.

Para Zelinsky (1966, p.17):

“A geografia da população pode ser definida com precisão como a ciência que trata dos modos pelos quais o caráter geográfico dos lugares é formado por um conjunto de fenômenos de população que varia no interior deles através do tempo e do espaço, na medida em que seguem suas próprias leis de comportamento, agindo uns sobre os outros e relacionando-se com numerosos fenômenos não-demográficos”

Com isso, o autor nos faz pensar na utilização de duas categorias importantes para a análise: o espaço e o tempo. A população se modifica ao longo do tempo e sofre modificações por conta do espaço, assim como o modifica. Por isso se faz relevante pensarmos na elaboração de um estudo que tenha enfoque nos fenômenos espaciais e suas modificações pelos seres humanos, mas não deixar que a pesquisa se torne atemporal, pois esses fenômenos devem ser acompanhados com constância. Ou seja, no caso do censo animal, para sua elaboração, entendemos como primordial a realização de um levantamento de dados anuais da população de animais urbanos, visto que essa população sofre interferências externas ao longo do tempo - como já elencado pelo autor - e devemos considerar cada lugar e suas especificidades; como por exemplo, bairros que apresentam maiores fatores de vulnerabilidades como: maior número de animais abandonados, maior número de animais doentes, ou que os tutores não possuem condições financeiras para manter a qualidade de vida do animal, devem ser acompanhados com maior atenção.

A cerca da questão de método e compreensão dos fenômenos, Damiani (2015) nos atenta para destruição do objeto de estudo - população - como forma inicial de análise; devemos, primeiramente, entender os fatores que muitas vezes se mostram como abstratos, na tentativa de decifrar elementos mais simples, mas que são essenciais para desvelarmos o fenômeno pesquisado em toda sua complexidade e concretude. A partir disso, teremos uma análise mais completa e uma maior conservação do levantamento de dados, sendo estes não passíveis de manipulação de interesses, mas sim, a própria demonstração da realidade. Nesta pesquisa, esta forma de tratar com as partes e o todo de forma integrada, também, são adotados nas análises dos discursos dos sujeitos pesquisados, nas quais as partes são trabalhadas em suas essências em cada um dos discursos e posteriormente se faz uma análise do todo, de todas as unidades extraídas dos discursos dos sujeitos, numa tabela nomotética, que possibilita identificar as convergências e as individualidades das unidades, e mesmo as divergências se for o caso, desta forma é possível compreender o todo do que foi interrogado aos sujeitos no que se refere ao que é, e como é possível realizar um censo dos animais urbanos.

Com isso, entende-se que o resgate epistemológico e reflexões sobre métodos e técnicas nos possibilitam repensar nossa própria práxis enquanto pesquisadores já que muitas vezes, somos influenciados pelas próprias instituições acadêmicas a padronizarmos

as pesquisas a um modelo de ciência que se faz hegemônico e indiscutível, porém que não traz inovação e nem a construção de novos conhecimentos.

3.4 - Importâncias e benefícios da realização de censo demográfico com enfoque no viés qualitativo

Após repensarmos alguns aspectos sobre a formalização da análise de população na geografia baseada na ciência positivista, entendemos que é se faz necessário propor outros meios que possibilitem uma análise mais completa desses fenômenos, elencando alguns aspectos que priorizam o uso de métodos qualitativos para contribuição de censos demográficos humanos já pensados posteriormente por outros pesquisadores. Tendo como base essas reflexões, é possível chegar-se a compreensão do fenômeno estudado, ou seja, a compreensão de como é possível realizar-se um Censo Animal.

De acordo com Zelinsky (1966) a Geografia da População ainda se mostra muito dependente do uso de documentos oficiais de informações básicas sobre a população, que na maioria das vezes não apresentam dados confiáveis. O autor então, nos faz uma ponderação à cerca das técnicas de pesquisa por amostragem, que quando bem feitas por especialistas da área da geografia econômica ou demógrafos, podem oferecer grande ajuda para realização de trabalhos iniciais. Faz-se necessário para o levantamento desses dados a formação de uma equipe de pesquisadores restritos a pesquisa de campo, que possam observar e/ou aplicar entrevistas na amostra escolhida, e assim, por meio desta, obter dados globais desejados. É sabido que algumas características da população podem ter variações muito rápidas e se manifestar de forma dinâmica no espaço geográfico, nestes casos se faz necessário uma investigação mais completa, porém a análise por amostragem se mostra eficaz em muitos deles.

No caso da elaboração do Censo Animal, entendemos a realização da técnica por amostragem como uma forma eficaz e que nos possibilita um melhor custo benefício em relação a outros meios, como por exemplo, a realização do censo propriamente dito. Um bom exemplo disso, assim como também, com intuito de exemplificar as vicissitudes elencadas acima; podemos citar o trabalho realizado no município de Rio Claro – SP, pelo projeto de extensão da UNESP “Dimensionamento da População Canina de Rio Claro – SP” coordenado pela Prof.^a Dra. Selene Maria Coelho Loibel. Neste projeto foram

estudadas várias técnicas de amostragem, a fim de eleger qual seria a mais adequada para a quantificação dos cães no município. Segundo Medeiros (2013), que realizou um trabalho juntamente a esse projeto de extensão, conclui-se que a amostragem estratificada seria o melhor caminho para obtenção de resultados mais precisos. É importante destacar também que de acordo com Medeiros (2013) a escolha da variável foi algo difícil, já para este objeto de estudo, não existiam pesquisas posteriores que especificassem os dados sobre a população de cães e gatos no município; por isso optaram pelo uso de dados de renda econômica da população humana fornecidos pelo IBGE e pela Prefeitura Municipal de Rio Claro. Destaca-se, também, importância de continuação deste projeto ao longo dos anos, pois a amostragem deste trabalho pode ser utilizada como piloto para a realização de novas estratificações da população canina, facilitando e melhorando ainda mais os resultados.

A cerca do crescimento da população, Damiani (2015) indica que a análise diferencial entre natalidade e mortalidade pode ser uma alternativa para resultados mais precisos quando feita em conjunto com uma análise de distribuição local, como por exemplo, investigações por quarteirão. Assim como: “o dado de fecundidade afinaria a taxa de natalidade, pois indicaria as perspectivas de evolução do crescimento da população” (DAMIANI, 2015, p.58). Com isso, se faz possível pensar que essas análises também podem trazer grandes contribuições à formulação do Censo Animal. Pode-se incluir nos questionários aplicados em domicílio perguntas referentes ao nascimento de novos filhotes, animais adultos não castrados, e também idosos. Assim, poderíamos obter um panorama sobre os estratos dessa população de animais, bem como a condição que estes se encontram. Por meio da organização desses dados por bairro e por classificação de animais por idade, seria possível a aplicação de ações em prol dos mesmos de forma localizada, tanto na questão espacial como no atendimento dessa população de forma que cada parte desta fosse atendida conforme suas maiores necessidades, como por exemplo: no caso de animais férteis o investimento principal seria em castração, os animais idosos na saúde e em doenças graves por conta da velhice, e animais filhotes a realização de iniciativas para adoção responsável desses animais, etc.

Em relação à aplicação dos questionários, temos que considerar uma possível distorção da realidade, pois existe uma série de fatores sociais que contribuem para que o sujeito entrevistado não responda as questões com veracidade. Zelinsky (1966) nos motiva

a pensar sobre as diferenciações das respostas entre as classes sociais dos pesquisados, que acabam por incidir nos resultados da pesquisa:

“Entre povos de nível técnico relativamente limitado, há difíceis problemas além dos administrativos, para encontrar os fundos e o pessoal necessários: ignorância suspeita, hostilidade e, ocasionalmente, informação subestimada por parte dos que são sujeitos ao censo...” (p.35 e 36).

Desta forma, no caso do Censo Animal, é de extrema importância que se faça um trabalho de conscientização sobre guarda responsável e adoção consciente, demonstrando que o projeto de censo demográfico voltado para um determinado município é um trabalho que beneficia a população, sendo este não objeto para repressão dos sujeitos entrevistados; mas sim, fazê-los enxergar que são, também, agentes contribuintes e participativos da própria elaboração de um mecanismo para melhoria de seus animais, e que assim, os dados coletados ficarão cada vez mais próximos da realidade atual, sem que haja grandes distorções.

Mediante os apontamentos expostos acima com base, também, no importante estudo realizado por Zelinsky (1966), pôde-se entender que apesar dos dados de documentos oficiais não serem totalmente seguros, ou no caso de países pobres, inexistentes; há alternativas para iniciar estudos de população. Outro exemplo disso citado pelo autor é o uso de documentos oficiais de caráter econômico, estes apesar de não terem dados demográficos podem levantar possibilidades de dedução sobre características da população em si. Com isso, nos faz pensar que para elaboração do Censo Animal, por se tratar de algo novo, nunca realizado até o seguinte momento e com dados demográficos inexistentes; os dados econômicos podem ser relevantes para uma análise mais completa, como por exemplo: dados sobre mercadorias vendidas voltadas ao público dos pets, atendimento veterinário em clínicas particulares ou atendimento público (como por exemplo, no centro de zoonoses), número de castração anual realizado pela prefeitura ou clínicas particulares, entre outros.

Outra questão levantada por Zelinsky (1966) é a importância do uso dos mapas, o autor elenca que este é uma ferramenta indispensável para a análise populacional apesar de ter empecilhos que podem dificultar a representação do real, como por exemplo,

acompanhar nas representações as mudanças bruscas em que o fenômeno se manifesta e suas modificações. Porém, entendemos que atualmente com todo o aparato técnico e com uma série de programas de computador voltados para elaboração dos mapas, esses problemas são facilmente solucionados devido à eficácia e também facilidade em modificar as representações à medida que os dados concretos se modificam. Segundo Pierre George (1972) a utilização de mapas facilita o trabalho dos geógrafos, que pode conduzir a pesquisa de campo e por meio dessa representação, assim como, também, é possível elucidar os problemas que se apresentam na realidade, ou seja, no terreno estudado. Com tudo, é preciso ressaltar que o estudo empírico do terreno não deve ser esquecido em contraposição ao uso dos mapas, esse é o principal equívoco quando utilizamos esse recurso. A partir disso, entendemos que se faz de extrema importância a produção de mapas no projeto de Censo Animal após a fase de levantamento de dados; é uma ferramenta que quando usada de forma qualitativa pode ajudar na compreensão do fenômeno estudado e facilita a leitura da realidade por meio das representações cartográficas.

3.5 - A importância da construção do censo demográfico para os animais por meio da visão senciocêntrica: Políticas Públicas e Planejamento Urbano

O problema em relação aos animais de companhia (população canina e felina) tem se agravado cada vez mais; a problemática aborda desde animais em condições de extremo abandono ou que possuem um lar - mas permanece a maior parte do tempo nas ruas-, gerando uma série de desdobramentos negativos que atingem diretamente essa população fixa e transitória, sendo alvos de condições ambientais precárias; ficam expostos ao frio, a fome, sede. Assim como aos perigos urbanos; como condições de trânsito (vítimas de atropelamento), exposição à ações de violência; como envenenamento, agressão física, zoofilia e maus tratos animais. Outro extremo deste iceberg, que trataremos ao longo deste trabalho é a questão da reprodução desses animais, que por justamente estarem à mercê das ruas acabam procriando outros animais que também ficarão expostos aos mesmos riscos que seus familiares, e assim, gerando o aumento progressivo da população canina e felina. Um exemplo da dimensão dos fatos levantados acima é o caso do município de Rio Claro – SP, que de acordo com a pesquisa realizada por Medeiros (2013) a cidade se encontrava, em 2012, com o dobro de animais recomendado pela Organização Mundial de Saúde que

estabelece a proporção de 1 cão para cada 7 humanos. Neste trabalho foram realizadas 2.000 entrevistas, em que se constatou o número total de 1.810 animais localizados em 1.131 casas, ou seja, 1 cão para 3,5 humanos.

Levando em conta todos esses aspectos, este trabalho visa levantar questões sobre direitos animais e o direito de ocupação espacial (de forma adequada) desses indivíduos dentro do espaço urbano, assim, necessitando criar políticas públicas específicas para o atendimento dessa população, de forma que, não apenas se vise à saúde pública dos humanos em si, mas também, assegure a qualidade de vida desses animais.

Historicamente, os problemas relacionados aos animais de companhia são tratados apenas como casos de saúde pública. Cães e gatos são caracterizados apenas como vetores de doenças, - caracterização advinda de uma lógica e ideologia pautada em preceitos especistas/ antropocêntricos -, por isso, as instituições governamentais acabam buscando tentativas de minimizar os problemas relacionados somente à saúde e qualidade de vida humana, suprimindo a responsabilidade moral referente aos animais não humanos, ou seja, vidas também sencientes.

Por sua vez, neste panorama de relação entre propriedade e proprietários, órgãos governamentais de várias escalas políticas, como por exemplo, as prefeituras e o Centro de Controle de Zoonoses, acabam por tomar decisões que atingem de forma negativa a vida desses animais. Em grande parte, as soluções para casos de abandono ou doenças, é o abrigo de animais; onde ficam confinados, encarcerados, sem direito a liberdade, à espera de adoção responsável ou a morte.

Segundo Moreira (2013) a prática de captura de animais e eutanásia, assim como, a aplicação de leis e regulamentos para tutores menos responsáveis com o controle de seus animais, é uma ação tradicionalmente realizada pelas instituições públicas. A prática apesar de ser muitas vezes vista como mecanismo para redução de gastos, na maioria dos governos municipais, se mostra na realidade apenas como mais uma forma de infringir dor e sofrimento a cães e gatos, sem nenhuma justificativa moral e o dinheiro público acaba sendo utilizado em um controle ineficaz, visto que as despesas se tornam mais altas, pois qualquer redução na população de animais é rapidamente aumentada pela reprodução dos mesmos, que tendem a repor e aumentar o mais rápido possível o número de indivíduos. Segundo Zelinsky (1966); diferentemente dos humanos, em que a procriação sofre

variações interculturais, os animais por uma questão de instinto, possuem uma forte tendência em manter o tamanho máximo de sua população.

Entende-se que, o problema dos maus tratos animais é algo inerente e resultante de uma ação humana, de domesticação dos mesmos. A domesticação não é algo natural, mas que foi naturalizada ao longo do tempo e que hoje, assim como não é a melhor solução “eutanasiar”, ou em outras palavras, exterminar grande parte da população canina e felina localizadas nas ruas, - seja esta por representar uma “ameaça física” ou gastos públicos financeiros / gastos individuais (de cada tutor) -, também não é uma solução viável excluir ou ocultar a nossa responsabilidade moral enquanto humanos em relação a um erro histórico; porém que se faz atual em relação aos animais não humanos, e neste caso em específico, aos animais de companhia.

Por meio do Planejamento Urbano há a possibilidade de abarcar questões da causa animal conjuntamente com as questões humanas, porém justamente por uma série de fatores (já citados) culturais, sociais, e antropocêntricos não o fazem. A ideia central desse trabalho é buscar a elaboração de um planejamento urbano voltado para a população felina e canina, que atualmente, ainda encontra-se esquecida pelo Estado e também dentro de nossa própria esfera pessoal/individual. Após o levantamento dessas questões sobre o valor real e a condição dos animais dentro da sociedade e, logo, a identificação de inúmeros problemas de cunho ético e moral relacionados a exploração animal, podemos reconhecer que esta é também uma população/grupo que está em alto nível de vulnerabilidade social, e só assim, podemos começar a pensar conjuntamente e planejar ações que visem melhorias na qualidade de vida desses animais.

O Planejamento Urbano deve considerar a cidade no tempo, sua constituição histórica e as condições materiais existentes, sendo este pensado de forma coletiva e participativa, em que se considere os desejos da cidadania e não se limite a produção de ações autoritárias (PINTAUDI, 2007). Segundo Sousa (2003), o planejamento é um desafio que se coloca de imediato, a tarefa de planejar é o esforço da imaginação para o futuro. Para realização desse planejamento é imprescindível levantar as problemáticas e características reais do objeto de estudo, se faz necessário que o planejamento seja conduzido com base em uma reflexão anterior às ações, sobre o contexto atual e seus desdobramentos, ou seja, o detalhamento e a realização de um prognóstico. Além disso, há outros aspectos importantes para serem

criticados e evitados que envolvem o planejamento como, por exemplo, as ideias cartesianas ou de linearismos, pois estas estão em constante tentativa de prever de forma antecipada os acontecimentos, processos complexos e até mesmo as evoluções dos fenômenos sociais. Nessa abordagem, se faz uso de uma ideia mecanicista/organicista utilizada frequentemente nas ciências naturais, das quais são usadas de forma estrita para análise de problemas sociais. Ademais, o grande questionamento se dá no dilema em que as ciências humanas sempre enfrentaram certas “barreiras metodológicas”, já que não poderiam fazer uso de um modelo preestabelecido pelas ciências exatas/naturais, teriam então de criar novas metodologias que focassem no estudo da humanidade não fragmentada, mas sim sua totalidade em si, para melhor compreensão do objeto estudado; o contrário do positivismo que separa o objeto em partes e tenta explicá-lo, medi-lo, mas nunca entende-lo em sua essência. (LIMA, 1989).

Considerando esses estudos anteriormente citados, devemos elencar alguns aspectos éticos e repensar nossa relação com os animais não humanos, recriando um Planejamento Urbano e um censo demográfico que considere a vida desses animais, assim como a existência dos mesmos em ambiente urbano, ou seja, utilizam de espaços comuns aos humanos e devem obter o direito à cidade, de forma adequada.

Justifica-se, portanto esta pesquisa, pois apoia e contribui para o entendimento e propõe soluções para as péssimas condições e qualidade de vida dos animais de companhia situados em ambiente urbano. Aqui vamos buscar e apresentar medidas compensatórias/mitigatórias ao problema estrutural em si sobre a condição animal e ações diretas ao problema atual da população canina e felina.

4 - SITUANDO O FENÔMENO

Este trabalho situa o fenômeno da compreensão de como realizar um censo animal que ativistas do direito animal e pesquisadores acadêmicos possuem no intuito de desvelar os significados que cada sujeito atribui ao censo animal e suas possíveis reflexões para concretude do mesmo.

Por meio da coleta de discursos que revelam percepções, valores, e visões de mundo escolhemos analisar sujeitos que possuem o *mundo vida* intrinsecamente ligado ao fenômeno estudado. Foram coletados discursos de um geógrafo, uma demógrafa, e três

ativistas dos direitos animais. Os dois primeiros foram escolhidos na intenção de uma análise e reflexão mais profunda a cerca da elaboração teórica do próprio censo, a fim de relevar aspectos voltados a essa ciência, que possam contribuir em termos técnicos para elaboração de um futuro projeto de censo animal. Em relação a eleger alguns sujeitos que são ativistas da causa animal, aqui a intencionalidade da pesquisadora foi examinar, por meio das experiências desses sujeitos, informações em torno da necessidade dos próprios animais, visto que estes não possuem vozes para que seus direitos sejam protagonizados, e até por haver muito preconceitos especistas que os animais devam ter direitos. É importante elencar que dois desses sujeitos elaboraram projetos voltados para melhoria da qualidade de vida de cães e gatos e que já possuíam conceitos pré-elaborados sobre ambos os temas.

A intenção de se debruçar ao estudo de diferentes *mundos vidas*, de diferentes áreas, foi algo intencional da pesquisadora, por entender essas variadas experiências como relevantes para o entendimento do fenômeno estudado, visto que este fenômeno trata de uma questão de justiça social. Assim, se faz presente aqui, a busca por possíveis soluções de melhorias na condição de vida dos animais de companhia dentro do espaço urbano e que esta deve se concretizar com urgência. Por isso, a extensa análise desses discursos se fez como um caminho possível para repensar mudanças mais amplas e aplicáveis no real.

5- INTERROGAÇÃO

5.1 - Interrogar permite um desvelar de significados

A pesquisa fenomenológica está dirigida para atribuições de significados, para chegar às expressões claras sobre as percepções que o pesquisador possui sobre o seu sujeito de pesquisa que expressa sua compreensão sobre aquilo que está sendo pesquisado.

Ao deter-se no significado expresso pelo sujeito sobre sua experiência, o pesquisador descobre certos determinantes sobre as situações e sobre o sujeito; essas situações, caso descobertas como genuínas, podem apresentar-se ao pesquisador como dados. No entanto, o pesquisador não está apenas interessado nos dados, mas também nos significados atribuídos pelo sujeito; esses significados podem variar de sujeito para sujeito.

O alvo da investigação é chegar aos significados atribuídos pelos sujeitos à situação que está sendo pesquisada; os dados obtidos são as situações vividas que foram

conscientemente tematizadas pelo sujeito; e os significados são os aspectos do evento que o sujeito possui conscientemente.

A interrogação deve ser feita de forma que o sujeito consiga se expressar livremente, sem que o pesquisador faça qualquer tipo de juízo de valor, ou induza o sujeito a responder o questionamento segundo interesses específicos da pesquisa. É importante ressaltar que a fenomenologia não possui a pretensão de obter resultados rígidos e objetivos, que se mostram como verdades absolutas, mas sim, fazer uso de um rigor metodológico em busca de trazer à tona a essência dos fenômenos tais como eles são. De acordo com Nogueira (2005), a fenomenologia nos dá embasamento para isso, para a interpretação das experiências dos sujeitos tal como estes a demonstram, ou seja, como são na realidade.

A interrogação dirigida a sujeitos experientes e que podem falar do fenômeno nesta pesquisa:

“O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?”

Esta pergunta foi elaborada de forma a considerar os aspectos citados à cima, bem como, ser um meio para a compreensão de como realizar um censo demográfico voltado para a população animal; visando desvelar a essência do fenômeno por meio do *mundo vida* dos sujeitos, tanto pesquisadores da área da geografia e demografia a fim de entender e pensar na própria elaboração de um método para tal, bem como pessoas que estão inteiramente ligadas ao tema dos direitos animais, expondo questões para compreensão da realidade dos animais não humanos. Com isso, a intenção deste trabalho é concentrar experiências múltiplas de vários sujeitos ligadas a áreas distintas, mas que se complementam na elaboração de um futuro projeto de censo animal, considerando que:

“Pensaremos os sujeitos das pesquisas não mais como meros informantes dos dados necessários para a pesquisa, mas que sejam também reconhecidos como autores, pois a experiência vivida por eles será a principal fonte de interpretação de nossas reflexões.” (NOGUEIRA, 2005, p.10244)

Por tanto, entende-se a construção do referente trabalho como forma de entendimento do fenômeno estudado através do mundo vivido por cada um dos sujeitos, não se mostrando como fim, mas sim, como um meio de repensar novas soluções a cerca do tema.

6- METODOLOGIA

O método a ser utilizado para este trabalho é o Método da Pesquisa da Análise da Estrutura do Fenômeno Situado (MARTINS; BICUDO, 1989).

Inicialmente é preciso esclarecer que este método não convencional de pesquisa tem sua especificidade. Faz-se necessário situar o fenômeno e propor uma interrogação.

A pesquisa fenomenológica propõe “ir à coisa mesma”, ou seja, àqueles que experenciam em seu mundo-vida o fenômeno interrogado e podem falar sobre ele.

Martins e Bicudo (1989) alertam sobre os cuidados que se deve tomar para realizar a Pesquisa Qualitativa da Análise do Fenômeno Situado. Por exemplo: não é possível falar em pesquisar aprendizagem, ansiedade, solidão, entre outros temas, como ocorre na pesquisa empírica positivista. Os acontecimentos não podem ser considerados em si, como realidades objetivas. Faz-se necessário sair do dualismo sujeito-objeto, mundo exterior, mundo interior.

Martins e Bicudo (1989), expõem:

“A pesquisa qualitativa, segundo essa abordagem, precisa, de início, situar o fenômeno. Isso quer dizer que só há fenômeno psicológico enquanto houver um sujeito no qual ele se situa. Assim, o pesquisador está no sujeito que está aprendendo, no sujeito que está ansioso, no sujeito que está com medo, etc. Há sempre um sujeito, em uma situação vivenciando o fenômeno.” (p. 75)

Numa metodologia fenomenológica não se trabalha com “problemas”. Divergente da forma convencional do positivismo que se preocupa com os fatos; construindo relações de causalidade, e que podem ser controlados e repetidos. A fenomenologia dirige-se para a descrição, dos fenômeno em si. (BOEMER,1994)

Com o uso da fenomenologia não se quer chegar a princípios explicativos ou teorias sobre o fenômeno a “priori”, porém isso não significa que o pesquisador não pense, ou esteja num “campo vazio”. O método ao invés de concentrar-se num modelo explicativo ou teoria, dirige-se para elaborar uma interrogação ao mesmo tempo em que se deve fazer a recusa constante de conceitos prévios, evitando que quaisquer teorias influenciem no exercício de interrogar. O pesquisador ao interrogar os sujeitos que vivenciam o fenômeno poderá obter descrições destes fenômenos e chegar uma compreensão das partes e do todo deles através das descrições dos sujeitos interrogados.

Ao analisar o fenômeno, ao invés de “problematizar”, o que se pretende não é obter-se uma resposta ou explicação, mas sim, descrever e, portanto, desvelar e esta “iluminação” será atingida por meio da interrogação do pesquisador. O pesquisador dirige sua consciência para descobrir os reais significados e explorar o fenômeno de todas as formas possíveis para atingir a compreensão do mesmo. Segundo Boemer (1994, p.87, apud MARIANO, 1990):

“Apesar de haver um foco de direção, esta abordagem requer flexibilidade de ‘modelo’, tempo para o fenômeno emergir, exploração e descoberta, diferentes percepções e múltiplas realidades, paciência com o inesperado, “insight” para perceber significados no contexto e disponibilidade de aceitar mais que uma verdade. Outro ponto relevante é a ‘educação humanística’. Os alunos precisam Ter um genuíno interesse em ‘ir às pessoas’, um desejo de compreender outras perspectivas e uma consciência para ver a relação pesquisador/sujeito como bilateral”.

Segundo Martins e Bicudo (1989), o pesquisador inicia o seu trabalho interrogando o fenômeno; o (a) pesquisador (a) fenomenólogo (a) deve respeitar as dúvidas existentes sobre o fenômeno pesquisado procurando mover-se lentamente e cuidadosamente de forma que ele possa permitir aos sujeitos trazerem à luz o sentido por eles percebido sobre o aquilo que se pesquisa. Para os autores, o investigador, de início, está preocupado com a natureza do que vai investigar e não existe para ele compreensão prévia do fenômeno; ou seja, ele não possui princípios explicativos, teorias ou qualquer indicação definidora do fenômeno.

Para a elaboração da pergunta sobre o fenômeno, é necessário que o pesquisador tenha grande conhecimento sobre o tema, pois assim seu pré-reflexivo será maior do que algo que desconhece. Isso possibilita que o pesquisador experiencie o momento da *epoché*, ou seja, permite colocar o fenômeno em suspensão com um olhar atento ao mesmo. Com isso, o fenômeno estará diante dos olhos de quem investiga, e assim, deve-se captar, por meio das descrições de experiências dos entrevistados, a essência do fenômeno em si (BOEMER,1994). Após a elaboração da pergunta central do fenômeno e posteriormente a coleta de discurso, o pesquisador deve analisar toda a descrição de forma integradora, colocando-se no lugar do sujeito a fim de buscar significados de atribuição dos sujeitos, assim como este os atribuiu. (BOEMER,1994)

6.1 - Análise Ideográfica

Esse tipo de análise refere-se ao emprego de ideogramas, ou seja, representação de ideias por meio de símbolos; trata-se da análise da ideologia que permeia as descrições ingênuas do sujeito.

O pesquisador deve ler cada descrição individual ingênua e procurar analisá-la psicologicamente, expressando o que encontra na forma que lhe parece mais reveladora no caso particular investigado; dessa forma, ele estará isolando as unidades de significado para fazer a sua análise psicológica.

Momentos da análise ideográfica: *imersão empática no mundo da descrição, ampliação da situação, suspensão da crença e interesse intenso e passagem dos objetos para os significados.*

Dispondo-se a analisar as descrições segundo os momentos antes sugeridos, o pesquisador se envolve com atividades específicas, mencionadas a seguir: *uso de uma linha existencial básica, pensar sobre o julgamento, penetração nos horizontes implícitos, fazer distinções, as relações dos constituintes do fenômeno, a tematização dos significados e motivos repetidos, a interrogação de opacidades, a variação imaginativa e visão da essência do fenômeno, a expressão do sentido em forma de linguagem e a verificação, modificação e reformulação.*

6.2 - Análise Nomotética

O termo nomotética refere-se à normatividade ou às generalizações que decorrem do tratamento dos dados factuais e que terminam como princípio do poder da lei.

A ciência empírica despreza a análise ideográfica, dando preferência à análise nomotética; para a fenomenologia, a análise nomotética é praticamente impossível, pois os dados com que vai lidar provêm da análise ideográfica ou estrutura psicológica individual, indicando um movimento de passagem do individual para o geral.

Os momentos da análise nomotética são os seguintes: *busca dos insight gerais das estruturas individuais, comparação de sujeitos, variação imaginativa e formulação explícita de generalidades.*

O primeiro momento diz respeito à comparação das psicologias individuais obtidas umas com as outras, procurando divergências e convergências; as mesmas, quando

registradas no vernáculo, passam a ser afirmações que podem se tornar gerais e característicos de uma estrutura de uma estrutura psicológica do fenômeno.

Já no segundo momento apresentado acima, a variação imaginativa não é empregada para chegar-se a um insight sobre o essencial do caso individual, como ocorre na análise ideográfica, mas é empregada para chegar a um insight da generalidade essencial.

Na *formulação explícita de generalidades*, o pesquisador precisa expressar, em linguagem vernácula, as verdades gerais por ele encontradas; precisam formular de modo claro o essencial que diz respeito às condições suficientes e necessárias, constituintes e relações estruturais do fenômeno em geral.

A opção pelo método da análise fenomenológica é justamente para desvelar, trazer a luz, esta situação que muitos governantes, o poder público, tem como um problema insolucionável, mas que na verdade requerem medidas simples que podem melhorar muito a vida dos animais que vivem em centros urbanos.

Numa primeira parte o trabalho revelará como pré-reflexão discutirá os benefícios que o censo animal promove. Numa segunda parte o trabalho utilizará como forma de análise, o discurso de protetoras e ativistas da causa animal, assim como profissionais da área da geografia e demografia, a fim de encontrar soluções viáveis e estratégias em como criar um censo animal com viés qualitativo para que assim, possamos começar a repensar um planejamento urbano voltado para os problemas dessa população, ou seja, um planejamento urbano que inclua os animais em suas ações de gestão.

Constituição de Dados

Foram coletados cinco discursos para realização da análise ideográfica e nomotética. Estes discursos foram gravados por áudio e depois transcrevidos, analisados e reduzidos às suas unidades de significados, conforme indica o método. Após essa etapa, é feita a análise nomotética que tem como função integrar os discursos de forma a levar a compreensão do fenômeno em sua totalidade. Os sujeitos foram elegidos segundo a intencionalidade da pesquisadora que busca trazer à tona, por meio dos discursos coletados, pontos significativos para elaboração de um censo demográfico voltado para os animais urbanos. Por esse motivo, dentre os cinco sujeitos; três deles são ativistas da causa animal e dois são pesquisadores formados na área de geografia e demografia, visto que dois dos entrevistados

já tiveram a experiência em elaboração de projetos para animais de companhia. Entendemos essas experiências como uma compreensão da realidade e uma forma de pensar coletivamente, por meio das vivências, possíveis melhorias para tamanha injustiça e descaso público da população animal.

As unidades de significados de todos os discursos foram divididas em 24 grupos de assuntos que permeiam o censo animal urbano, para facilitar a construção dos resultados e organizar a análise das unidades de significados em suas convergências e divergências durante as análises de significados dos cinco discursos coletados, a compreensão do leitor e a própria análise da pesquisadora, decidiu-se separar por cores cada uma das categorias de análise. Com isso, apresenta-se na página 119, uma tabela em que se especifica cada categoria fazendo a diferenciação por cores, bem como os signos de convergência e divergência.

7- Discurso I:

O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?

Bom, quando você me pergunta ¹[o significado de fazer um censo animal, é... veja bem. Eu acho que seria um avanço total para os animais porque com o censo você poderia realmente identificar a população de uma cidade, de um estado, de um país] em relação ao número mesmo, a quantificação desses animais né? Mas aí não seria só essa quantificação, que seria importante, seria importante também ²[ter indícios de como que estão esses animais, onde eles são localizados, qual é a situação de vida deles, a qualidade de vida,] né? É, então, como eu faria um censo, aí seria uma segunda questão, é, primeiro, a parte prática do censo eu acho que tendo, ³tendo uma equipe que é designada para fazer um censo, aí a coisa funcionaria né? Aí você conseguiria fazer realmente um censo através do IBGE, através de um órgão que realmente tivesse uma equipe para fazer isso} e soubesse fazer isso de forma estatística, que é realmente o trabalho deles, eles dariam conta de fazer isso.

O que seria necessário, pensar é como encaminhar, né? Essas, ⁴[essas perguntas para as pessoas que tem animais e basicamente acho que o início seria: Quantos animais você possui na sua casa? Essa é a pergunta básica, acho que não dá para se fugir disso em termos da quantificação, né? Quem são esses animais? Aí você começa a ter a identidade dos

animais, começa a ter um registro geral dos animais que é um RG e tal. Isso é muito importante, porque, volto a falar da primeira questão: o significado. Isso ajudaria muitos os animais, é, no sentido de respeitar eles, no direito a vida que eles tem, né? Se você é uma pessoa que não tem documento, se você é apenas mais um cachorro ou mais um gato né? As pessoas não levam em consideração esse ser, como um ser diferenciado. A partir que seja um gato que tenha um identidade, que tenha um nome, que tenha um endereço, ele passa também a ter mais respeito diante da cidade, porque também ele passa a ser mais protegido né? Principalmente nessa parte de maus tratos, aí sim é uma ajuda enorme pros animais, porque você conseguiria saber se esse animal tá sendo agredido, se ele tá com risco de vida, se ele tá ameaçado, e ele passa a ter mais autonomia de vida né? Ele passa a ser um ser né? Não passa a ser só uma mercadoria, ou uma coisa, ou um objeto. Ele passa a ter realmente um direito dentre os outros seres viventes com uma identidade própria, ele tem uma identidade própria, ele passa a ter um direito]. Então, ⁵[quantos animais?, segunda: pergunta quem são esses animais? Se é gato, se é cachorro, quantos anos, né? É, poderia ter um histórico de doenças passadas desses animais pra se ter uma noção do estado de saúde desses animais, da qualidade de vida que eles estão tendo né? Hãaa, dentro desse histórico de doenças passadas, poderia se ter, também, a questão da base que se é obrigada a ter que são as vacinas, né? Se os animais estão sendo protegidos, tão recebendo essa cobertura de vacina ou não, né? Se são castrados ou não castrados. Porque aí você tem um levantamento da potencialidade da população, do aumento ou não dessa população, né?] É, mas eu diria assim, que o mais difícil do censo é você ⁶[ter o censo residencial é mais importante. né? Você conseguindo levantar os animais domiciliados, os animais que não estão domiciliados, ou eles estão abandonados ou eles são animais comunitários, algumas pessoas ajudam, cuidam mas ele está na rua. Tendo essas duas populações: animais domiciliados e não domiciliados e, você tem um maior controle, e uma maior dimensão de como agir com políticas públicas pra esses animais, castração, em termos de medicação, de remédios, veterinários é, uma série de coisas, vacinas]. Então, tendo⁷[tem também uma terceira, um terceiro indivíduo que é aquele animal que é domiciliado mas que tem o costume de ficar na rua, né? Então, esse é uma animal que tem um lar, que tem um lar específico, não é comunitário, não é um animal que fica sempre na rua, tem um lar específico, mas ele saí. Então, para esses animais, também, teria um trabalho com esses

tutores para que colocassem uma identificação nesses animais, para que ele não seja identificado na rua como um animal abandonado ou carente, porque aí pode acontecer até um desvio, né? Por exemplo: “meu animal ele vai passear durante a manhã e na hora do almoço ele volta aqui direitinho,” só que nessas caminhadas, nessas passeadas alguém pode achar que aquele animal é abandonado e pegar e levar ele pra outro lugar e tentar cuidar dele por ser abandonado, e ele perde o seu primeiro lar, seu tutor que tinha um laço de afeto. Então, acho que é preciso ter nesse censo alguma coisa que já identifique que tipo de locomoção que esse animal faz, se é um animal só caseiro ou se ele passeia pela cidade, né? Mas o mais importante é você, também, com isso, conseguir identificar quem realmente são os animais comunitários e quem realmente são os animais, quais são os animais abandonados. Aí sim, uma política pública, aí dos órgãos públicos, eu falo órgão público é a prefeitura que pode tá sendo acionada pra que cuide desses animais e os encaminhe, também, a lares temporários ou permanentes, pra que eles não fiquem assim, é, totalmente vulneráveis na situação da rua, que é muito ruim.] Ah, as vezes a pessoa fala assim: “Ah! O animal tem que ser livre, tem que andar”, mas 8[a rua é muito cruel principalmente pra cachorros e gatos. Então, eles passam fome, passam frio, chuva, ficam doentes e não tem quem cuide. Então, esses animais precisariam ter uma identificação própria pra que eles pudessem ser ajudados pelos órgãos públicos, porque desde 1932 o Estado é responsável pelo animal, desde a Constituição de Getúlio Vargas, e isso não mudou tá lá. É, só que ninguém leva em consideração, os órgãos públicos fazem vistas grossas, ficam postergando, adiando a questão dos animais, mas eu acho que é esse é um momento que não dá mais pra se fugir. Se a gente quer um mundo mais humano, menos cruel, a gente tem que pensar nesses animais que estão abandonados aí na rua.] 9[E para quais animais que eu falo de se fazer um censo animal? São os animais domésticos e domesticados, não dá para se pensar, pelo menos eu não consigo pensar neste momento em um censo nos animais silvestres, exóticos, não mas tudo bem, com relação a domésticos e domesticados, sim é possível, é viável, e basta dar uma atenção maior pra isso, né?] 10 [Mas para que que isso serve? Bom serve, porque a população de animais domésticos e domesticados é enorme e a gente não tem essa dimensão, né? Tendo essa dimensão você sabe exatamente a quantidade desses animais e quanto empregar na sociedade em termos de recursos mesmo, e não adianta dizer que não existem recursos públicos para isso, porque tem a questão dos

impostos... “Ah, animal não paga imposto!” Não pagam impostos, mas há uma série de fábricas, de indústrias e um forte comércio que é preparado para os animais, os pets, que é dirigidos à eles, e que pagam impostos, né? E aí? Qual que é o destino desse imposto que é pago? Se é pago com relação a mercadoria que é vendida para os animais, onde vai esse dinheiro que não volta para os próprios animais, né? Por exemplo, a gente tem o ICMS que ajuda os universitários, porque é um imposto sobre circulação de mercadoria, mas e os animais? Eles arrecadam milhões por ano dessa indústria do pet, mas o que retorna para os animais? Então, tudo isso, seriam formas de você ter um maior planejamento com uma maior dimensão se você tiver a população, não digo que exata, mas aproximadamente daquilo que é da realidade que está acontecendo.] Então, é importante o censo, 11[como se faz seriam as perguntas básicas, voltando a falar delas: Quantos animais você tem? Quem são esses animais? A identificação de cada um dos animais e ver qual é situação, a condição desse animal atual né? Se ele é um animal novo, pra você ter, também, uma dimensão da idade da população é, ah, tem muito animal velhinho, tem muito animal novinho. E a questão da qualidade de vida é a questão basicamente, qualidade de vida está ligada à ausência de doença vamos dizer assim, mas não só isso, né? Mas a base que diz se a pessoa tem ou não uma qualidade de vida é se ele está doente, se ele está doente ele precisa de cuidados, então, você teria aí o levantamento de como que está essa população de animais doméstico e domesticados, é isso.]

Análise I:

Unidades de significado	Redução fenomenológica	Interpretação.
1.o significado de fazer um censo animal, é (...) que seria um avanço total pros animais porque com o censo você poderia realmente identificar a população de uma cidade, de um estado, de um país	O censo animal é um avanço por definir a população quantitativamente dos animais.	Saber sobre a quantificação dos animais pode ajudá-los.
2.ter indícios de como que estão esses animais, onde eles “tão” localizados, qual é	O censo deve promover conhecimento da situação dos animais em sua qualidade de	O censo pode ser um instrumento que mostra a qualidade de vida dos

a situação de vida deles, a qualidade de vida	vida.	animais.
3.tendo uma equipe que é designada pra fazer um censo, aí a coisa funcionaria (...)conseguiria fazer realmente um censo através do IBGE, através de um órgão que realmente tivesse uma equipe pra fazer isso	A equipe para se realizar o censo é o mais importante, poderia ser através do IBGE	O censo deve ser realizado por uma equipe, do IBGE ou outro órgão que possua uma equipe para isso.
4. (...) essas perguntas pras pessoas que tem animais e basicamente acho que o início seria: Quantos animais você possui na sua casa? Quem são esses animais? Aí você começa a ter a identidade dos animais, começa a ter um registro geral dos animais que é um RG (...)Isso ajudaria muitos os animais, é... no sentido de respeitar eles, no direito a vida que eles tem né? Se você é uma pessoa que não tem documento, se você é apenas mais um cachorro ou mais um gato. As pessoas não levam em consideração esse ser, como um ser diferenciado. A partir que seja um gato que tenha um identidade, que tenha um nome, que tenha um	Perguntas como “quantos animais você possui na sua casa?” e “quem são os animais?” devem ser o ponto inicial do questionário. A partir das perguntas, é possível obter a identidade e registro dos animais, ou seja, um RG. A partir do registro os animais seriam respeitados no direito a vida. Não tendo documento as pessoas não levam em consideração o ser, como um ser diferenciado. Quando um animal passa a ter identidade ele passa a ser respeitado e protegido na cidade. Na parte de maus tratos é possível saber se esse animal tá sendo agredido, se ele tá com risco de vida, se ele tá ameaçado, e ele passa a ter mais autonomia de vida. O animal passa a ter direito	As perguntas iniciais devem ser como “quantos animais você possui na sua casa?” e “quem são os animais?”. Por meio delas é possível fazer um registro/identidade dos animais como por exemplo RG. E assim, tendo um documento o animal passa a ser visto como ser de direito, diferenciado, respeitado e protegido na cidade. Com o registro é possível identificar a situação do animal em relação aos maus tratos.

<p>endereço, ele passa também a ter mais respeito diante da cidade, porque também ele passa a ser mais protegido né? Principalmente nessa parte de maus tratos, aí sim é uma ajuda enorme pros animais, porque você conseguiria saber se esse animal tá sendo agredido, se ele tá com risco de vida, se ele tá ameaçado, e ele passa a ter mais autonomia de vida né? Ele passa a ser um ser né? Não passa a ser só uma mercadoria, ou uma coisa, ou um objeto. Ele passa a ter realmente um direito dentre os outros seres viventes com um identidade própria, ele tem uma identidade própria, ele passa a ter um direito].</p>	<p>entre outros seres, passa a ter uma identidade própria e passa a ter direito.</p>	
<p>5 (...) quantos animais?, segunda pergunta quem são esses animais? Se é gato, se é cachorro, quantos anos, né? É... poderia ter um histórico de doenças passadas desses animais pra se ter uma noção do estado de saúde desses animais, da qualidade de vida que eles tão tendo (...) dentro desse histórico de doenças passadas, poderia se ter</p>	<p>Perguntas iniciais são: quantos animais? quem são esses animais? No questionário também deve existir o histórico de doenças passadas desses animais para obter informações sobre a saúde dos animais e a qualidade de vida. Se os animais estão com o cronograma de vacinas atualizado e são castrados.</p>	<p>Perguntas iniciais são: quantos animais? quem são esses animais? O histórico de doenças dos animais, cronograma de vacinas atualizado e se são castrados. Assim, podendo identificar dados sobre a saúde dos animais e o possível aumento dessa população.</p>

<p>também a questão da base que se é obrigada a ter que são as vacinas né? Se os animais estão sendo protegidos, tão recebendo essa cobertura de vacina ou não né? Se são castrados ou não castrados. Porque aí você tem um levantamento da potencialidade da população, do aumento ou não dessa população né?</p>	<p>Podendo assim identificar a saúde dos animais a potencialidade do aumento da população.</p>	
<p>6. (...) ter o censo residencial é mais importante. né? Você conseguindo levantar os animais domiciliados, os animais que não estão domiciliados, ou eles estão abandonados ou se eles são animais comunitários, algumas pessoas ajudam, cuidam mas ele está na rua. Tendo essas duas populações: animais domiciliados e não domiciliados e, você tem um maior controle, e uma maior dimensão de como agir com políticas públicas pra esses animais, castração, em termos de medicação, de remédios, veterinários é, uma série de coisas, vacinas.</p>	<p>Importância de fazer um censo residencial, levantando dados referente à animais domiciliados, não domiciliados, abandonados e animais comunitários.</p> <p>Tendo essas duas populações: animais domiciliados e não domiciliados é possível um maior controle e maior dimensão de como agir com políticas públicas como: castração, medicação, acesso à veterinários, vacinas, etc.</p>	<p>Importância de fazer um censo residencial, levantando dados referente à animais domiciliados, não domiciliados, abandonados e animais comunitários. Com isso é possível ter maior controle e dimensão de como criar políticas públicas para melhorar a qualidade de vida desses animais.</p>
<p>7. (...) tem também uma terceira, um terceiro</p>	<p>Existe animais que não são comunitários, possuem um lar</p>	<p>Existe animais que não são comunitários, possuem um lar</p>

<p>indivíduo que é aquele animal que é domiciliado mas que tem o costume de ficar na rua, né? Então, esse é uma animal que tem um lar, que tem um lar específico, não é comunitário, não é um animal que fica sempre na rua, tem um lar específico, mas ele sai. Então, para esses animais, também, teria um trabalho com esses tutores para que colocassem uma identificação nesses animais, para que ele não seja identificado na rua como um animal abandonado ou carente, porque aí pode acontecer até um desvio, né? Por exemplo: “meu animal ele vai passear durante a manhã e na hora do almoço ele volta aqui direitinho,” só que nessas caminhadas, nessas passeadas alguém pode achar que aquele animal é abandonado e pegar e levar ele pra outro lugar e tentar cuidar dele por ser abandonado, e ele perde o seu primeiro lar, seu tutor que tinha um laço de afeto. Então, acho que é preciso ter nesse censo alguma coisa que já identifique que tipo de</p>	<p>fixo, porém saem durante o dia para rua e voltam em um outro período do dia. É importante levar em consideração essa população no censo; fazendo um trabalho com os tutores de forma que houvesse uma identificação desses animais para que esses não sejam confundidos com animais abandonados e ocorra um desvio, ou seja, outras pessoas encontrem esses animais na rua e por pensarem que se encontra em situação de abandono o levem para um outro lar, e assim, este animal acaba perdendo o primeiro lar em que tinha um laço de afeto com seu tutor inicial. É preciso ter no censo algum tipo de identificação se o animal é caseiro ou se ele transita pelo bairro. Identificar quais são os animais abandonados, comunitários e tutelados que passeiam sozinhos durante o dia, para que assim a prefeitura possa ser acionada para que cuide desses animais e os encaminhe também a</p>	<p>fixo, porém saem durante o dia para rua e voltam em um outro período do dia. É importante levar em consideração essa população no censo; visando fazer um trabalho de identificação desses animais para esses não sejam confundidos com animais abandonados e ocorra um desvio dos mesmos para novos lares. Identificar quais são os animais abandonados, comunitários e tutelados que passeiam sozinhos durante o dia, para que assim a prefeitura possa ser acionada para que cuide desses animais e os encaminhe também a lares temporários ou permanentes evitando que se encontrem em situação de vulnerabilidade.</p>
---	---	--

<p>locomoção que esse animal faz, se é um animal só caseiro ou se ele passeia pela cidade, né? Mas o mais importante é você, também, com isso, conseguir identificar quem realmente são os animais comunitários e quem realmente são os animais, quais são os animais abandonados. Aí sim, uma política pública, aí dos órgãos públicos, eu falo órgão público é a prefeitura que pode tá sendo acionada pra que cuide desses animais e os encaminhe, também, a lares temporários ou permanentes, pra que eles não fiquem assim, é, totalmente vulneráveis na situação da rua, que é muito ruim.</p>	<p>permanentes evitando que se encontrem em situação de vulnerabilidade.</p>	
<p>8. (...) a rua é muito cruel principalmente pra cachorros e gatos. Então, eles passam fome, passam frio, chuva, ficam doentes e não tem quem cuide. Então, esses animais precisariam ter uma identificação própria pra que eles pudessem ser ajudados pelos órgãos públicos, porque desde 1932 o Estado é responsável pelo animal,</p>	<p>A rua é cruel para cães e gatos em que passam fome, frio, chuva e ficam doentes sem tutores que cuidem. É preciso fazer uma identificação desses animais para que eles possam ser ajudados pelos órgãos públicos. O Estado é responsável pelo animal desde 1932, pela Constituição de Getúlio Vargas, porém, os</p>	<p>A rua é cruel para cães e gatos em que passam fome, frio, chuva e ficam doentes sem tutores que cuidem. . É preciso fazer uma identificação desses animais para que eles possam ser ajudados pelos órgãos públicos. O Estado é responsável pelo animal desde 1932, pela Constituição de Getúlio Vargas, porém</p>

<p>desde a Constituição de Getúlio Vargas, e isso não mudou tá lá. É, só que ninguém leva em consideração, os órgãos públicos fazem vistas grossas, ficam postergando, ficando a questão dos animais, mas eu acho que esse é um momento que não dá mais pra se fugir. Se a gente quer um mundo mais humano, menos cruel, a gente tem que pensar nesses animais que estão abandonados aí na rua.</p>	<p>órgãos públicos fazem vistas grossas, ficam postergando, adiando a questão dos animais.</p>	<p>isso não ocorre na prática.</p>
<p>9. E para quais animais que eu falo de se fazer um censo animal? São os animais domésticos e domesticados, não dá para se pensar, pelo menos eu não consigo pensar neste momento em um censo nos animais silvestres, exóticos, não mas tudo bem, com relação a domésticos e domesticados, sim é possível, é viável, e basta dar uma atenção maior pra isso, né?</p>	<p>Para quais animais deve-se fazer um censo animal? Animal doméstico e domesticado ainda não é possível pensar censo nos animais silvestres, exóticos. Mas para animais domésticos é uma alternativa viável.</p>	<p>Atualmente o censo animal deve ser feito para animais doméstico e domesticados.</p>
<p>10. Mas para que que isso serve? Bom serve, porque a população de animais domésticos e domesticados é enorme e a gente não tem essa dimensão, né? Tendo</p>	<p>O censo animal serve para diagnosticar a dimensão de animais domésticos e domesticados, em que é possível saber a quantidade desses animais e quanto</p>	<p>O censo animal serve para diagnosticar a dimensão de animais domésticos e domesticados, em que é possível saber a quantidade desses animais e quanto</p>

<p>essa dimensão você sabe exatamente a quantidade desses animais e quanto empregar na sociedade em termos de recursos mesmo, e não adianta dizer que não existem recursos públicos para isso, porque tem a questão dos impostos... “Ah, animal não paga imposto!” Não pagam impostos, mas há uma série de fábricas, de indústrias e um forte comércio que é preparado para os animais, os pets, que é dirigidos à eles, e que pagam impostos, né? E aí? Qual que é o destino desse imposto que é pago? Se é pago com relação a mercadoria que é vendida para os animais, onde vai esse dinheiro que não volta para os próprios animais, né? Por exemplo, a gente tem o ICMS que ajuda os universitários, porque é um imposto sobre circulação de mercadoria, mas e os animais? Eles arrecadam milhões por ano dessa indústria do pet, mas o que retorna para os animais? Então, tudo isso, seriam formas de você ter um maior</p>	<p>empregar na sociedade em termos de recursos. Existem recursos públicos para isso, apesar do animal não pagar impostos diretamente, existem uma série de fábricas, de indústrias e um forte comércio que é preparado para os animais, os pets, que é dirigidos à eles, e que pagam impostos. Se é pago com relação a mercadoria que é vendida para os animais, esses impostos como por exemplo imposto sobre circulação de mercadoria, devem ser utilizados em políticas públicas voltadas para os animais. Tendo ideia da dimensão da população é possível fazer um maior planejamento.</p>	<p>empregar na sociedade em termos de recursos. Esses recursos públicos devem ser retirados de impostos das fábricas, indústrias e comércio de setores que são voltados para os pets, além da parcela de impostos paga sobre a circulação dessas mercadorias.</p>
--	--	---

<p>planejamento com uma maior dimensão se você tiver a população, não digo que exata, mas aproximadamente daquilo que é da realidade que está acontecendo.</p>		
<p>11. como se faz seriam as perguntas básicas, voltando a falar delas: Quantos animais você tem? Quem são esses animais? A identificação de cada um dos animais e ver qual é situação, a condição desse animal atual né? Se ele é um animal novo, pra você ter, também, uma dimensão da idade da população é, ah, tem muito animal velho, tem muito animal novinho. E a questão da qualidade de vida é a questão basicamente, qualidade de vida está ligada à ausência de doença vamos dizer assim, mas não só isso, né? Mas a base que diz se a pessoa tem ou não uma qualidade de vida é se ele está doente, se ele está doente ele precisa de cuidados, então, você teria aí o levantamento de como que está essa população de animais doméstico e domesticados, é isso.</p>	<p>Perguntas básicas para elaboração do censo animal: Quantos animais você tem? Quem são esses animais? A identificação de cada um dos animais e ver qual é situação, a condição desse animal atual né? Se ele é um animal novo, pra você ter, também, uma dimensão da idade da população. E a questão da qualidade de vida é a questão basicamente, qualidade de vida está ligada à ausência de doença vamos dizer assim, mas não só isso, né? se ele está doente ele precisa de cuidados, então, você teria aí o levantamento de como que está essa população de animais doméstico e domesticados.</p>	<p>Perguntas básicas para elaboração do censo animal: Quantos animais você tem? Quem são esses animais? Idade? Se está doente? Se precisa de cuidados? Perguntas relacionadas a qualidade de vida desses animais, assim, é possível ter um levantamento de como está a situação dos animais domésticos e facilitar a elaboração de políticas públicas eficientes.</p>

7.1 - Análise Ideográfica I

O sujeito percebe que o censo é algo que pode ajudar os animais, principalmente se revelar dados sobre a qualidade de vida destes. É preciso uma equipe para realizá-lo, que pode ser feito pelo IBGE ou outro órgão público. Sugere-se que além da identificação se faça um documento, como por exemplo, RG Animal, para que facilite identificar de cada animal e que neste contenha a situação em que se encontra. Nesse registro é importante levar em consideração aspectos como: o histórico de doenças, cronograma de vacinas atualizado, se este animal é castrado, se precisa de medicamentos, etc. Assim como se deve fazer um tipo de classificação desses animais mediante ao risco de vulnerabilidade encontrada no meio urbano que deve ser dividida em: animais tutelados caseiros, animais tutelados que transitam durante o dia pelo bairro, animais comunitários e animais abandonados. Para cada um deles deve-se ter uma identificação específica tanto em registro teórico como algo em que toda a população humana ao encontrar esse animal na rua possa identificar de que classe este pertence. Além disso, esta classificação será um meio facilitador para direcionar ações em prol dos animais; para cada tipo de problema específico há um tipo de resolução.

Por lei, o Estado é responsável pelos animais, visto que também há recursos financeiros para financiar projetos em prol dos mesmos, já que existem uma série de impostos cobrados sob as indústrias e mercadorias voltadas para o setor de comércio para pets. Com isso, conclui-se, que é viável e eficaz fazer o uso da criação do Censo Animal como mecanismo para planejamento de possíveis políticas públicas voltadas para essa população.

8 - DISCURSO II:

O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?

Bom, 1[o Censo Animal, ou qualquer iniciativa que a gente faça em relação aos animais, sencientes humanos ou não humanos, é, a gente pode entender como uma possibilidade de compreensão, ou seja, pode ser um instrumento. É para a gente poder ter uma ideia de que tipo de iniciativa ia ser interessante, Haam, no sentido de poder fazer com que a vida desses animais pudesse ser mais harmoniosa ou menos sujeita à interesses humanos, mas sim, aos interesses dos próprios animais né?] Hamm, sencientes não

humanos. Hamm, imaginando que ²[os animais sencientes não humanos, estão numa condição de propriedade, num estado de escravidão. É. é, muito importante a gente poder avaliar isso também, diagnosticar isso né? Éééé, o dado em si, ele não quer dizer muita coisa; quer dizer a gente pode coletar vários dados, mas se a gente não souber trabalhar esses dados né, trabalhar os dados com, com, com valores éticos e com uma metodologia correta, é eles podem. O censo em si pode não significar absolutamente nada! Na minha maneira de ver o censo animal, ou qualquer iniciativa que a gente faça, é que tenha a ver com a nossa relação dos humanos com os não humanos, tem que ter, hãam, nesse momento com o foco principalmente na abolição da escravidão animal, né? uma vez que do ponto de vista ético, isso seria, poderia ser considerado muito injusto e arbitrário.] Então, é, pensando dessa forma, talvez ³[o censo possa nos ajudar nessa compreensão, do que poderia ser. é, hãam, hãam, o que a gente poderia aproveitar em termos de dado pra gente construir projetos abolicionistas, ou ,é, iniciativas mesmo que mínimas possíveis, e de proteção significativa ao animal, mas hã, realmente, é, a questão dessa proteção ela tá muito ligada a, a, a, a abolição animal, enquanto o animal for escravo, essa proteção ela sempre vai ser questionável, porque o animal vai “tá” sempre sob, é, a opressão do humano.]Então, é, eu, ⁴[eu acredito que esses dados uma vez bem trabalhados, eles, hãam, possam, hãam, colaborar para um panorama geral, não especificamente eles precisam ser, hãam, um bom instrumento por si só né? eles podem, é, contribuir como elementos para um panorama maior e inclusive gerar outros tipos de iniciativa né? Então a gente pode ver o censo como algo, é, com seus objetivos específicos, e também como algo com objetivos gerais, e, e, aí a gente abre duas perspectivas aí, hãaa, mas, é, volto a, a frisar, todo instrumento, seja ele qual for: pesquisa, é, é, ou, ou mesmo um livro, uma música ela só vai ajudar o movimento de direitos animais se ela, é, tiver como foco o próprio animal né? então, hum, é, nós temos políticas muito mais voltadas à fazer com que o animal, ele possa de alguma forma ser mais bem usado, mais bem explorado do que políticas onde realmente os interesses e direitos estejam, assim, sendo considerados e respeitados. Então, pra mim, todas essas iniciativas só tem sentido, ou mesmo justificativa, se elas forem feitas pra aqueles, hãam, que deveriam, hãam, comportar os benefícios né?] que são os seres sencientes humanos e não humanos, mas no caso aqui, seria os não humanos.

Tá! É, em termos práticos, evidentemente, entra uma parte técnica aí, uma análise técnica de como poderia ser, hã, coletado esses dados, não é isso? É, é, ou mesmo o que seria a identificação dos animais né? ⁵[Eu sei que existem iniciativas no exterior onde, hã, os animais são identificados a partir do avanço da tecnologia. Então, a tecnologia hoje avançou de tal forma que num é só no Facebook lá, que você tem que reconhecimento por exemplo dos rostos humanos, né? Você, é, poderia ter um reconhecimento dos rostos dos animais, me parece. Eu já andei, hã, alguns meses atrás pesquisando isso e inclusive há a identificação de animais; cachorros, é, por exemplo que se perdem e podem ser identificados a partir de uma tecnologia de captação de imagem, e identificação dessa imagem, é, através de um banco de dados e se o cachorro estiver registrado nesse banco de imagens ele tem chance de ser, é, identificado, de ser percebido, como aquele que foi perdido, ou abandonado, enfim, que tá em situação de vulnerabilidade.] Então, iniciativas existem, hã, essa prática ela pode ser tanto voltada para coleta de dados, tanto para o que o censo apontou né? Então ⁶[digamos assim, que o censo tenha apontado um grande número de animais abandonados, e aí? Esses animais abandonados, uma parcela delas não foram nem abandonados, ou na verdade fugiram, se perderam e poderiam ser encontrados se houvesse esses mecanismos, é, de coleta de informação, e, e trabalho, e, e, trabalhar essas informações, trabalhar esses dados né? É então, o importante é que esse censo em termos práticos, não pare só na coleta de dado né? e que haja um projeto que se estenda em outras áreas pra que realmente a gente possa ter uma perspectiva de ajuda para o animal né? Porque, hã, cof, hã, cof. A gente teria hãam, a gente fecharia um ciclo, tanto, e, de, hã, de captar dados, e, e ver outras possibilidades, como de trabalhar nas próprias possibilidades que a gente conseguiu enxergar ou visualizar né? Pra isso, evidentemente, tem que ter uma política pública, e foco no animal pra que essa política pública se reverta realmente em benefício do animal, hã, eu acho que não se pode descartar num trabalho de censo animal também uma parte educativa, tanto em relação ao projeto em si, como também em relação as questões relacionadas aos direitos animais, então haveria, teria que isso ser, é feito com alicerce na educação vegana não violenta e criativa para que ela pudesse realmente abranger, essa parte inclusive, da criatividade né? Ou seja, o próprio projeto, é, permitiria, é que as pessoas pudessem não só participar do projeto de censo, mas

também criar esses instrumentos como eu acabei de explicar, como por exemplo, esse da identificação de imagem.]

⁷ [Então, sobre os chips, é, hã, eu sei que há algumas iniciativas e uma das coisas que atrapalham, essa, essa, essa questão de chipar os animais é a própria padronização dessa chipagem, né? Não sei se existe esse termo, mas vamos dizer assim, os animais são chipados, mas pelo que eu acompanhei ainda há uma dificuldade de você ter um padrão, então esse é um aspecto técnico. Outro aspecto, ainda mais importante, é se, hã, colocar alguma coisa dentro do corpo do animal poderia prejudica-lo ou não, causar algum, algum, dano ou não, é, se poderia ter alguma consequência em termos de saúde, isso tudo teria que ser examinado pra que a gente pudesse, é, chegar a uma conclusão de que valeria a pena, é, colocar um chipe por exemplo, né?] ⁸ [De qualquer forma, algum tipo de identificação, melhor ainda se for a menos, invasiva possível né? Seria, hã, com certeza algo necessário pelo número de animais, e inclusive animais muito parecidos, inclusive os que são de mesma raça por exemplo, que são abandonados sendo de raça, e, então as vezes a identificação é difícil, então é, e, e, as vezes, é um animal que tá uma cidade e as vezes vai parar numa outra, as vezes num outro estado, e as vezes até num outro país, então fica muito difícil se não houver um sistema de identificação né? Então, eu acho que o sistema de identificação ele já vem, hã, atrelado a ideia, até mesmo, de como fazer esse censo, esse censo, hã, ele deveria entender não só uma coleta única de dados, mas uma coleta que pudesse ser aproveitada num, num, num bom período de tempo né? Então, essa identificação ela poderia ter aí, um prazo, vamo dizer, então, vamo dizer, se você coloca essa identificação em termos de imagem, então ela, esse banco de imagem tem que ser de alguma forma alimentado e atualizado, né? e, e, e a partir daí você tem um material confiável pra poder trabalhar, assim fica mais fácil inclusive, pra poder interpretar os resultados, porque com são muitas variáveis, tem que haver muito critério para esse controle, hã, dos dados e das variáveis, para gente chegar a uma conclusão.]

Análise II:

Unidades de significado	Redução fenomenológica	Interpretação
1. o Censo Animal, ou qualquer iniciativa que a	Censo Animal, ou qualquer iniciativa que a gente faça em	O Censo Animal ou qualquer iniciativa em relação aos

<p>gente faça em relação aos animais, sencientes humanos ou não humanos, a gente pode entender como uma possibilidade de compreensão, ou seja, pode ser um instrumento. Para a gente poder ter uma ideia de que tipo de iniciativa ia ser interessante no sentido de poder fazer com que a vida desses animais pudesse ser mais harmoniosa ou menos sujeita à interesses humanos, mas sim, aos interesses dos próprios animais.</p>	<p>relação aos seres sencientes humanos e não humanos pode ser entendida como um instrumento que possa fazer com que a vida desses animais pudesse ser mais harmoniosa ou menos sujeita à interesses humanos, e mais aos interesses dos próprios animais.</p>	<p>animais deve ser realizado para que a vida desses animais possa ser mais harmoniosa ou menos sujeita à interesses humanos, e mais aos interesses dos próprios.</p>
<p>2. Os animais sencientes não humanos, estão numa condição de propriedade, num estado de escravidão. É muito importante a gente poder avaliar isso também, diagnosticar o dado em si, ele não quer dizer muita coisa; quer dizer a gente pode coletar vários dados, mas se a gente não souber trabalhar esses dados com valores éticos e com uma metodologia correta, o censo em si pode não significar absolutamente nada! Na minha maneira de ver o censo animal, ou qualquer iniciativa</p>	<p>Os animais não humanos estão numa condição de propriedade, num estado de escravidão. O Censo deve ser trabalhado com valores éticos e metodologia correta para avaliar e diagnosticar os dados coletados. O Censo Animal ou qualquer iniciativa que a gente faça que tenha a ver com a nossa relação dos humanos com os não humanos, tem que ter nesse momento com o foco principalmente na abolição da escravidão animal, uma vez que do ponto de vista ético, isso muito injusto e arbitrário</p>	<p>O Censo Animal deve ser trabalhado com valores éticos e metodologia correta para avaliar e diagnosticar os dados coletados, levando em consideração que esses animais estão em condição de propriedade em um estado de escravidão. Tendo esse foco principal a abolição animal, uma vez que do ponto de vista ético, isso é considerado muito injusto e arbitrário</p>

<p>que a gente faça que tenha a ver com a nossa relação dos humanos com os não humanos, tem que ter nesse momento com o foco principalmente na abolição da escravidão animal, uma vez que do ponto de vista ético, isso poderia ser considerado muito injusto e arbitrário</p>		
<p>3. O censo possa nos ajudar nessa compreensão, o que a gente poderia aproveitar em termos de dado pra gente construir projetos abolicionistas, ou, iniciativas mesmo que mínimas possíveis, e de proteção significativa ao animal, a questão dessa proteção ela tá muito ligada a abolição animal, enquanto o animal for escravo, essa proteção ela sempre vai ser questionável, porque o animal vai “tá” sempre sob, a opressão do humano.</p>	<p>O censo pode nos ajudar na compreensão do que a gente poderia aproveitar em termos de dado pra construção de projetos abolicionistas, ou, iniciativas e de proteção significativa ao animal. Esta proteção está muito ligada a abolição animal, enquanto o animal for escravo, essa proteção vai ser questionável, porque o animal está sob a opressão do humano.</p>	<p>Por meio dos dados coletados pelo censo, é possível ter uma melhor compreensão da situação atual dos animais e isso pode ajudar a construir projetos abolicionistas e de proteção ao animal. Essa proteção deve ser ligada a abolição animal e sempre deve ser questionada, visto que o animal sempre está sob a opressão do humano.</p>

<p>4. (...) eu acredito que esses dados uma vez bem trabalhados, eles possam, colaborar para um panorama geral, não especificamente eles precisam ser um bom instrumento por si só né? eles podem contribuir como elementos para um panorama maior e inclusive gerar outros tipos de iniciativa. Então a gente pode ver o censo como algo com seus objetivos específicos também como algo com objetivos gerais. Aí a gente abre duas perspectivas; mas volto a frisar, todo instrumento, seja ele qual for: pesquisa, mesmo um livro, uma música ela só vai ajudar o movimento de direitos animais se ela tiver como foco o próprio animal. Nós temos políticas muito mais voltadas à fazer com que o animal, ele possa de alguma forma ser mais bem usado, mais bem explorado do que políticas onde realmente os interesses e direitos estejam, assim, sendo considerados e respeitados. Então, pra mim, todas essas iniciativas só tem sentido, ou mesmo</p>	<p>Esses dados bem trabalhados podem contribuir como elementos para um panorama maior e inclusive gerar outros tipos de iniciativa. O censo, tem objetivos específicos e objetivos gerais. Todo instrumento, seja ele qual for: pesquisa, mesmo um livro, uma música ela só vai ajudar o movimento de direitos animais se ela tiver como foco o próprio animal. As políticas são muito mais voltadas para que o animal possa de alguma forma ser mais bem usado, e explorado do que políticas onde realmente os interesses e direitos estejam sendo considerados e respeitados. Essas iniciativas só tem sentido, ou mesmo justificativa, se elas forem feitas pra aqueles que deveriam ter os benefícios.</p>	<p>A coleta de dados feita pelo censo animal deve ter objetivos específicos, mas estes dados podem ser usados também para geração de outras iniciativas. O censo ou qualquer outra iniciativa deve ter como foco principal o próprio animal, visto que a maioria das políticas públicas são criadas com intuito de utilitarismo e exploração animal. O censo deve ser criado respeitando e considerando os interesses e direitos dos animais.</p>
--	--	---

<p>justificativa, se elas forem feitas pra aqueles que deveriam, comportar os benefícios.</p>		
<p>5. Eu sei que existem iniciativas no exterior onde os animais são identificados a partir do avanço da tecnologia. Então, a tecnologia hoje avançou de tal forma que num é só no Facebook lá, que você tem que reconhecimento por exemplo dos rostos humanos. Poderia ter um reconhecimento dos rostos dos animais. Eu já andei, pesquisando isso e inclusive há a identificação de animais; cachorros, por exemplo, que se perdem e podem ser identificados a partir de uma tecnologia de captação de</p>	<p>Existem iniciativas no exterior onde os animais são identificados a partir do avanço da tecnologia. A tecnologia hoje avançou de tal forma que não é só no Facebook, que é possível o reconhecimento por exemplo dos rostos humanos. Poderia ter um reconhecimento dos rostos dos animais. Pesquisou isso e inclusive há a identificação de animais; cachorros, por exemplo, que se perdem e podem ser identificados a partir de uma tecnologia de captação de imagem, e identificação dessa imagem através de um banco de dados e se o cachorro estiver registrado nesse banco</p>	<p>Animais podem ser identificados por fotos e banco de dados, isso é um avanço que pode salvar vidas.</p>

<p>imagem, e identificação dessa imagem através de um banco de dados e se o cachorro estiver registrado nesse banco de imagens ele tem chance de ser identificado, de ser percebido, como aquele que foi perdido, ou abandonado, enfim, que tá em situação de vulnerabilidade.</p>	<p>de imagens ele tem chance de ser identificado, de ser percebido, como aquele que foi perdido, ou abandonado, enfim, que tá em situação de vulnerabilidade.</p>	
<p>6. (...) digamos assim, que o censo tenha apontado um grande número de animais abandonados, e aí? Esses animais abandonados, uma parcela delas não foram nem abandonados, ou na verdade fugiram, se perderam e poderiam ser encontrados se houvesse esses mecanismo de coleta de informação e trabalhar essas informações, trabalhar esses dados né? O importante é que esse censo em termos práticos, não pare só na coleta de dado e que haja um projeto que se estenda em outras áreas pra que realmente a gente possa ter uma perspectiva de ajuda para o animal. A gente fecharia um ciclo, tanto de captar dados e ver outras possibilidades, como de</p>	<p>Caso o censo aponte um grande número de animais abandonados pode ser que uma parcela deles não sejam abandonados, e sim terem fugido; estejam perdidos podendo ser encontrados se houvesse esses mecanismo de coleta de informação. O censo em termos práticos, não pode parar só na coleta de dado tem que haver também um projeto que se estenda em outras áreas pra que realmente possa ter uma perspectiva de ajuda para o animal. Para isso, evidentemente, tem que ter uma política pública, e o foco no animal. Eu acho que não se pode descartar num trabalho de censo animal também uma parte educativa, tanto em relação ao projeto em si, como, também, em relação às questões relacionadas aos direitos</p>	<p>O censo deve considerar que dentro dos possíveis dados da população animal em estado de vulnerabilidade existem especificidades, como, por exemplo, caso de animais perdidos que fugiram de suas casas e não conseguiram retornar. É importante identifica-los e diferenciá-los de casos de animais abandonados. Essa identificação é possível por meio de coleta de informações. O projeto deve se estender e realizar outras iniciativas voltadas a conscientização de guarda/tutela responsável, adoção consciente, importância da castração e outros temas relacionados aos animais de companhia, mas, também, se faz importante</p>

<p>trabalhar nas próprias possibilidades que a gente conseguiu enxergar. Pra isso, evidentemente, tem que ter uma política pública, e foco no animal pra que essa política pública se reverta realmente em benefício do animal. Eu acho que não se pode descartar num trabalho de censo animal também uma parte educativa, tanto em relação ao projeto em si, como também em relação as questões relacionadas aos direitos animais, teria que isso ser, feito com alicerce na educação vegana não violenta e criativa para que ela pudesse realmente abranger, essa parte inclusive, da criatividade. Ou seja, o próprio projeto, permitiria que as pessoas pudessem não só participar do projeto de censo, mas também criar esses instrumentos como eu acabei de explicar, como por exemplo, esse da identificação de imagem.</p>	<p>animais, teria que isso ser, feito com alicerce na educação vegana não violenta e criativa. Ou seja, o próprio projeto, permitiria que as pessoas pudessem não só participar do projeto de censo, mas, também, criar esses instrumentos como eu acabei de explicar, como por exemplo, esse da identificação de imagem.</p>	<p>abranger questões éticas relacionadas aos direitos animais. Estas devem ser alicerçadas na educação vegana não violenta e criativa, de forma que esta construção de ideias e novos projetos sejam abertos à participação popular possibilitando uma criação coletiva de novos instrumentos em prol dos animais e do projeto em si.</p>
<p>7. Então, sobre os chips, sei que há algumas iniciativas e uma das coisas que</p>	<p>Sobre chipar animais ainda há uma dificuldade de você ter um padrão, então esse é um aspecto</p>	<p>O uso de chipagem em animais é um instrumento que pode se mostrar eficiente na</p>

<p>atrapalham essa questão de chipar os animais é a própria padronização dessa chipagem. Pelo que eu acompanhei ainda há uma dificuldade de você ter um padrão, então esse é um aspecto técnico. Outro aspecto, ainda mais importante, é se colocar alguma coisa dentro do corpo do animal poderia prejudicá-lo ou não. Se poderia ter alguma consequência em termos de saúde, isso tudo teria que ser examinado pra que a gente pudesse chegar a uma conclusão de que valeria a pena colocar um chipe por exemplo.</p>	<p>técnico não viável. Outro aspecto, ainda mais importante, é se colocar alguma coisa dentro do corpo do animal poderia prejudicá-lo ou não. Se poderia ter alguma consequência em termos de saúde, isso tudo teria que ser examinado para se chegar a uma conclusão concreta.</p>	<p>identificação, porém, possui alguns aspectos duvidosos. Há dificuldade de padronização e, além disso, não se sabe se o animal pode ter algum dano de saúde a curto e longo prazo com a implantação.</p>
<p>8. De qualquer forma, algum tipo de identificação, melhor ainda se for a menos, invasiva possível, seria com certeza algo necessário pelo número de animais, e inclusive animais muito parecidos, inclusive os que são de mesma raça por exemplo, que são abandonados sendo de raças, as vezes a identificação é difícil, as vezes é um animal que tá uma cidade e as vezes vai parar numa outra, as vezes</p>	<p>Fazer algum tipo de identificação, melhor ainda se for a menos, invasiva possível, seria com certeza algo necessário pelo número de animais e para facilitar a identificação de animais muito parecidos, por exemplo, animais de mesma raça. Assim como animais perdidos que se deslocaram para lugares muito distantes do seu lar inicial. O censo deveria entender não só uma coleta única de dados, mas</p>	<p>A identificação dos animais deve ser da forma menos invasiva possível. Essa identificação facilitaria o reconhecimento de animais muito parecidos e de mesma raça, bem como animais perdidos que se deslocaram para lugares muito distantes de seu lar inicial. A coleta de dados deve ter duração de tempo pré estabelecida, em termos de atualização de dados de identificação desses</p>

<p>num outro estado, e as vezes até num outro país, então fica muito difícil se não houver um sistema de identificação. Então, eu acho que o sistema de identificação ele já vem atrelado a ideia, até mesmo de como fazer esse censo. Ele deveria entender não só uma coleta única de dados, mas uma coleta que pudesse ser aproveitada num bom período de tempo. Então, essa identificação ela poderia ter aí, um prazo, você coloca essa identificação em termos de imagem, então esse banco de imagem tem que ser de alguma forma alimentado e atualizado e a partir daí você tem um material confiável pra poder trabalhar, assim fica mais fácil inclusive, pra poder interpretar os resultados, porque com são muitas variáveis, tem que haver muito critério para esse controle dos dados e das variáveis, para gente chegar a uma conclusão.</p>	<p>uma coleta que pudesse ser aproveitada num bom período de tempo. Então, essa identificação teria um prazo e identificação em termos de imagem, então esse banco de imagem tem que ser de alguma forma alimentado e atualizado e a partir daí você tem um material confiável pra poder trabalhar, assim fica mais fácil inclusive, pra poder interpretar os resultados, porque como são muitas variáveis, tem que haver muito critério para esse controle dos dados e das variáveis, para se chegar a uma conclusão.</p>	<p>animais para que haja um trabalho eficaz e facilite a interpretação dos resultados finais.</p>
---	--	---

8.1 - Análise Ideográfica II:

O sujeito aponta a importância do censo animal que deve ter como base as políticas públicas para financiamento e implantação. Esse projeto deve ter como principal pilar para construção a educação vegana não violenta criativa; visando respeitar os interesses e direitos animais. O grande diferencial do censo animal deve ser a exclusão da visão utilitarista/especista que permeia grande parte das iniciativas públicas e que ainda se encontram no velho paradigma de estigmatizar animais não humanos, os colocando em um status moral de condição de propriedade. O projeto deve ter como foco o protagonismo dos animais, visando à melhoria da qualidade de vida dos mesmos, proporcionando uma relação mais harmoniosa com os humanos. Outro aspecto bastante relevante no discurso é a construção de um projeto amplo que por meio do uso dos dados coletados pelo censo podendo-se criar novos mecanismos de luta para a causa animal; visando a conscientização tanto voltada ao protecionismo animal (animais de companhia), mas, também, sobre direitos animais como um todo; de forma em que haja participação popular e uma construção coletiva em prol da abolição animal e criação de novos projetos para tal conquista.

9 - DISCURSO III

O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?

¹[Em relação a Censo Animal, eu tenho uma visão crítica sobre isso... Hã, eu não sei exatamente como fazer, é, isso é... colocar em campo, ir atrás, e fazer formulário, etc. Eu tenho uma crítica sobre a necessidade do Censo Animal. Eu elaborei o Projeto do Protetor Público de Animais, que é... se for implantado, em uma cidade, soluciona, na minha visão, ética e definitivamente o sofrimento do animal abandonado... Resumindo, a cidade que implantar o Projeto do Protetor Público de Animais não tem animal abandonado, efetivamente! É barato, é simples e foi formatado pra qualquer cidade, hã, pelo poder público municipal. Não necessita de leis, basta a vontade política do prefeito para ser implantada.] Na formatação desse projeto, eu avaliei de se fazer antes um Censo Animal, para que se pudesse quantificar para o poder público o que, que viria gastar em função disso (... PERDA DE CONTEÚDO...). Hãã... a orientação para as prefeituras de como calcular o número de animais na cidade pra fazer a vacinação anti rábica, então isso

já vem lá de tempo atrás... então, o Pasteur já tem alguns trabalhos que estão aqui que inclusive no texto do Projeto do Protetor Público de Animais, tá a citação de qual trabalho foi utilizado do Instituto Pasteur e lá tem uma noção que pra calcular o número de animais existentes para fazer a vacinação anti rabica, pra fazer o pedido de vacinas, etc... é...chegou a conclusão de que mais ou menos os municípios tem, isso varia muito, obviamente, varia bastante... mas, uma noção mais ou menos básica entorno de 14 à 16% da população humana chegaria (... PERDA DE CONTEÚDO)... Mais de 50%, média de como calcular a população...] Hãa... no projeto eu não incluí a necessidade de se fazer o Censo Animal para efeito de buscar, é, é, é... planejamento porque eu usei esse, a ideia básica do total de animais para que calculasse o número de castrações necessárias pra fazer que é a castrações (perda de conteúdo) Hãa... ²[Por que que eu não pensei no Censo? Fazer o Censo envolve gastar, hã, hã... não é muito mas a prefeitura teria que gastar um dinheiro razoável pra fazer o censo. Ora, no projeto o que eu fiz? Castrações, isso é fundamental! Ou então, o censo seria feito junto com as castrações, as visitas do censor já, ah, ah, ah... ele determinaria uma área pra fazer o censo e ao mesmo tempo que se faz o censo, se levanta o censo, eu não tenho ainda o, o... o formulário do censo, porque isso seria feito na implantação do piloto, que a gente ainda não fez em cidade nenhuma. Nessa implantação, no mesmo dia, na mesma data, já marcaria, ou deixaria para o censor a indicação de que ele deveria levar a cachorra, ou a gata, para fazer a castração... que seria necessariamente, no bairro perto do local dele. Então, o censo iria sair junto com o projeto para economizar custos... eu não preciso fazer o censo pra daí começar o projeto, é por isso que eu não vejo a necessidade só do censo pra fazer planejamento, porque é, é, é... pra se fazer um planejamento geral basta ter as indicação de percentual que a gente já tem, que o Pasteur usa para fazer a vacinação anti rábica, essa é uma visão geral. Então gastar, fazer o censo, apenas por fazer o censo, é... é... procurar alternativas em função do meu projeto ele não é necessário, porém o censo seja muito interessante em função dele buscar geograficamente outras respostas, para pesquisadores], etc, e enfim...faixa etária de morador, etc, etc, etc. Mas para o, em função do Projeto do Protetor Público de Animais de solucionar o problema do animal abandonado, eu não vejo necessidade de fazer previamente o censo. O censo vai sair junto com a implantação do projeto...

³[Nesse aspecto de identificar os animais pra, é... em função de proteção animal, é... retirando o aspecto da castração, é... acho que seria interessante sim, só que avalio, hã... seria isso seria uma outra fase, um outro patamar da nossa luta pelos animais... É, humm (silêncio)... o que nós temos que pensar é o seguinte... esses animais, é, é... ajudaria muito encontrar animais abandonados, só que se nós pensarmos que os objetivos nosso é não ter animais abandonados... então gastar tempo, dinheiro e estrutura... porque tudo isso vai precisar de uma estruturação, etc e tal... Hã, é, é algo que sabe que se, o caminho para não ter animais abandonados é outro, encontrar animais abandonados, as Ong's já conseguem encontrar animais abandonados usando a internet, usando o Facebook... Aqui em Tatuí, por exemplo, eu consigo encontrar, estamos encontrando, um cão por dia dos desaparecidos, quer dizer, são ano passado foram mais de quatrocentos, são quatrocentos cães que boa parte deles continuaria na rua, estaria abandonado e a gente consegue achar através do Facebook, as Ong's se comunicam e conseguem encontrar. Então, para efeito de proteção de animais abandonados, acho que o caminho não é fazer trabalho, é... Demoraria... nós somos muitos que protegem animais e nós iríamos gastar muito tempo nisso, enquanto poderíamos direcionar o tempo para que não exista o animal abandonado e pra isso existe um projeto, este que eu trabalho nele, pode ter outros também. Não tendo animais abandonados não é necessário esse tipo de proteção para, é, é... atingir objetivo para melhorar a qualidade de vida, não tendo animais abandonados]. ⁴ [Quanto a usar chip, é... eu descarto totalmente a linha... o Feliciano já tentou em Campinas, foi iniciado lá o... foi um projeto grande, com o poder público porque precisaria do dinheiro do poder de vendas lá... hã... mas não se chegou a conclusões, a resultados bons pelo seguinte motivo: Primeiro o custo. O custo de implantar um projeto de dados, de chipar os animais, teria que chipar todos os animais... pelo que eu levantei no inicio do projeto, ele ficaria não só de chipar, mas como também manter os, a, a... os centros onde pudesse fazer a leitura desses chipes, é... seria mais caro do que implantar o projeto de esterilização, um projeto global de esterilização eficiente, monitorado, que é o Projeto do Protetor Público de Animais, é mais barato do que fazer uma implantação geral de chip. Então, inviabiliza e só chipar o animal, não, não... embora ajudasse, mas na prática é... a leitura desses chips não, não iria ajudar no abandono de animais, porque você encontraria o animal na rua, a pessoa que jogou, ou que abandonou esse animal ele sabendo que o animal é chipado, ele iria abandonar em

outra cidade, ou pior ainda, iria, é, é... matar o animal para que não fosse encontrado esse chip. Então, não iria inibir o abandono, chipar não ajuda a inibir o abandono! E... então eu abandonei totalmente a ideia de chipar animais, pelo custo, pela praticidade, de, de, de, é... de que isso não iria inibir o abandono! Então, identificar os animais tem sentido sim, mas hãam, lá na frente... quando a gente conseguir fazer o controle da população animal, porque o grande problema hoje é a super população de animais... Hãa... ⁵[isso poderia inclusive, ser um bom trabalho na área de estatística de geografia, que eu tive pensando aqui outro dia, é... fazer um trabalho de como que os animais de estimação efetivamente, é... tem uma vida boa, tem uma vida razoavelmente boa, qual é o percentual desses animais que tem essa vida...se ele tem lazer, se ele é querido, se ele é,é,é... é bem alimentado, se ele tem atendimento veterinário e porque ele está na residência. Porque grosso modo o que, que eu sei? É que 60 à 80% dos animais vive uma vida péssima, por que? Porque eles são tidos para serem apenas, no caso dos cães, pra atender o quintal, atender a propriedade da pessoa, ele não está na propriedade... tanto é que chega no inverno, é, é... aqui você tá vendo um sofá, que ele sobe e dorme e eu venho aqui cobri-lo... então, eles...é, é, é... não tão pra atender se chegar o ladrão... eles fazem isso também, mas eles não estão aqui para fazer isso exclusivamente, eles estão aqui porque são amados, e são companheiros, são amigos... e talvez, chegar a entender qual é esse percentual, de que, dos cães que realmente são queridos, levaria a gente a aumentar os controles públicos ou não, pra diminuir a população animal... quanto menos animais tivesse melhor... a minha ideia é de quanto menos animal tiver muito melhor, soluciona o abandono e soluciona os maus tratos, ou diminui os maus tratos é... diminuir a população animal a qualquer custo... esse é o objetivo de qualquer protetor de animais.] Então, ah, o, o, o censo, ah,ah, ah,ah...

⁶[Uma das coisas que podem ser feitas lá na frente, prevista no final do projeto é se nós não conseguirmos a redução efetiva do abandono conforme prevista pelo projeto, com as castrações, o percentual, com o monitoramento, se mesmo assim continuasse a existir hãa... abandono, hãa... uma das... e nisso poderia juntar a ideia na proteção animal de fazer a identificação dos animais para a proteção animal, a ideia de que lá na frente o poder público municipal pudesse fazer um, hã... uma taxa, no caso do projeto estar especificando, especificamente... mas poderia ser pra todos os outros animais... especificamente, se o proprietário quisesse ter um animal fêmea, cachorra ou gata em casa, ele teria que pagar

uma taxa, isso já é feito... hãaa... eu teria que procurar com mais detalhes, mas eu sei que é feito em algumas cidades do Japão]. A pessoa pra ter um animal, paga uma taxa pra eles... e isso, daí então, entraria essa questão do censo, a identificação do animal, porque um dos grandes problemas cof, é, é, exatamente isso... como fazer essa identificação. Então, aí sim, eu acredito que poderia ser o caso, se não funcionar o projeto, então lá na frente... mas mesmo que o projeto funcione, se lá na frente quisermos fazer, ah, ah, ahhhh... ⁷[a melhora do atendimento desses animais, poderíamos então, eu achei ótima a ideia que você colocou através de foto, porque realmente a tecnologia parece-me que com a foto já permite... então fotografar os animais pode ser barato, simples, fácil de fazer, e identificar efetivamente cada animal pra cobrar do proprietário uma taxa tá? Isso casa bem com o projeto... pode dar muito certo lá na frente, porque o projeto além de esterilizar os 80% dos animais ele vai fazer o monitoramento posterior, disso, fundamental... Como que ele faz o monitoramento? Em cada área de dez mil habitantes humanos, tem um protetor público de animais, que dá nome ao projeto... funcionário da prefeitura, gente simples, gente que já é funcionário, mora no local, sabe? Não há custo para prefeitura. A prefeitura numa cidade como Tatuí, vamo dizer... cem mil habitantes, tem dez protetores públicos de animais. Que já são funcionários, não vamos fazer custos novos para prefeitura, é muito barato o projeto... e a prefeitura vai deixar de usar canil municipal, estrutura de CCZ voltado aos animais domésticos, só aí, a prefeitura tem veterinários, tem um monte de gente... só aí, esse pessoal todo realocado, ou, os valores não sendo mais usados, vão ser usados nesse projeto, esse protetores públicos vão fazer visitas regulares, na cidade inteirinha, tá previsto inclusive, fazer no máximo a cada ano, um novo censo]... ele... “cê” notou que pra fazer as castrações do projeto, eu visitei todas as casas, anotei, onde tem as cachorras e as gatas, e eu, ainda não tenho pronto uma tabela dessas perguntas... mas “tô” elaborando, porque tá pra sair aqui em Tatuí o projeto, numa área piloto de dez mil habitantes, foi o que eu consegui, tá?... Hã, hã... eu conversei com o prefeito, mas tá enrolado ainda, vamo ver se saí... notou que o projeto diz que tem dez mil habitantes em cada área, então a gente vai fazer numa dessas áreas, e o piloto pra ver o que vai acontecer... tá pra sair, tá tudo pronto, tá conversado, tá instruído, mas é... não tá andando, mas eu “tô” atrás... Então, daí sim, no fazer esse censo inicial, poderia fotografar os cães, e aí eu teria barato, uma maneira de identificar_e_de voltar, ah...ahh... do censo já... não é só ⁸[o censo, puramente só o censo, teria que fazer

algumas indicações. Na casa que a gente visita que a gente tem maus tratos pra depois fazer um trabalho em cima de conscientização, de, de procurar solucionar o problema do animal... isso é o tipo da alimentação, é enfim, um monte de coisas... que daí esse protetor publico vai continuar trabalhando na área e fazendo visitas e usando... e se for necessário fazer uma taxaço, mesmo que não seja pra controle de população animal, se a gente conseguir solucionar o problema do abandono, mas em função de melhorar a qualidade de vida dos animais usando recursos que eventualmente venha] esse... mas isso é muito lá na frente, não é agora... mas ah, ah, ah... acho que basicamente isso nesse sentido.

Pra resumir, o Projeto do Protetor Público de Animais, nós estamos na terceira revisão... Inicialmente era um projeto, e, é, é, é... é interessante colocar isso, para que outros talvez não, possam, não, não, não perder tempo na,na,na... no pensar a proteção animal, podem pular etapas que eu já sofri que não deu certo. ⁹[Inicialmente, o projeto era Postos Veterinários de Proteção aos Animais, eu previa que o poder público municipal instituisse postos veterinários pra atender essa questão de fazer o controle da população animal... Hãaa... esse era o nome inicial, depois eu abandonei a ideia dos postos veterinários pelos custos, é, é... e pela dificuldade de implantar, é difícil encontrar uma prefeitura que bancasse os custos, era um posto veterinário pra cada vinte e cinco mil conjuntos, é, é, é... vinte e cinco mil habitantes humanos... uma área com esse, essa dimensão. Ficaria caro, é difícil encontrar quem faria, e segundo ahhh... esses veterinários que iriam trabalhar nos postos seriam concursados e, é... e, e... não, não, não... não vi que esses veterinários pudessem fazer um bom trabalho em função... porque ser veterinário não significa ser protetor de animais, ao contrário, parece, parece radical de minha parte, mas o maior... o maior inimigo dos animais abandonados são os veterinários. Eles não querem projetos de, de... que efetivamente faça controle populacional efetivo! eles detestam isso!! eles tem uma mentalidade tacanha, enquanto grupo, veja só, enquanto classe... o conselho regional, esses uns, são nesse estilo... tem muitos veterinários protetores, muitos!!! não muitos!!! mas tem bastante... mas enquanto classe eles são os principais inimigos do Projeto do Protetor Público de Animais, por exemplo. Ele não consegue avançar em nenhuma cidade porque os veterinários se opõe... eles tem uma mentalidade tacanha, antiga... hã, hã... eles ganham dinheiro com animais abandonados, eles acham que se nós controlarmos a população animal não tendo animais abandonado vai diminuir o número de, de, dinheiro que eles

ganham... e não é verdade, é uma mentalidade tacanha, que tem que ser superada, porque ao contrário ao fazermos um projeto público, de além de eliminar o problema do animal abandonado, solucionar o problema dos animais abandonados, vai trabalhar com conscientização... esse protetor público, ele num, hã... ao fazer o monitoramento, ele não faz só o monitoramento, ele trabalha com... ele dá palestra em escola, ele trabalha com levar cartilhas, ele trabalha com verificar onde tem um cão adoentado que não foi no veterinário, indicar o veterinário pra ele. Né, então, aumentaria o número de consultas inclusive]... acho que eu perdi um pouquinho a... Mas enfim,¹⁰[Projeto do Protetor Público deixou de ser Postos Veterinários e passou a ser, hã... Posto de Proteção Animal, onde apenas colocariam um local físico em cada dez mil habitantes também, já agora não mais vinte e cinco, mas dez mil... apenas um, um local, um postinho, uma sala com um protetor público ali, nesse local... Hãam, ahh... fazendo o monitoramento das castrações, e, e... trabalhando com conscientização animal, trabalhando com, é, é, é, é... na, na, na... em melhorar a vacinação, talvez pensar em vacinação pra cinomose, é... combate a carrapato, etc e tal. Também para diminuir custos para prefeitura, eu retirei até o posto, não precisa nem do posto... não precisa dos veterinários mais, porque o projeto passaria a ser feito com castrações por mutirão inicialmente, mas barato e uma vez só... não precisaria do posto físico, bastaria o protetor público, bastaria uma pessoa que poderia estar alocada em qualquer lugar, ali dentro do bairro, num bairro qualquer, numa escola, num posto de saúde, ou mesmo, num, num... num salão paroquial, qualquer coisa assim, pra não ter custos]... quer dizer, eu eliminei, sabe?... eu eliminei, foi, foi... foi diminuindo... tanto é que hoje o projeto é uma mixaria pra fazer, e funciona do mesmo jeito do que o inicial. Hã...

¹¹[então o Projeto do Protetor Público de Animais formatado hoje, ele é muito barato, simples, baseia em esterilizar 80% das fêmeas de cães e gatos do município... e junto com essa castração, o monitoramento posterior através do protetor público, que é, é, é... vai garantir que não volte o abandono. Eu acredito que em cinco, oito anos não existirão mais abandonos, os abrigos de animais existentes vão deixar de existir em dez ou vinte anos porque não haverá novos abandonados da rua, que serão levados a esses abrigos... porque esses abrigos, a maioria deles, 80 ou 90% deles são pior do que a rua, é um sofrimento esses abrigos, sabe?... e, e, e... eu visitei dezenas, centenas aqui em Tatuí e em outros locais, é muito parecido com o canil municipal; ficam em baias fechadas, em baias... tem

muitos que ficam amarrados, uma casinha... tem um no Rio Grande do Sul que tem umas duzentas ou trezentas casinhas pequenas, e, e... cada um animal preso em corrente perto dessa casinha... quer dizer... e, e, é... o, o, o... suprassumo da proteção animal da cidade, quer dizer... não faz sentido!! O único abrigo efetivo, bom, que eu conheço que poderia é, é... ser o modelo, e é um modelo, é o Picolino em Havaré... esse abrigo é... efetivamente com que os animais... embora tenha baias individuais, é, é... são tirados todos os dias para um gramado de quase um alqueire lá, que eles andam, correm, tem muitas pessoas, mas é caríssimo!!! Só se mantem com mecenas, que é o protetor rico que consegue manter. A hora que esse protetor morre, com aconteceu no caso do São Francisco em São Paulo, tinha lá oitocentos mil animais, aahh... vai tudo pro vinagre! Os animais ficam a deriva e acaba né, porque a sociedade não consegue manter isso também... é, é... e é esse o grande luta minha, é que os protetores mudem de paradigma... ah, ah... não buscar a construção de abrigos, não montar abrigos... eu vejo muitos abrigos novos nascendo em que morrem com pouco tempo, mais ou menos tempo e os animais sofrem nesses abrigos... colocar, a,a,ah... onde que existe, que eu fui... é Rio Claro? Não, não é Rio Claro... é um outro... a prefeitura fez com uma Ong, ah, ah... um abrigo grande, cerca de seiscentos, oitocentos animais, é o fim do mundo!!! Sabe? Gasta-se muito dinheiro com isso, gasta-se fortunas de dinheiro enquanto poderia fazer o controle populacional, ao invés de abrigo... então, abrigos nem particulares e nem, é, é... municipais... Embora eu conheça o trabalho das protetoras que fazem esses abrigos, e realmente são anjos... só que tão equivocadas ao construir os abrigos, dedicam boa parte de sua luta para os abrigos... e sofrem e morrem sofrendo pelos animais e sem perspectiva de solução, então por isso que a gente trabalha no Projeto do Protetor Público]. ¹²[O projeto basicamente é isso; um tripé: castração de 80% das fêmeas, participação de protetores da cidade, efetivamente... hãaa... e a instituição dos protetores públicos. O protetor público encontrou um animal abandonado, atropelado na cidade não vai levar pra nenhum canil municipal, vai levar isso pra um protetor de animais que não tem cinquenta, cem animais... que tem um, ou dois, ou três já cadastrado, vai dar a ele condição de... hã, ah, ah... que a maioria desses protetores é gente simples, hã, hã... paga o veterinário pra ele, dá ração pra ele até que encontre a adoção]. Formatar isso não é difícil, tá formatado, basta colocar em prática, não é difícil... “vam”, “vam” ver se a gente consegue em algumas cidades fazer um piloto... mas é simples, barato, e, e... e... hãaa... a

grosso modo cada real que a prefeitura investir nisso, ela economiza, dez, quinze, vinte reais em outras coisas...

Análise III:

Unidades de significado	Redução fenomenológica	Interpretação
<p>1. Em relação a Censo Animal, eu tenho uma visão crítica sobre isso. Eu não sei exatamente como fazer, isso é colocar em campo, ir atrás, e fazer formulário, etc. Eu elaborei o Projeto do Protetor Público de Animais, que se for implantado, em uma cidade, soluciona, na minha visão, ética e definitivamente o sofrimento do animal abandonado. É barato, é simples e foi formatado pra qualquer cidade. Não necessita de leis, basta a vontade política do prefeito para ser implantada.</p>	<p>Possui uma visão crítica sobre Censo Animal, apesar de não saber como realizar o censo em termos práticos; Elaborou o Projeto do Protetor Público de Animais, que visa solucionar o sofrimento do animal abandonado. É barato e não necessita de leis, basta à vontade política do prefeito para ser implantada.</p>	<p>É autor do projeto denominado: Protetor Público de Animais que visa solucionar o problema do abandono de animais em ambiente urbano. É um projeto barato, não precisa de leis, apenas do apoio do poder público municipal pra implantação.</p>
<p>2. Por que que eu não pensei no Censo? Fazer o Censo envolve gastar, não é muito mas a prefeitura teria que gastar um dinheiro razoável pra fazer o censo. Ora, no projeto o que eu fiz? Castrações, isso é fundamental! Ou então, o censo seria feito junto com as castrações, as visitas do</p>	<p>Não pensou na realização do censo porque a prefeitura teria que gastar um dinheiro razoável pra fazê-lo, sendo a castração posta como o objetivo principal do projeto. O censo poderia ser feito junto com as castrações. O censor no mesmo dia da visitação domiciliar levaria o animal para fazer a castração</p>	<p>Não vê como prioridade a realização do censo porque para ele o método Pasteur se mostra eficaz em termos práticos, o censo na visão dele serviria para buscar respostas a outras perguntas de pesquisadores. Propõe que a coleta de dados para o censo seja feita juntamente com as castrações por meio de visitas</p>

<p>sensor; ele determinaria uma área pra fazer o censo e ao mesmo tempo que se faz o censo, se levanta o censo. Eu não tenho ainda o formulário do censo, porque isso seria feito na implantação do piloto, que a gente ainda não fez em cidade nenhuma. Nessa implantação, no mesmo dia, já deixaria para o censor a indicação de que ele deveria levar a cachorra, ou a gata, para fazer a castração que seria necessariamente, no bairro perto do local dele. Então, o censo iria sair junto com o projeto para economizar custos. Eu não preciso fazer o censo pra daí começar o projeto, é por isso que eu não vejo a necessidade só do censo pra fazer planejamento, porque pra se fazer um planejamento geral basta ter as indicação de percentual que a gente já tem, que o Pasteur usa para fazer a vacinação anti rábica, essa é uma visão geral. Então gastar, fazer o censo, apenas por fazer o censo, procurar alternativas em função do meu projeto ele não é</p>	<p>que seria necessariamente, no bairro perto do local dele, assim, o censo iria sair junto com o projeto para economizar custos. O sujeito não vê a necessidade do censo pra fazer planejamento, pois entende que as indicação de percentual do Instituto Pasteur já são eficazes. Porém, não descarta o uso do censo na busca de outras respostas geográficas para pesquisadores.</p>	<p>domiciliares pelo censor, que teria a função de levar os animais até o local onde seria realizado a castração, bem como aplicar o formulário.</p>
---	---	--

<p>necessário, porém o censo seja muito interessante em função dele buscar geograficamente outras respostas, para pesquisadores</p>		
<p>3. Nesse aspecto de identificar os animais pra em função de proteção animal, retirando o aspecto da castração, acho que seria interessante sim. Seria isso seria uma outra fase, um outro patamar da nossa luta pelos animais... Encontrar animais abandonados, as Ong's já conseguem encontrar animais abandonados usando a internet, usando o Facebook... Aqui em Tatuí, por exemplo, estamos encontrando um cão por dia dos desaparecidos, quer dizer, são ano passado foram mais de quatrocentos, são quatrocentos cães que boa parte deles continuaria na rua, estaria abandonado e a gente consegue achar através do Facebook. Nós somos muitos que protegem animais e nós iríamos gastar muito tempo nisso, enquanto poderíamos direcionar o tempo para que não exista o animal</p>	<p>Identificar os animais pra em função de proteção animal, seria um outro patamar da nossa luta pelos animais. Encontrar animais abandonados, as Ong's já conseguem encontrar usando a internet, usando o Facebook... Aqui em Tatuí, por exemplo ano passado foram mais de quatrocentos cães encontrados boa parte deles continuaria na rua, estaria abandonado. Nós somos muitos que protegem animais e nós iríamos gastar muito tempo nisso, enquanto poderíamos direcionar o tempo para que não exista o animal abandonado e pra isso existe um projeto. Não tendo animais abandonados não é necessário esse tipo de proteção para atingir objetivo para melhorar a qualidade de vida.</p>	<p>Vê a identificação de animais por foto como uma outra fase para o projeto, pois atualmente o uso das redes sociais pelos protetores de animais, como por exemplo Facebook, tem se mostrado eficaz para encontrar animais desaparecidos. O foco do projeto é acabar com os animais em estado de abandono.</p>

<p>abandonado e pra isso existe um projeto. Não tendo animais abandonados não é necessário esse tipo de proteção para atingir objetivo para melhorar a qualidade de vida.</p>		
<p>4. Quanto a usar chip eu descarto totalmente. O Feliciano já te em Campinas, foi iniciado lá foi um projeto grande, com o poder público porque precisaria do dinheiro do poder de vendas lá, mas não se chegou a conclusões, a resultados bons pelo seguinte motivo: Primeiro o custo. O custo de implantar um projeto de dados, de chipar os animais, teria que chipar todos os animais. Pelo que eu levantei no inicio do projeto, ele ficaria não só de chipar, mas como também manter os centros onde pudesse fazer a leitura desses chipes, seria mais caro do que implantar o projeto de esterilização monitorado, que é o Projeto do Protetor Público de Animais. Então, inviabiliza e só chipar o animal, a leitura desses chips não, iria ajudar no abandono de animais,</p>	<p>Descarta totalmente o us de chip. O Feliciano já tentou em Campinas, foi iniciado lá foi um projeto grande, com o poder público porque precisaria do dinheiro do poder de vendas lá, mas não se chegou a conclusões, a resultados bons pelo seguinte motivo: Primeiro o custo. Pelo que eu levantei no inicio do projeto, ele ficaria não só de chipar, mas como também manter os centros onde pudesse fazer a leitura desses chipes, seria mais caro do que implantar o projeto de esterilização monitorado. A leitura desses chips não, iria ajudar no abandono de animais, porque você encontraria o animal na rua, a pessoa que jogou, ou que abandonou esse animal ele sabendo que o animal é chipado, ele iria abandonar em outra cidade, ou pior</p>	<p>Descarta o uso de chips em animais, pois não se mostra eficiente em relação ao abandono de animais além da demanda de alto investimento público. Enquanto que a implantação de um projeto de castração monitorado teria um custo menor que diminuiria a super população de animais abandonados.</p>

<p>porque você encontraria o animal na rua, a pessoa que jogou, ou que abandonou esse animal ele sabendo que o animal é chipado, ele iria abandonar em outra cidade, ou pior ainda, iria, matar o animal para que não fosse encontrado esse chip. Então eu abandonei totalmente a ideia de chipar animais, pelo custo, pela praticidade de que isso não iria inibir o abandono! Então, identificar os animais tem sentido sim, lá na frente, quando a gente conseguir fazer o controle da população animal, porque o grande problema hoje é a super população de animais.</p>	<p>ainda, iria, matar o animal. Então, identificar os animais tem sentido sim, lá na frente, quando a gente conseguir fazer o controle da população animal, porque o grande problema hoje é a super população de animais.</p>	
<p>5. Isso poderia inclusive, ser um bom trabalho na área de estatística de geografia, que eu tive pensando aqui outro dia. Fazer um trabalho de como que os animais de estimação efetivamente, tem uma vida boa, tem uma vida razoavelmente boa, qual é o percentual desses animais que tem essa vida. Se ele tem lazer, se ele é querido, se ele é bem alimentado, se ele tem</p>	<p>Isso poderia inclusive, ser um bom trabalho na área de estatística de geografia. Fazer um trabalho de como é a vida dos animais de estimação. Se ele tem lazer, se ele é querido, se ele é bem alimentado, se ele tem atendimento veterinário e porque ele está na residência. Porque grosso modo o que, que eu sei? É que 60 à 80% dos animais vive uma vida péssima, por</p>	<p>Propõe um trabalho de geografia que seja voltado ao estudo da condição e qualidade de vida dos animais de companhia afim de auxiliar novas políticas públicas.</p>

<p>atendimento veterinário e porque ele está na residência. Porque grosso modo o que, que eu sei? É que 60 à 80% dos animais vive uma vida péssima, por que? Porque eles são tidos para serem apenas, no caso dos cães, pra atender o quintal, atender a propriedade da pessoa, e talvez, chegar a entender qual é esse percentual dos cães que realmente são queridos, levaria a gente a aumentar os controles públicos ou não, pra diminuir a população animal. Quanto menos animais tivesse melhor, a minha ideia é de quanto menos animal tiver muito melhor, soluciona o abandono e soluciona os maus tratos, ou diminui os maus tratos, esse é o objetivo de qualquer protetor de animais.</p>	<p>que? Porque eles são tidos para serem propriedade da pessoa, e talvez, chegar a entender qual é esse percentual dos cães que realmente são queridos, levaria a gente a aumentar os controles públicos ou não, pra diminuir a população animal. Quanto menos animais tiver melhor, a minha ideia é de quanto menos animal tiver muito melhor, soluciona o abandono e soluciona os maus tratos, ou diminui os maus tratos.</p>	
<p>6. Uma das coisas que podem ser feitas lá na frente, prevista no final do projeto é se nós não conseguirmos a redução efetiva do abandono conforme prevista pelo projeto, com as castrações, o percentual, com o monitoramento, se mesmo</p>	<p>Se nós não conseguirmos a redução efetiva do abandono conforme prevista pelo projeto, com as castrações, o percentual, com o monitoramento, se mesmo assim continuasse a existir abandono e nisso poderia juntar a ideia de fazer a</p>	<p>Propõe que após o trabalho de castrações deve-se fazer a identificação desses animais e taxação da população que tenha fêmeas tuteladas, sistema já implantado em países como Japão.</p>

<p>assim continuasse a existir abandono e nisso poderia juntar a ideia de fazer a identificação dos animais para a proteção animal, a ideia de que lá na frente o poder público municipal pudesse fazer uma taxa. Se o proprietário quisesse ter um animal femea, cachorra ou gata em casa, ele teria que pagar uma taxa, eu sei que é feito em algumas cidades do Japão].</p>	<p>identificação dos animais para a proteção animal, a ideia de que lá na frente o poder público municipal pudesse fazer uma taxa. Se o proprietário quisesse ter um animal femea, cachorra ou gata em casa, ele teria que pagar uma taxa, eu sei que é feito em algumas cidades do Japão.</p>	
<p>7. a melhora do atendimento desses animais, poderíamos então fotografar os animais pode ser barato, simples, fácil de fazer, e identificar efetivamente cada animal pra cobrar do proprietário uma taxa. Isso casa bem com o projeto, pode dar muito certo lá na frente, porque o projeto além de esterilizar os 80% dos animais ele vai fazer o monitoramento posterior. Como que ele faz o monitoramento? Em cada área de dez mil habitantes humanos, tem um protetor público de animais; funcionário da prefeitura, gente simples, gente que já é</p>	<p>É possível fotografar os animais para identificar cada animal pra cobrar do proprietário uma taxa. O projeto além de esterilizar os 80% dos animais ele vai fazer o monitoramento posterior. Como que ele faz o monitoramento? Em cada área de dez mil habitantes humanos, tem um protetor público de animais; funcionário da prefeitura, gente simples, gente que já é funcionário, mora no local, sabe? Não há custo para prefeitura. A prefeitura vai deixar de usar canil municipal, estrutura de CCZ voltado aos animais</p>	<p>Acredita que monitoramento deve ser feito em cada área de dez mil habitantes humanos, onde deve-se ter um protetor público de animais. Esse protetor deve ser alguém que esteja já envolvido com a comunidade afim de diminuir custo para prefeitura. Com o projeto algumas estruturas e funções exercitas por funcionários da prefeitura não serão mais necessárias, como, por exemplo, o CCZ e canil municipal. Os funcionários poderiam ser realocados para novas funções dentro do projeto, assim como a verba para a manutenção dessas antigas estruturas passaria a</p>

<p>funcionário, mora no local, sabe? Não há custo para prefeitura. A prefeitura numa cidade como Tatuí, vamo dizer... cem mil habitantes, tem dez protetores públicos de animais, e a prefeitura vai deixar de usar canil municipal, estrutura de CCZ voltado aos animais domésticos, só aí, a prefeitura tem veterinários, tem um monte de gente... só aí, esse pessoal todo realocado, ou, os valores não sendo mais usados, vão ser usados nesse projeto, esse protetores públicos vão fazer visitas regulares, na cidade inteirinha, tá previsto inclusive, fazer no máximo a cada ano, um novo censo.</p>	<p>domésticos, só aí, a prefeitura tem veterinários, tem um monte de gente... só aí, esse pessoal todo realocado, ou, os valores não sendo mais usados, vão ser usados nesse projeto, esse protetores públicos vão fazer visitas regulares, na cidade inteirinha, tá previsto inclusive, fazer no máximo a cada ano, um novo censo.</p>	<p>ser redistribuída para novas funcionalidades do projeto. O censo deve ser anual.</p>
<p>8. o censo, puramente só o censo, teria que fazer algumas indicações. Na casa que a gente visita que a gente tem maus tratos pra depois fazer um trabalho em cima de conscientização, de procurar solucionar o problema do animal. Isso é; o tipo da alimentação, é enfim, um monte de coisas, que daí esse protetor publico vai continuar</p>	<p>Na casa visitada que tem maus tratos é preciso fazer um trabalho de conscientização, para solucionar o problema do animal. Isso é; o tipo da alimentação, etc. Esse protetor publico vai continuar trabalhando na área e fará visitas e se for necessário fará uma taxaço. Isso contribui para solucionar o problema</p>	<p>O formulário deve levar em consideração aspectos que afetam a qualidade de vida do animal. Deve haver, também, um trabalho de conscientização em relação aos casos de maus tratos e proteção animal. A taxaço é uma forma de aumentar os recursos financeiros em prol de melhorias para os animais e, também, age na</p>

<p>trabalhando na área e fazendo visitas e se for necessário fazer uma taxaço, mesmo que não seja pra controle de população animal, se a gente conseguir solucionar o problema do abandono, mas em função de melhorar a qualidade de vida dos animais usando recursos que eventualmente venha.</p>	<p>do abandono, e pode agir na melhora da qualidade de vida dos animais usando recursos que eventualmente tenha.</p>	<p>conscientização para que as pessoas não fiquem com fêmeas férteis, com possibilidade de aumento da população.</p>
<p>9. Inicialmente, o projeto era Postos Veterinários de Proteção aos Animais, eu previa que o poder público municipal instituísse postos veterinários pra atender essa questão de fazer o controle da população animal. Depois eu abandonei a ideia dos postos veterinários pelos custos, e pela dificuldade de implantar, é difícil encontrar uma prefeitura que bancasse os custos, era um posto veterinário pra cada vinte e cinco mil habitantes humanos. Ficaria caro, é difícil encontrar quem faria, e segundo esses veterinários que iriam trabalhar nos postos seriam concursados não vi que esses veterinários pudessem fazer um bom trabalho porque ser veterinário não significa ser protetor de animais, ao contrário, parece radical de minha parte, mas o maior inimigo dos animais abandonados são os veterinários. Eles não querem projetos que efetivamente faça controle populacional efetivo! eles detestam isso!!</p>	<p>Previu que o poder público municipal instituísse postos veterinários pra atender essa questão de fazer o controle da população animal. Depois abandonou a ideia dos postos veterinários pelos custos, e pela dificuldade de implantar, era um posto veterinário pra cada vinte e cinco mil habitantes humanos. Esses veterinários que iriam trabalhar nos postos seriam concursados não vi que esses veterinários pudessem fazer um bom trabalho porque ser veterinário não significa ser protetor de animais, ao contrário, parece radical de minha parte, mas o maior inimigo dos animais abandonados são os veterinários. Eles não querem</p>	<p>O projeto inicial visava trabalhar com veterinários, porém os veterinários enquanto classe não apoiam projetos que tenham como objetivo sanar o problema dos animais abandonados, pois isso na concepção deles apresenta uma ameaça financeira e mercadológica. Porém, o projeto possui um caráter de conscientização que visa trabalhar em conjunto com os veterinários, o que proporcionaria um aumento de consultas veterinárias.</p>

<p>eles tem uma mentalidade tacanha, enquanto classe. Ele não consegue avançar em nenhuma cidade porque os veterinários se opõe. Eles ganham dinheiro com animais abandonados, eles acham que se nós controlarmos a população animal não tendo animais abandonado vai diminuir o número de dinheiro que eles ganham e não é verdade, é uma mentalidade tacanha, que tem que ser superada, porque ao contrário ao fazermos um projeto público, de além de eliminar o problema do animal abandonado, solucionar o problema dos animais abandonados, vai trabalhar com conscientização. Esse protetor público, ele ao fazer o monitoramento, ele não faz só o monitoramento, ele trabalha com palestra em escola, ele trabalha com levar cartilhas, ele trabalha com verificar onde tem um cão adoentado que não foi no veterinário, indicar o veterinário pra ele. Então, aumentaria o número de consultas inclusive.</p>	<p>projetos que efetivamente faça controle populacional efetivo! Eles tem uma mentalidade tacanha, enquanto classe. Não consegue avançar em nenhuma cidade porque os veterinários se opõe, pois, ganham dinheiro com animais abandonados, eles acham que se nós controlarmos a população animal não tendo animais abandonado vai diminuir o número de dinheiro que eles ganham e não é verdade. Esse protetor público, ele ao fazer o monitoramento, ele não faz só o monitoramento, ele trabalha com palestra em escola, ele trabalha com levar cartilhas, ele trabalha com verificar onde tem um cão adoentado que não foi no veterinário, indicar o veterinário pra ele. Então, aumentaria o número de consultas inclusive.</p>	
<p>10. Projeto do Protetor Público deixou de ser Postos Veterinários e passou a ser Posto de Proteção Animal, onde apenas colocariam um local físico em cada dez mil habitantes também, já agora</p>	<p>10. Projeto do Protetor Público deixou de ser Postos Veterinários e passou a ser Posto de Proteção Animal, onde apenas colocariam um local físico em cada dez mil habitantes. Apenas um, um</p>	<p>Propõe que haja um protetor público de animais a cada 10 mil habitantes. Reduziu o custo do projeto isentando custos de construção de estruturas físicas, em que o protetor público possa ser</p>

<p>não mais vinte e cinco, mas dez mil. Apenas um, um local, um postinho, uma sala com um protetor público ali, nesse local, fazendo o monitoramento das castrações e trabalhando com conscientização animal, trabalhando com melhorar a vacinação, talvez pensar em vacinação pra cinomose, combate a carrapato, etc. Também para diminuir custos para prefeitura, eu retirei até o posto, não precisa nem do posto, não precisa dos veterinários mais, porque o projeto passaria a ser feito com castrações por mutirão inicialmente, mas barato e uma vez só. Não precisaria do posto físico, bastaria o protetor público, bastaria uma pessoa que poderia estar alocada em qualquer lugar, ali dentro do bairro, num bairro qualquer, numa escola, num posto de saúde, ou mesmo num salão paroquial, qualquer coisa assim, pra não ter custos.</p>	<p>local, um postinho, uma sala com um protetor público ali, nesse local, fazendo o monitoramento das castrações e trabalhando com conscientização animal, trabalhando com melhorar a vacinação, talvez pensar em vacinação para cinomose, combate a carrapato, etc. Não precisa dos veterinários mais, porque o projeto passaria a ser feito com castrações por mutirão inicialmente, mais barato e uma vez só. Não precisaria do posto físico, bastaria o protetor público, bastaria uma pessoa que poderia estar alocada em qualquer lugar, ali dentro do bairro, num bairro qualquer, numa escola, num posto de saúde, ou mesmo num salão paroquial pra não ter custos.</p>	<p>alocado em espaços de atendimento público já existentes na cidade. Neste local o trabalho seria voltado ao monitoramento de castrações, saúde dos animais e também trabalhos de conscientização. Além disso seria feito inicialmente um mutirão de castração afim de minimizar os custos com veterinários ao longo do ano.</p>
<p>11. então o Projeto do Protetor Público de Animais formatado hoje, ele é muito</p>	<p>O Projeto do Protetor Público de Animais formatado hoje, ele é muito barato, simples,</p>	<p>Critica os abrigos de animais, pois estes colocam os animais em condições precárias que</p>

<p>barato, simples, baseia em esterilizar 80% das fêmeas de cães e gatos do município e junto com essa castração, o monitoramento posterior através do protetor público, que vai garantir que não volte o abandono. Eu acredito que em cinco, oito anos não existirão mais abandonos, os abrigos de animais existentes vão deixar de existir em dez ou vinte anos porque não haverá novos abandonos da rua, que serão levados a esses abrigos. Porque esses abrigos, a maioria deles, 80 ou 90% deles são pior do que a rua, é um sofrimento esses abrigos. Eu visitei dezenas, centenas aqui em Tatuí e em outros locais, é muito parecido com o canil municipal; ficam em baias fechadas, tem muitos que ficam amarrados, uma casinha. Tem um no Rio Grande do Sul que tem umas duzentas ou trezentas casinhas pequenas e cada um animal preso em corrente perto dessa casinha. O único abrigo efetivo, bom, que eu conheço que poderia é o Picolino em Havaré. Embora</p>	<p>baseia em esterilizar 80% das fêmeas de cães e gatos do município e junto com essa castração, o monitoramento posterior através do protetor público, que vai garantir que não volte o abandono. Animais abandonados não vão existir, assim como os abrigos. A maioria dos abrigos são piores que a rua. Visitou centenas é muito parecido com o canil municipal; ficam em baias fechadas, tem muitos que ficam amarrados em uma casinha. O único abrigo efetivo, bom, que eu conheço que poderia é o Picolino em Havaré. Embora tenha baias individuais, são tirados todos os dias para um gramado de quase um alqueire lá, que eles andam, correm, tem muitas pessoas, mas é caríssimo!!! Só se mantem com mecenas, que é o protetor rico que consegue manter. A hora que esse protetor morre, os animais ficam a deriva. Essa é sua grande luta, que os protetores mudem de paradigma, não buscar a construção de abrigos. Gasta-</p>	<p>são piores que a rua. O tempo e dinheiro gasto em ações voltadas para construção de canis e abrigos deve ser direcionado para ações de controle populacional.</p>
--	--	--

<p>tenha baias individuais, são tirados todos os dias para um gramado de quase um alqueire lá, que eles andam, correm, tem muitas pessoas, mas é caríssimo!!! Só se mantem com mecenas, que é o protetor rico que consegue manter. A hora que esse protetor morre, com aconteceu no caso do São Francisco em São Paulo, tinha lá oitocentos mil animais. Os animais ficam a deriva e acaba né, porque a sociedade não consegue manter isso também. Esse o grande luta minha, é que os protetores mudem de paradigma, não buscar a construção de abrigos, não montar abrigos. A prefeitura fez com uma Ong, um abrigo grande, cerca de seiscentos, oitocentos animais. Sabe? Gasta-se muito dinheiro com isso, gasta-se fortunas de dinheiro enquanto poderia fazer o controle populacional, ao invés de abrigo. Embora eu conheça o trabalho das protetoras que fazem esses abrigos, e realmente são anjos, só que tão equivocadas</p>	<p>se muito dinheiro com isso, gasta-se fortunas de dinheiro enquanto poderia fazer o controle populacional, ao invés de abrigo. Embora eu conheça o trabalho das protetoras que fazem esses abrigos, e realmente são anjos, só que tão equivocadas ao construir os abrigos, dedicam boa parte de sua luta para os abrigos e sofrem e morrem sofrendo pelos animais e sem perspectiva de solução, então por isso que a gente trabalha no Projeto do Protetor Público.</p>	
--	---	--

<p>ao construir os abrigos, dedicam boa parte de sua luta para os abrigo e sofrem e morrem sofrendo pelos animais e sem perspectiva de solução, então por isso que a gente trabalha no Projeto do Protetor Público.</p>		
<p>12. O projeto basicamente é isso; um tripé: castração de 80% das fêmeas, participação de protetores da cidade e a instituição dos protetores públicos. O protetor público encontrou um animal abandonado, atropelado na cidade não vai levar pra nenhum canil municipal, vai levar isso pra um protetor de animais que não tem cinquenta, cem animais; que tem um, ou dois, ou três já cadastrado, vai dar a ele condição. A maioria desses protetores é gente simples, paga o veterinário pra ele, dá ração pra ele até que encontre a adoção.</p>	<p>O projeto Protetor Público de Animais de sua autoria é um tripé: castração de 80% das fêmeas, participação de protetores da cidade e a instituição dos protetores públicos. O protetor público encontrou um animal abandonado, atropelado na cidade não vai levar pra nenhum canil municipal, vai levar isso pra um protetor de animais que tem um, ou dois, ou três já cadastrado. A maioria desses protetores é gente simples, paga o veterinário para o animal em situação de vulnerabilidade, abandonado, dá ração pra ele até que encontre a adoção.</p>	<p>O projeto Protetor Publico de Animais, é um tripé: castração de 80% das fêmeas, participação de protetores da cidade e a instituição dos protetores públicos. Os protetores de animais tem função dentro do projeto de oferecer lares temporários, afim de eliminar os canis e abrigos. Esses protetores devem ter apoio financeiro do poder público para que sejam assegurados todo os cuidados necessários ao animal, até que este encontre um adotante responsável.</p>

9.1 - Análise Ideográfica III:

O sujeito elaborou um projeto que visa solucionar o problema dos animais abandonados em ambiente urbano. Este projeto é intitulado “Protetor Público de Animais” que tem como tripé: castração de 80% das fêmeas, participação de protetores da cidade e a

instituição dos protetores públicos. Além disso, questões voltadas à qualidade de vida dos animais são levadas em consideração nas propostas que estão no projeto.

O discurso em vários momentos apresenta uma preocupação em minimizar os gastos públicos para a implantação do projeto. Ao longo da construção do mesmo, foram feitas múltiplas modificações a fim de apresentar as prefeituras algo simples, barato e viável. Sabemos que é muito difícil lidar com órgãos públicos e que todo projeto proposto por cidadãos comuns só consegue aprovação se houver vantagens para interesses políticos, como, por exemplo, diminuição de gastos, porém alguns pontos destacados para tal diminuição de investimento público podem apresentar complicações e poderiam ser repensados.

Podemos perceber que o protetor público é uma profissão de múltiplas funções, múltiplas tarefas. Neste aspecto, pode acarretar uma grande carga de trabalho para uma realização eficiente, assim como, em termos de praticidade. Talvez a criação de uma equipe voltada para realização de todas as questões colocadas em pauta no projeto, seria uma forma mais dinâmica e rápida. Quanto ao local de trabalho deste protetor em que pode ser alocado em qualquer prédio público que possui outra função. Por um lado isso pode ter efeitos positivos, pois além do corte de gastos, talvez possa proporcionar uma interação maior com a comunidade; porém é preciso pensar que cada caso deve ser analisado considerando as realidades individuais, como por exemplo, a falta de um espaço considerável em relação à estrutura para a realização de tais funções do projeto.

A taxa para quem quiser continuar com fêmeas férteis é revelada pelo sujeito como uma forma de forçar o cidadão a não ficar com fêmeas potencialmente aptas a procriarem e continuarem a aumentar a população. Por este lado aumenta a conscientização sobre a necessidade do controle populacional, no entanto, aos olhos do direito dos animais pode ser uma alternativa para reforçar o status de propriedade do mesmo, gerando uma possibilidade até para os proprietários de criadores de filhotes para venda a pagarem a taxa para continuarem seus negócios.

Inicialmente o sujeito vê pouca importância do Censo Animal frente a dimensão e a atuação do seu Projeto de Protetor Público de Animais. No entanto, com o desenrolar do seu discurso percebe-se que o sujeito destaca a importância do Censo Animal, principalmente na continuidade do controle populacional, mas que este censo não deve ser

apenas quantitativo, mas que consiga mostrar a qualidade de vida dos animais e se estão passando por maus tratos. Desta forma, compreende-se mais uma vez nesta pesquisa que o censo é de extrema importância, pois pode proporcionar por meio dos levantamentos de dados, que são justificativas concretas e reais, ações práticas que visem uma mudança na condição da vida desses animais, para além das atividades acadêmicas e de pesquisa. Outro ponto, como o sujeito mesmo destaca, é a elaboração de estudos geográficos voltados para os animais; dando maior embasamento e um panorama mais amplo para realização de políticas públicas, visto que são essenciais projetos construídos dentro de universidades para atender a comunidade local, como por exemplo, projetos de extensões voltados para a população animal, um exemplo que podemos citar é o Projeto Saúde, Lazer e Cãopanhia que foi realizado durante dois anos na cidade de Rio Claro.

10 - DISCURSO IV

O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?

Bom, ¹[o censo animal é você realizar a contagem né, dos animais; principalmente os animais que estão aí em casas e na rua, justamente pra você poder dar subsídios para políticas públicas né? Alertar governantes, as pessoas para se sensibilizarem]. Porque é um problema né? ²[São seres vivos e temos aos mesmos direitos de ter uma vida digna em toda a sua duração].³[Eu acho que a realização do censo pode ser, talvez, por amostras também em determinado bairro né? Porque a grande dificuldade é você bater de casa em casa, eu acho que a amostragem, primeiramente, seria uma forma interessante pra iniciar esse trabalho].

Análise IV:

Unidades de significado	Redução fenomenológica	Interpretação
1. O censo animal é você realizar a contagem né, dos animais; principalmente os animais que estão aí em casas e na rua, justamente pra você poder dar subsídios para políticas públicas. Alertar governantes, as pessoas para	Realização da contagem dos animais afim de dar subsídios para políticas públicas, sensibilizar governantes e a sociedade.	Para realização do censo é necessário fazer a contagem da população de animais, principalmente os animais que estão na rua. Com isso é possível dar um maior aporte para incentivos para realização de políticas

se sensibilizarem.		públicas para os animais, bem como a conscientização da sociedade.
2. São seres vivos e temos aos mesmos direitos de ter uma vida digna em toda a sua duração.	Animais são seres vivos e tem aos mesmos direitos.	Afirma que os animais humanos e não humanos possuem os mesmos direitos; tais como, direitos fundamentais.
3. Eu acho que a realização do censo pode ser por amostras também em determinado bairro. Porque a grande dificuldade é você bater de casa em casa, eu acho que a amostragem, primeiramente, seria uma forma interessante pra iniciar esse trabalho.	A amostragem, seria uma forma interessante pra iniciar esse trabalho visto que a grande dificuldade é você bater de casa em casa para coletar os dados.	O uso de amostragem seria uma forma para iniciar o trabalho devido a dificuldade de realização de coleta de dados por domicílio.

10.1 - Análise Ideográfica IV:

Afirma que os animais humanos e não humanos possuem os mesmos direitos; tais como, direitos fundamentais. Propõe que na realização do censo animal seja feita a contagem de animais de companhia por meio de amostragem, facilitando a coleta de dados inicialmente. Destaca a importância da realização do Censo Animal como mecanismo de subsídio para maior visibilidade do problema pela sociedade civil e pelo poder público, afim de que este realize políticas públicas em prol dos animais.

11 - DISCURSO V

O que é o censo animal e como é possível realiza-lo?

Bom, 1[eu considero importantíssimo fazer o censo animal em todas as cidades que der pra fazer. Eu tentei fazer em São Carlos, quando eu morava lá mas não tive oportunidade. É... então quando eu cheguei pra trabalhar aqui na unesp de Rio Claro eu achei que podia ser um projeto que eu ia conseguir apoio, que ia dar pra fazer, e eu

consegui fazer durante um ano. A minha ideia era repetir, pra estudar vários anos isso, pra estudar a dinâmica da população canina, principalmente. A princípio eu queria fazer pra qualquer animal, mas eu vi o quanto ia ser complicado, então eu resolvi fazer só pra cachorro e gato, então por ser muito complicado eu fiquei só com o cachorro. Então eu acabei fazendo só para cães e só no ano de 2012 que eu tive condições de fazer, porque fazer o censo para quantificar essas informações é muito trabalhoso; você precisa ter várias pessoas pra ajudar, não dá pra fazer em uma pessoa somente. Nós estávamos em oito pessoas, nós visitamos duas mil residências, a escolha dessas duas mil foi feita, durante seis meses, foi feito todo o planejamento, todo o estudo da amostragem pra determinar quais seriam esses dois mil domicílios, essas duas mil famílias que seriam entrevistadas. Então demora pra fazer tudo isso, mas isso eu poderia fazer sozinha! Agora pra eu ir lá visitar as duas mil casas eu precisava de gente, então foi eu meu marido, e seis alunos. Desses seis alunos, três eram bolsistas de projeto de extensão e três voluntários]. Então, em oito pessoas nós demoramos seis meses pra visitar dois mil domicílios. E aí, ²[nós aplicávamos um questionário que não envolvia só a parte de quantificação, de determinar quantos animais tem dono, quantos tão abandonados... isso interessava, mas não era só isso... então a gente tinha questões sobre a vacinação, castração, sobre os hábitos um pouco da família com aqueles animais; se costumavam largar eles soltos, se ele sai e mexe no lixo do vizinho e dá muito problema e tal, isso direto acontecia, é né da pessoa reclamar... “é porque gosto dos cachorros do meu vizinho, mas ele vem aqui bagunça meu lixo e meu vizinho não dá comida”, então todo mundo acusava o dono do cachorro de não dar comida. “Não dá comida então ele vem comer no meu lixo” né? Esse tipo de coisa, esse tipo de comportamento, as pessoas não se preocupam se o animal dela vai incomodar o vizinho ou não, e o vizinho pode fazer alguma maldade... tem muitas histórias nessas duas mil famílias que nós fizemos. Então a gente perguntava: Quantos animais você tem? Quantos são do sexo feminino? Quantos são do masculino? Quantos são castrados? Tinha tudo isso mas minha também a preocupação de ver como era o comportamento dos proprietários de cães da cidade. E assim, ³[tivemos muitas dificuldades porque as pessoas não falam muita a verdade né? Muitas pessoas não vão admitir que deixa o cachorro solto e aí a gente não conseguiu diferenciar quais eram os animais que a gente via andando pela rua que não tinham proprietários, eram abandonados e os cães que tem proprietários mais que ficam

soltos, não dá pra você diferenciá-los]. As vezes você olha um cachorro até saudável, com o pelo bonito, num tá machucado, tá alimentado e você fala “esse deve ter um proprietário” mas as vezes não porque deve ter uma outra categoria que é... ⁴[A Organização Mundial da Saúde divide os cães em várias categorias, então tem a categoria do cão de vizinhança, é aquele que fica perambulando pela rua, mas tem gente cuidando; então uma das pessoas pegam e leva pra vacinar, outro dia um leva pra castrar, outro dia alguém da comida, outro dia alguém vê que não tá bom e leva no veterinário. As pessoas cuidam, apesar dele não ter um proprietário, uma pessoa que mora junto, ele mora na rua mas ele tem quem cuide. Então a gente teve, nossa! Foi bem complicado identificar esses casos porque a grande maioria das pessoas a gente percebeu que as pessoas tinham um pouco de medo de falar a verdade com relação a isso com medo que a gente poderia ter algum tipo de punição, que a gente tava a mando a prefeitura para multar quem soltasse o cachorro e aí toda hora a gente tinha que esclarecer “nós não temos ligação nenhuma com a prefeitura, nem com o centro de zoonoses, nem com nada, nós só estamos fazer uma pesquisa para a universidade. Então a gente não tem interesse e nem intenção de punir ninguém, nem de nada, só queremos ver o que está acontecendo com esses cachorros]” e teve esses resultados que eu mostrei pra você e que eu posso disponibilizar pra vocês, se vocês precisarem né? Agora considero importantíssimo e eu queria continuar fazendo, eu tentei ⁵[eu submeti o projeto mais dois anos seguintes e não foi aprovado. E foi uma coisa muito curiosa porque no primeiro ano que eu submeti eu consegui nota máxima naquela classificação que tem lá de projeto de extensão, consegui todas as bolsas que eu quis, consegui tudo. Aí na próxima, eu modifiquei pouquíssimas coisas no projeto, que eram coisas que eu sabia que eu tive muitas dificuldades e que eu não conseguiria fazer, e com esse pouquinho de coisa que modificou eles não aprovaram, já caiu muito minha nota e já não aprovou e no terceiro ano mesma coisa, não deixaram eu continuar. E eu fui na prefeitura aqui, apresentei os resultados, vendi o meu peixe lá até não poder mais, a vice prefeita tava assistindo na época da gestão anterior, e ela disse “Não, porque isso é ótimo! Nós vamos te apoiar! Vamos por gente pra te ajudar...” prometeu mundos e fundos e nunca mais isso aconteceu... Então, aí eu fiquei desmotivada porque pra fazer esse tipo de trabalho em oito pessoas já foi bem complicado, então se eu não tiver ninguém pra me ajudar não tem condição sozinha de fazer, nem eu com o meu marido, em duas pessoas a gente ia demorar dois anos um trabalho que dá pra

fazer em seis meses, três meses... E a prefeitura prometeu pra mim, que eles iam me emprestar né?, iam deixar eu ter a colaboração dos agentes de saúde, então tem um pessoal que é contratado pela prefeitura pra ir ver o problema da dengue né? Que eles passam nas casas, e outras coisas eles iam disponibilizar esse pessoal pra me dar uma força pra fazer, e então não rolou, não aconteceu! Então acabou a gestão, veio outro prefeito e eu nem tentei falar com esse atual prefeito ainda, porque não é fácil fazer, mas eu gostaria de fazer... porque o meu intuito sempre foi desde o início estudar a dinâmica, não só saber em um ano o que está acontecendo, mas o que muda. Se as ações do poder público estão sendo eficientes eu não com relação a vacinação, se tá melhorando a situação ou não, era isso que era minha intenção né? Mas só que eu só pude ver um ano, então parei ali, por enquanto.]

Olha ⁶[quando a gente começou, eu sonhando em fazer um trabalho muito mais extraordinário do que o que eu fiz, achando que dava pra fazer eu fui atrás de descobrir aquelas coisas de chip e tal... Aí, isso foi 2012, aí lendo sobre isso e conversando com algumas pessoas, algumas pessoas falaram “ó esse negócio de chip não se usa mais, só no Brasil já tá abolido a questão de usar chip porque, hã, uma das questão é que o chip migra, ele não para quieto na pele, por baixo da pele onde ele é colocado, e por conta disso eles tavam tendo que colocar mais de um chip porque não achava onde ele tava pra ler. Então isso não é bom, não é saudável para o animal ficar com vários chipes, então o que os países desenvolvidos começaram a fazer é aquele tipo de tatuagemzinha que eu não sei os detalhes, como é que é feito. Mas é uma tatuagemzinha que não machuca, que não acontece nada demais, é um código e que não sai do lugar! Então se você for olhar, você vai achar aquela identificação não tem perigo, então até onde eu me preocupei em olhar isso, era a tatuagem que era o mais recomendado. Nós nem tentamos, perguntamos pros proprietários, pro pessoal que tinha cachorro sobre isso, o que eles acham de fazer, porque seria bom, ter essa questão.] ⁷[Isso é muito grave, isso pra mim é uma questão de educação e consciência das pessoas, delas entenderam que se ela quer ter o animal ela tem que ser responsável por aquele animal, não pode largar solto, não pode deixar de alimentar ali o cachorro direito e o cachorro querer ir comer lixo, que inclusive ele pode ficar doente, comendo comida estragada e coisas assim, invadir a casa dos outros... é a pessoa tem que ser responsável porque é, depois, hã, tem também o risco que eu não acredito que esse risco seja tão grande, mas que é citado em todos os trabalhos que eu leio, sobre os ataques, é o animal atacar

seres humanos. Eu acho isso o menor risco de tudo, mas todo mundo fala não porque além de você se responsabilizar por alimentar, castrar, vacinar, dar uma casa pro animal, você tem que ser responsável se o cachorro morder alguém e tal. Eu não acho que é tão comum assim o animal atacar alguém né? Mas é um ponto também que é levantado nos trabalhos que eu li né? Faz parte da responsabilidade de quem quer ter um cão ver isso aí. Então se você tem ele solto corre o risco dele machucar alguém né, aí a pessoa tem que pagar, aí tem todo aquele problemão... Então, seria muito melhor se o animal só saísse as ruas junto com o dono pra passear, não precisa nem por coleira, mas que esteja junto né? Vai passear junto, tem muita gente que usa sem coleira, a pessoa tá junto ali vendo se o cachorro vai fazer alguma coisa que não é bom nem pra ele, nem pros outros. Isso é uma campanha que precisava ser feita, a pessoa ter que aprender isso aí. E é muito pouca gente que tem consciência disso, pela minha pesquisa de 2012, muito pouca gente acha importante, a pessoa acha que tá tudo certo. Então a gente tava lá entrevistando alguém e de repente o cachorrinho escapava, então a gente perguntava “então esse daqui ele costuma dar as voltinhas dele...” “não, não, não! Foi só hoje, ele escapou” porque a pessoa ficava com medo que a gente ia punir, não pode falar a gente sabe que os cachorrinhos ficam soltos na rua, a gente tá careca de saber, por exemplo aqui na unesp, entram aqui direto. Tudo bem, não teria problema se não fosse perigoso pro próprio animal isso também, então isso é uma coisa que se eu tivesse chance de continuar eu ia fazer campanha, algum tipo de campanha, alguma coisa... porque eu acho que é um dos problemas mais sérios, porque inclusive você tem dificuldades em saber quais os cães você teria que ajudar, quais que precisam de ajuda? Que não tem ninguém que cuide deles? Você não identifica, fica misturado. E aí a gente ia tentar colocar colerinha, era uma tira de um material que nós testamos em alguns animais pra ver se não machucava, se não dava alergia. Era uma tira vermelha e uma tira amarela, e aí a gente ia ir distribuir pra pessoa o seguinte “ó, cê conhece algum cão de vizinhança próximo a sua casa, que é um cão que as pessoas ajudam mas não mora na casa de ninguém e você tem proximidade com ele, ce dá comida pra ele, coloque uma colerinha amarela nele e deixe por dois, três dias” e era um negócio que dava pra dar um nó bem forte, sem apertar, mas assim, de forma que o cachorro não conseguisse tirar durante dois, três dias. E o seu cão que você deixa sair na rua, você põe a colerinha vermelha. Tá por favor, pedimos, mas não aconteceu, porque todo mundo ficou com medo que gente ia fazer alguma coisa

com esses bichos, a gente só ia contar. A gente ia andar nos próximos dias no bairro, em oito pessoas ver quantos eram de vizinhança e quantos tinham proprietário, a gente só ia fazer isso. Bom, fomos lá ver e ninguém tinha colado, nem o de amarelo, nem o de vermelho, nada, zero!! O pessoal ficou com medo e prendeu tudo os bicho. Então falta muito esclarecimento, falta eles entenderem que a gente jamais ia interferir na vida deles, não ia multar, não ia pegar os cachorros levar pra outro lugar, nem fazer nada, e eles não acreditavam; a gente ia com a camiseta Unesp, e eles não sabem o que é Unesp, muita gente da cidade não conhece a universidade].⁸[Carrocinha é o terror de todo mundo, até hoje!! Morre de medo que vão confiscar os bichos, pegar, levar embora e toda hora eu falava “ó a gente não vai interferir em nada na sua vida, nós só queremos contar os animais” mas ce pensa que o pessoal acreditava? Eles ficam, assim, todo mundo desconfiado. A criançada ficava olhando, assim, meio com medo que a gente ia levar o cachorro embora. Porque todo mundo ama o animal!! Isso foi uma coisa que me impressionou, que apesar das pessoas não cuidarem bem, eles amam os bichos!! Adoram!! A pessoa faz questão de querer, de conviver com aquele animal, eles gostam!! Jamais iriam jogar fora né? Só que não cuidam como deveriam né? Então vacinação também, eu tenho certeza que bastante gente mentiu, a gente só perguntava quanto tempo faz que vacinou, se vacinou todo os animais que tem na casa, “nossa, teve campanha outro dia, e a gente vacinou todo mundo” então a gente tem que registrar o que a pessoa tá falando, se é verdade ou não, não tem como saber, e castrar também].

Agora de 2011 pra cá, pelo que eu andei... porque eu fiz isso em 2012, em 2011 eu já tava planejando...⁹[pelo que eu andei olhando aumentou bastante o número de castrações ao longo desses anos no Centro de Zoonoses, de 2011 pra cá tinha muito menos porque eu conversei com uma veterinária de lá, ela me disse que ela foi contratada pra isso, fazia dois anos que ela tinha sido contratada e ela não tinha feito nenhuma castração. “mas por que que ce não fez nenhuma?” “porque não tem o material pro centro cirúrgico e tal, me contrataram a veterinária que vai fazer a castração mas não tem o material, eu to esperando chegar o material”]. Agora de 2011 pra frente melhorou, eles conseguiram oferecer esse serviço bem mais né? Do que antes].¹⁰[Em 2012 quando eu perguntava pras pessoas, a grande maioria, isso me surpreendeu demais, a grande maioria simplesmente prende a cadela quando ela tá no cio. “Não castrar não eu prendo, ela não sai e cabo” Agora pela

nossa estimativa Rio Claro tem o dobro da quantidade de cães recomendado pela Organização Mundial da Saúde. Então como é que faz? O cara tá prendendo as cadelinhas no cio e como é que elas tão tendo filhote assim de monte? A maioria escapa, o pessoal não prende de verdade, mas eles falam que é o método que eles tem, pouquíssimos comentavam que davam anticoncepcional que também não é legal, é péssimo dar anticoncepcional, melhor castrar, mas foram poucos... e aí um monte falou que castrou e eu não acredito, e a maioria deixava preso. E os machos tudo bem, os machos pode deixar solto, também e uma coisa cultural. Ele vai achar uma cadela que escapou, se prendesse o macho também né], então isso... eu, ¹¹[eu, por principio, quando eu vou fazer esse tipo de pesquisa, eu não dou palpite em nada, eu só ouço e registro. E eu treitei os meus pesquisadores pra isso, você só pergunta e registra o que estão falando. A gente não tá lá pra dar palpite, nem pra ensinar nada, porque isso interfere no resultado... Se a gente começa a falar muito a pessoa vai falar aquilo que você tá querendo, então não é pra falar, pra que a coisa fica bem honesta mesmo] a gente não pode dar pitaco. Então é isso, eu estudei a questão, porque eu queria estudar a dinâmica né? Então ¹²[eu fui estudar os modelos de crescimento populacional e as experiências que as pessoas tiveram com o controle em cidades grandes por exemplo, Nova York. E provou-se que não adianta nada você matar os animais ou castrar em poucas quantidades, num ritmo lento, como as nossas políticas públicas fazem, vai castrando aos poucos. Porque a reação natural das populações animais é acelerar a reposição de quem foi assassinado ou daqueles que não nasceram por castração. Então é uma loucura! Eles começam a se multiplicar mais rápido do que quando tavam antes, então a reposição é muito mais rápida do que a retirada. Então não adianta nada, a população nunca vai ser controlada se não tiver a castração em massa. E assim, eles não tinham a política de carrocinha, mas sim de fazer uma castração grande, tipo 80% dos machos, aí controla, é a única forma de controlar, assim descente, uma forma descente de controlar e não sair matando tudo!]

¹³[O que a gente chama de censo é a observação completa da população, então se eu levei com oito pessoas seis meses pra ver duas mil famílias, então você imagina uma cidade que tem 180 mil pessoas, como é que vai fazer pra ver todas as família. Demora muito, é mais simples fazer por amostragem e mesmo assim é bem trabalhoso, mas é melhor. A gente fez todos os cálculos com muito cuidado pra chegar a conclusão de que duas mil

famílias representariam, se for bem feita a amostragem, representa o comportamento geral da cidade, então foi o suficiente. Claro que de lá pra cá a população já aumentou, teria que refazer esses cálculos. E nós nos baseamos nas informações do IBGE do censo de 2010 sobre a população humana né? A gente precisou usar isso pra fazer a amostragem dos animais, de lá pra cá isso já deve ter mudado, e agora nós só vamos ter o censo de novo em 2020, que é feito de dez em dez anos, então teria que usar informações desatualizadas, sete anos atrás, ainda quando eu fiz em 2012 tava mais próximo, isso é um outro problema pra quem vai trabalhar com amostragem, é porque quanto melhor, quanto mais confiável for a informação sobre a população humana, melhor será a sua amostragem para investigar a população animal né? Então é muito probleminha que tem, mas a gente sabe que tudo é aproximação, nada é exato, quando a gente tá fazendo isso né? Então é aproximadamente tem tantas famílias na cidade, é tudo meio né, já é alguma coisa, melhor do que não ter nada né? Até o censo do IBGE é aproximado, não é exato. Mas eu, eu, se você que mesmo a minha opinião, eu acho que a amostragem é muito válida, funciona. Porque pra você fazer um censo completo, fica muito caro e demorado, e como aqui eles me deram mil reais pra fazer isso (risos). Água, almoço, lanche eu paguei tudo pros meninos fazerem; levava pra minha casa pra almoçar, fazia almoço lá. Porque mil reais deu pra comprar papel, cartuxo, caneta pra fazer, camiseta, não deu pra pagar toda a pesquisa. Então, é caro, no mínimo cê tem que dar uma garrafinha de água de manhã outra a tarde pro pesquisador que está andando na rua nesse calor], no mínimo tem que dar uma água mineral pra cada um. Então é bem difícil de fazer, agora se eu conseguir de novo ainda vou submeter, mas ainda vou modificar um pouco o projeto, ver se eu convenço que é válido fazer isso de novo, ¹⁴[eu queria que eles deixassem eu fazer seguidamente pra ver como é a dinâmica, eu trabalho com esses modelos. Aí sim teria uma parte que seria de pesquisa, se eles deixassem eu ver, porque aí eu poderia usar os modelos que eu trabalho de crescimento de população com os dados reais da população animal da cidade. Eu escutei cada coisa aqui que é chocante, gente chegar pra mim e falar assim “não precisa fazer isso aí que você tá fazendo, não tem animal abandonado na cidade”, mas como não tem? Eu vejo um monte de animal abandonado, por onde cê andada que cê não vê, é aquela pessoa que só anda ali na praça na matriz eu acho, não sai do centro da cidade né? Vai lá na periferia pra você ver o tanto de cachorro que tem largado pela rua, largado a gente não sabe se é largado, mas tem. A

pessoa chega e diz “isso daí é uma coisa inútil, não é válido, não vai servir pra nada”, mas eu vou fazer... Eu recebi altas críticas também, que eu não devia me meter nisso porque eu não sou veterinária e daí que não sou veterinária? Eu to preocupada com essa questão aí, e acho que isso contribuiria com a comunidade, então é projeto de extensão, “ah mais isso não precisa” só porque é um projeto em relação aos animais. E isso foi dando razão pra eu desistir dos gatos, porque eu ia fazer pra gato também! Eu adoro gato! Mas como eu sei que como eu sei que cachorro tem muito mais a simpatia das pessoas e vai ser mais fácil eu conseguir recurso se eu falar que eu vou fazer para os cachorros do que se eu falar que vou fazer pra gato. Porque tem muita gente que tem implicância com gato, e cachorro a maioria gosta, eu gosto de tudo, eu gosto de qualquer bicho! E ai tinha gente que fala assim “mas ué, você não vai perguntar dos meus gatos?” “cê só quer saber do cachorro?” até queria saber mais não me deixaram fazer tudo, então, aí as pessoas queriam me mostrar os bichos, por isso que eu falo, todo mundo gosta do bichinho mas ela não sabe cuidar. Aí tinha gente que falava “tudo bem, já respondi dos cachorros, mas agora vou te mostrar meus gatos” e fazia eu ir lá ver os gatinhos], a gata que tinha 19 anos que eu conheci.

Análise V:

Unidades de significado	Redução fenomenológica	Interpretação.
1. Eu considero importantíssimo fazer o censo animal em todas as cidades que der pra fazer. Eu tentei fazer em São Carlos, mas não tive oportunidade. Quando eu cheguei pra trabalhar aqui na Unesp de Rio Claro eu achei que podia ser um projeto que eu ia conseguir apoio, que ia dar pra fazer, e eu consegui fazer durante um ano. A minha ideia era estudar a dinâmica da população	Considera importantíssimo fazer o censo animal. Conseguiu apoio da Unesp para realização do projeto durante um ano. A ideia inicial do projeto era estudar a dinâmica da população de animais, porém devido as dificuldades do trabalho, resolveu ter como objeto de estudo apenas os cachorros. Fazer o censo para quantificar essas informações é muito trabalhoso; precisa ter várias	Considera importantíssimo fazer o censo animal. Realizou um projeto em 2012 durante um ano com objetivo de estudar a dinâmica da população de cães na cidade de Rio Claro. O projeto teve auxílio da Unesp em que contava com oito pessoas para fazer as visitas domiciliares em duas mil residências. O planejamento e estudo da amostragem para escolher as duas mil famílias

<p>canina, principalmente. A princípio eu queria fazer pra qualquer animal, mas eu vi o quanto ia ser complicado, então eu resolvi fazer só pra cachorro e gato, então por ser muito complicado eu fiquei só com o cachorro. Então eu acabei fazendo só para cães e só no ano de 2012 que eu tive condições de fazer, porque fazer o censo para quantificar essas informações é muito trabalhoso; você precisa ter várias pessoas pra ajudar. Nós estávamos em oito pessoas, nós visitamos duas mil residências, a escolha dessas duas mil foi feita, durante seis meses, foi feito todo o planejamento, todo o estudo da amostragem pra determinar quais seriam essas duas mil famílias que seriam entrevistadas. Então demora pra fazer tudo isso, mas isso eu poderia fazer sozinha! Agora pra eu ir lá visitar as duas mil casas eu precisava de gente, então foi eu meu marido, e seis alunos. Desses seis alunos, três eram bolsistas de projeto de</p>	<p>pessoas pra ajudar. O projeto foi realizado em 2012 com apoio de oito pessoas para fazer as visitas domiciliares em duas mil residências. O planejamento e estudo da amostragem para escolher as duas mil famílias foi feito durante seis meses.</p>	<p>foi feito durante seis meses.</p>
---	---	--------------------------------------

extensão e três voluntários.		
<p>2. Nós aplicávamos um questionário que não envolvia só a parte de quantificação, de determinar quantos animais tem dono, quantos tão abandonados. Então a gente tinha questões sobre a vacinação, castração, sobre os hábitos um pouco da família com aqueles animais; se costumavam largar eles soltos, se ele sai e mexe no lixo do vizinho e dá muito problema e tal, isso direto acontecia, é né .da pessoa reclamar. Então todo mundo acusava o dono do cachorro de não dar comida. “Não dá comida então ele vem comer no meu lixo. Esse tipo de comportamento, as pessoas não se preocupam se o animal dela vai incomodar o vizinho ou não, e o vizinho pode fazer alguma maldade. Então a gente perguntava: Quantos animais você tem? Quantos são do sexo feminino? Quantos são do masculino? Quantos são castrados? Tinha tudo isso mas minha também a preocupação de ver como</p>	<p>O questionário para aplicação continha perguntas qualitativas sobre a vida dos animais e os hábitos da família em relação ao tratamento dos mesmos como por exemplo: questões sobre a vacinação, castração, se ele é um animal que sai as vezes ou fica o tempo todo em casa. Como também haviam perguntas quantitativas inclusas no questionário, como por exemplo: Quantos animais você tem? Quantos são do sexo feminino? Quantos são do masculino? Quantos são castrados? Porém tendo o foco na relação dos tutores com seus cães na cidade.</p>	<p>O questionário aplicado tinha como o foco na relação dos tutores com seus cães na cidade. Por isso foram feitas questões quantitativas e qualitativas.</p>

<p>era o comportamento dos proprietários de cães da cidade.</p>		
<p>3. tivemos muitas dificuldades porque as pessoas não falam muita a verdade né? Muitas pessoas não vão admitir que deixa o cachorro solto e aí a gente não conseguiu diferenciar quais eram os animais que a gente via andando pela rua que não tinham proprietários, eram abandonados e os cães que tem proprietários mais que ficam soltos, não dá pra você diferenciá-los.</p>	<p>Havia uma grande dificuldade de diferenciação dos cães abandonados e cães tutelados que ficam na rua uma parte do tempo do dia, pois a população não respondia de forma verdadeira o questionário, não admitem que soltam seus cachorros na rua.</p>	<p>Dificuldade de diferenciação das categorias de cães, pois a população não respondia de forma verdadeira o questionário.</p>
<p>4. A Organização Mundial da Saúde divide os cães em várias categorias, então tem a categoria do cão de vizinhança, é aquele que fica perambulando pela rua, mas tem gente cuidando; então uma das pessoas pegam e leva pra vacinar, outro dia um leva pra castrar, outro dia alguém da comida, outro dia alguém vê que não tá bom e leva no veterinário. As pessoas cuidam, apesar dele não ter um proprietário, uma pessoa que mora junto, ele</p>	<p>A Organização Mundial da Saúde divide os cães em várias categorias: categoria do cão de vizinhança, que é aquele cuidado pela população, apesar dele não ter um proprietário, mesmo ele morando na rua tem quem cuide. A identificação era muito difícil, a maior parte dos entrevistados não falavam a verdade em relação aos animais, pois tinham medo de punição e entendiam que os pesquisadores estavam fazendo aquele trabalho a</p>	<p>A Organização Mundial da Saúde divide os cães em várias categorias, uma delas é o cão de vizinhança que não possui um tutor, mas é cuidado pelos moradores. A diferenciação desses cães e os outros que já possuem lar é difícil de se fazer pois a maior parte dos entrevistados mentiam por medo de punição.</p>

<p>mora na rua mas ele tem quem cuide. Foi bem complicado identificar esses casos porque a grande maioria das tinham um pouco de medo de falar a verdade com relação a isso com medo que a gente poderia ter algum tipo de punição, que a gente tava a mando a prefeitura para multar quem soltasse o cachorro e aí toda hora a gente tinha que esclarecer “nós não temos ligação nenhuma com a prefeitura, nem com o centro de zoonoses, nem com nada, nós só estamos fazer uma pesquisa para a universidade. Então a gente não tem interesse e nem intenção de punir ninguém, nem de nada, só queremos ver o que está acontecendo com esses cachorros”.</p>	<p>mando a prefeitura, mesmo que estes esclarecessem sobre o que realmente se tratava o projeto.</p>	
<p>5. eu submeti o projeto mais dois anos seguintes e não foi aprovado. E foi uma coisa muito curiosa porque no primeiro ano que eu submeti eu consegui nota máxima naquela classificação que tem lá de projeto de extensão, consegui todas as bolsas que</p>	<p>No primeiro ano o projeto tinha conseguido nota máxima na classificação dos projetos de extensão da Unesp este foi submetido durante dois anos seguidos após o projeto inicial, porém não foi aprovado, mesmo sendo realizada apenas</p>	<p>O projeto não teve apoio de instituições públicas como Unesp e a prefeitura de Rio Claro para sua a continuação no ano seguinte a sua execução. O intuito do projeto era levantar dados sobre melhorias ou não da qualidade de vida da</p>

<p>eu quis, consegui tudo. Aí na próxima, eu modifiquei pouquíssimas coisas no projeto, que eram coisas que eu sabia que eu tive muitas dificuldades e que eu não conseguiria fazer, e com esse pouquinho de coisa que modificou eles não aprovaram, já caiu muito minha nota e já não aprovou e no terceiro ano mesma coisa, não deixaram eu continuar. E eu fui na prefeitura aqui, apresentei os resultados, a vice prefeita tava assistindo na época da gestão anterior, e prometeu mundos e fundos e nunca mais isso aconteceu... Então, aí eu fiquei desmotivada porque pra fazer esse tipo de trabalho em oito pessoas já foi bem complicado, então se eu não tiver ninguém pra me ajudar não tem condição sozinha de fazer. E a prefeitura prometeu pra mim, que eles iam deixar eu ter a colaboração dos agentes de saúde, então tem um pessoal que é contratado pela prefeitura pra ir ver o problema da dengue né? Que eles passam nas casas, e</p>	<p>algumas pequenas alterações em que a pesquisadora apontava as dificuldades ou impossibilidades dentro do projeto anterior.</p> <p>A prefeitura fez promessas em apoiar o projeto, por meio da colaboração dos agentes de saúde, o pessoal que é contratado pela prefeitura pra ver o problema da dengue nos domicílios. O intuito do projeto não era apenas saber dados de um ano em específico, mas o que mudou ao longo de vários anos, se as ações do poder público estão sendo eficientes com relação a vacinação, se tá melhorando a situação ou não. Porém só foi possível dar continuidade ao projeto.</p>	<p>população canina ao longo dos anos.</p>
--	--	--

<p>outras coisas eles iam disponibilizar esse pessoal pra me dar uma força pra fazer, e então não rolou, não aconteceu! Então acabou a gestão, veio outro prefeito e eu nem tentei falar com esse atual prefeito ainda, porque não é fácil fazer, mas eu gostaria de fazer... porque o meu intuito sempre foi desde o início estudar a dinâmica, não só saber em um ano o que está acontecendo, mas o que muda. Se as ações do poder público estão sendo eficientes com relação a vacinação, se tá melhorando a situação ou não, era isso que era minha intenção né? Mas só que eu só pude ver um ano, então parei ali, por enquanto.</p>		
<p>6. Isso é muito grave, isso pra mim é uma questão de educação e consciência das pessoas, delas entenderam que se ela quer ter o animal ela tem que ser responsável por aquele animal, não pode largar solto, não pode deixar de alimentar ali o cachorro direito e o cachorro querer ir comer lixo, que inclusive ele</p>	<p>A pessoa tem que ser responsável pelo seu cão. Não pode deixar de alimenta-lo. Não pode deixa-lo na rua sozinho. O ideal seria que o cão só saísse junto com o seu tutor para passear, o que garantiria que o mesmo não prejudique outros humanos, como, por exemplo, mexer no lixo da vizinçaça e mesmo</p>	<p>É necessário fazer uma campanha de conscientização dos tutores com princípios de guarda responsável. A ideia de identificar os animais por meio de coleiras com cores específica com ajuda da participação da população local não foi eficaz, pois a população não quis colaborar devido ao ressentimento de</p>

<p>pode ficar doente, comendo comida estragada e coisas assim, invadir a casa dos outros... é a pessoa tem que ser responsável porque é, depois, hã, tem também o risco que eu não acredito que esse risco seja tão grande, mas que é citado em todos os trabalhos que eu leio, sobre os ataques, é o animal atacar seres humanos. Faz parte da responsabilidade de quem quer ter um cão ver isso aí. Então se você tem ele solto corre o risco dele machucar alguém né, aí a pessoa tem que pagar, aí tem todo aquele problemão... Então, seria muito melhor se o animal só saísse as ruas junto com o dono pra passear, não precisa nem por coleira, mas que esteja junto né? Isso é uma campanha que precisava ser feita, a pessoa ter que aprender isso aí. E é muito pouca gente que tem consciência disso, pela minha pesquisa de 2012. Gente tava lá entrevistando alguém e de repente o cachorrinho escapava, então a gente perguntava “então esse daqui</p>	<p>possíveis ataques, ou latidos para pessoas na rua.</p> <p>Isso é uma campanha que precisava ser feita, a pessoa deveria aprender isso aí. E é muito pouca gente que tem consciência disso, segundo a pesquisa realizada em 2012.</p> <p>Para facilitar a identificação de animais abandonados e os que saem esporadicamente mais que tem um lar, foram utilizadas duas cores de fita em que foi pedido à população que tem contato próximo com esses cães para que colocassem. A amarela para os primeiros e a vermelha para os segundos como forma de tentativa de identificação dos animais que realmente precisam de uma ajuda maior. Porém, por falta de esclarecimento as pessoas não colaboraram com a ideia, pois tinham medo de serem punidas, mesmo os pesquisadores explicando o que só queriam contar os animais e que não tinham vínculo com a prefeitura, mas sim com a Unesp, porém a população desconhece a Unesp também.</p>	<p>serem punidos. Mostra-se uma falta de informação e desconhecimento da população em relação a instituição universitária, talvez, devido aos poucos projetos que atendam a comunidade e a falta de inter-relação da sociedade e acadêmica.</p>
--	---	---

<p>ele costuma dar as voltinhas dele...” “não, não, não! Foi só hoje, ele escapou” porque a pessoa ficava com medo que a gente ia punir, não pode falar a gente sabe que os cachorrinhos ficam soltos na rua. Acho que é um dos problemas mais sérios, porque inclusive você tem dificuldades em saber quais os cães você teria que ajudar, quais que precisam de ajuda? Que não tem ninguém que cuide deles? Você não identifica, fica misturado. E aí a gente ia tentar colocar colerinha, era uma tira de um material que nós testamos em alguns animais pra ver se não machucava, se não dava alergia. Era uma tira vermelha e uma tira amarela, e aí a gente ia ir distribuir pra pessoa o seguinte “ó, cê conhece algum cão de vizinhança próximo a sua casa, que é um cão que as pessoas ajudam mas não mora na casa de ninguém e você tem proximidade com ele, coloque uma colerinha amarela nele e deixe por dois, três dias” e era um negócio</p>		
---	--	--

<p>que dava pra dar um nó bem forte, sem apertar, mas assim, de forma que o cachorro não conseguisse tirar durante dois, três dias. E o seu cão que você deixa sair na rua, você põe a colerinha vermelha. Pedimos, mas não aconteceu, porque todo mundo ficou com medo que gente ia fazer alguma coisa com esses bichos. A gente ia andar nos próximos dias no bairro, em oito pessoas ver quantos eram de vizinhança e quantos tinham proprietário, a gente só ia fazer isso. Bom, fomos lá ver e ninguém tinha colado, nem o de amarelo, nem o de vermelho. O pessoal ficou com medo e prendeu tudo os bicho. Então falta muito esclarecimento, falta eles entenderem que a gente jamais ia interferir na vida deles, não ia multar, não ia pegar os cachorros levar pra outro lugar, nem fazer nada, e eles não acreditavam; a gente ia com a camiseta Unesp, e eles não sabem o que é Unesp, muita gente da cidade não conhece a universidade.</p>		
7. Carrocinha é o terror de	As pessoas têm medo de	A população teme as políticas

<p>todo mundo, até hoje!! Morre de medo que vão confiscar os bichos, pegar, levar embora. Eles ficam todo mundo desconfiado. A criançada ficava olhando, assim, meio com medo que a gente ia levar o cachorro embora. Porque todo mundo ama o animal! Apesar das pessoas não cuidarem bem, eles amam os bichos!! A pessoa faz questão de querer, de conviver com aquele animal. Jamais iriam jogar fora, só que não cuidam como deveriam. Então vacinação também, eu tenho certeza que bastante gente mentiu, a gente só perguntava quanto tempo faz que vacinou, se vacinou todo os animais que tem na casa. Então a gente tem que registrar o que a pessoa tá falando, se é verdade ou não, não tem como saber, e castrar também.</p>	<p>confiscação dos animais. As crianças ficavam com medo que levassem os cachorros embora. A população ficou desconfiava. Apesar das pessoas não cuidarem bem, eles amam os bichos. A pessoa faz questão de querer, de conviver com aquele animal. Jamais iriam jogar fora, só que não cuidam como deveriam. Foram feitas perguntas vacinação e castração em que muitas pessoas mentiram. Quanto tempo faz que vacinou, se vacinou todo os animais que tem na casa. Então os registros foram feitos segundo o que os entrevistados falavam se é verdade ou não, não tem como saber.</p>	<p>de repressão e punição que foram criadas ao longo da história em relação a tutoria dos animais. Pode-se identificar, também, que desde a infância o ser humano sente a necessidade e prazer em conviver com outros animais, porém os cuidados para que esses animais tenham qualidade de vida não são realizados, ou seja, apesar de amarem os animais as pessoas não cuidam como deveriam.</p>
<p>8. Pelo que eu andei olhando aumentou bastante o número de castrações ao longo desses anos no Centro de Zoonoses, de 2011 pra cá tinha muito menos porque eu conversei</p>	<p>A veterinária contratada em 2011 para trabalhar no Centro de Zoonoses ficou dois anos sem realizar castrações, pois não havia material para o centro cirúrgico. Após 2011</p>	<p>Mostra o descaso público em relação aos animais, pois a prefeitura não investia materiais para realização de castração em 2011.</p>

<p>com uma veterinária de lá, ela me disse que ela foi contratada pra isso, fazia dois anos que ela tinha sido contratada e ela não tinha feito nenhuma castração. “mas por que que ce não fez nenhuma?” “porque não tem o material pro centro cirúrgico e tal”, me contrataram a veterinária que vai fazer a castração mas não tem o material. Agora de 2011 pra frente melhorou, eles conseguiram oferecer esse serviço bem mais do que antes.</p>	<p>as castrações aumentaram, eles conseguiram oferecer esse serviço bem mais do que antes.</p>	
<p>9. Em 2012 quando eu perguntava pras pessoas a grande maioria simplesmente prende a cadela quando ela tá no cio. “Não castrar não eu prendo, ela não sai e cabo”. Agora pela nossa estimativa Rio Claro tem o dobro da quantidade de cães recomendado pela Organização Mundial da Saúde. A maioria escapa, o pessoal não prende de verdade, mas eles falam que é o método que eles tem, pouquíssimos comentavam que davam anticoncepcional</p>	<p>Em 2012 a grande maioria das pessoas diz que simplesmente prende a cadela quando ela tá no cio. Porém, a maioria escapa, ou os tutores não prendem, pois Rio Claro tem o dobro da quantidade de cães recomendado pela Organização Mundial da Saúde. Uma pequena parte da população usa anticoncepcional que também é péssimo para a fêmea, o melhor a se fazer é castrar. Os machos ficam soltos. É cultural. Certamente ele vai achar uma cadela que</p>	<p>A maioria das pessoas entrevistadas respondiam que tinham como solução prender as fêmeas para evitar a procriação em épocas de cio do animal, uma pequena parte da população diz usar anticoncepcional; outro fator negativo que aumenta o risco de doenças relacionadas ao sistema reprodutivo das fêmeas. Apesar da maioria da população relatar que prende as fêmeas os machos continuam soltos encontrando fêmeas para procriar. Rio</p>

<p>que também não é legal, é péssimo dar anticoncepcional, melhor castrar. E aí um monte falou que castrou e eu não acredito, e a maioria deixava preso. Os machos pode deixar solto, também e uma coisa cultural. Ele vai achar uma cadela que escapou, se prendesse o macho também né?</p>	<p>escapou.</p>	<p>Claro tem o dobro da quantidade de cães recomendado pela Organização Mundial da Saúde. A única solução para isso é a castração.</p>
<p>10. Eu, por principio, quando eu vou fazer esse tipo de pesquisa, eu não dou palpite em nada, eu só ouço e registro. E eu treinei os meus pesquisadores pra isso, você só pergunta e registra o que estão falando. A gente não tá lá pra dar palpite, nem pra ensinar nada, porque isso interfere no resultado... Se a gente começa a falar muito a pessoa vai falar aquilo que você tá querendo, então não é pra falar, pra que a coisa fica bem honesta mesmo.</p>	<p>Para não interferir nos resultados é feito um treinamento com os pesquisadores para que eles não façam ações que interfiram na resposta do entrevistado, ou seja, é apenas ouvir e registrar.</p>	<p>Para não interferir nos resultados é feito um treinamento com os pesquisadores para que eles não façam ações que interfiram na resposta do entrevistado, ou seja, é apenas ouvir e registrar.</p>
<p>11. Eu fui estudar os modelos de crescimento populacional e as experiências que as pessoas tiveram com o controle em cidades grandes por exemplo, Nova York. E provou-se que não adianta</p>	<p>Foi feito um estudo sobre os modelos de crescimento populacional e as experiências que as pessoas tiveram com o controle em cidades grandes, por exemplo, Nova York. E</p>	<p>Estudos revelam que matar os animais ou castrar em poucas quantidades, como as nossas políticas públicas realizam, resulta que os animais tenham uma reação de instinto de se multiplicar mais rápido do</p>

<p>nada você matar os animais ou castrar em poucas quantidades, num ritmo lento, como as nossas políticas públicas fazem, vai castrando aos poucos. Porque a reação natural das populações animais é acelerar a reposição de quem foi assassinado ou daqueles que não nasceram por castração. Então é uma loucura! Eles começam a se multiplicar mais rápido do que quando tavam antes, então a reposição é muito mais rápida do que a retirada. A população nunca vai ser controlada se não tiver a castração em massa. Eles não tinham a política de carrocinha, mas sim de fazer uma castração grande, tipo 80% dos machos, aí controla, é a única forma de controlar, assim descende, uma forma descende de controlar e não sair matando tudo!</p>	<p>provou-se que não adiantava nada matar os animais ou castrar em poucas quantidades, num ritmo lento, como as nossas políticas públicas fazem, porque a reação natural das populações animais é acelerar a reposição de quem foi assassinado ou daqueles que não nasceram por castração. Eles começam a se multiplicar mais rápido do que quando estavam, então a reposição é muito mais rápida do que a retirada. A população nunca vai ser controlada se não tiver a castração de 80% dos machos, aí controla, é a única forma descende de controlar e não sair matando tudo!</p>	<p>que antes, então a reposição é muito mais rápida do que a retirada.</p> <p>A única forma de controlar população de uma forma ética e responsável em prol dos próprios animais é a castração de 80% dos machos.</p>
<p>12. O que a gente chama de censo é a observação completa da população, então se eu levei com oito pessoas seis meses pra ver duas mil famílias, então você imagina</p>	<p>O censo é a observação completa da população, porém é um trabalho muito demorado e caro, pois além de demandar recursos financeiros para pesquisa é</p>	<p>Elaborar um censo é um trabalho muito demorado e caro, pois além de demandar recursos financeiros para pesquisa é necessário também um apoio específico voltado</p>

<p>uma cidade que tem 180 mil pessoas. Demora muito, é mais simples fazer por amostragem e mesmo assim é bem trabalhoso, mas é melhor. A gente fez todos os cálculos com muito cuidado pra chegar a conclusão de que duas mil famílias representariam, se for bem feita a amostragem, representa o comportamento geral da cidade, então foi o suficiente. E nós nos baseamos nas informações do IBGE do censo de 2010 sobre a população humana. A gente precisou usar isso pra fazer a amostragem dos animais, de lá pra cá isso já deve ter mudado, e agora nós só vamos ter o censo de novo em 2020, que é feito de dez em dez anos, então teria que usar informações desatualizadas, sete anos atrás, ainda quando eu fiz em 2012 tava mais próximo, isso é um outro problema pra quem vai trabalhar com amostragem, é porque quanto mais confiável for a informação sobre a população humana, melhor será a sua amostragem para</p>	<p>necessário também um apoio específico voltado para os trabalhadores que terão a função de censor. Fazer o trabalho por meio de amostragem diminui o tempo e custos, quando bem feita a amostragem representa o comportamento geral da cidade. Tem como base os dados do IBGE de população humana para analisar e quantificar a população animal, então quanto mais recente for as informações do censo do IBGE, mais confiável será a amostragem para investigar a população de cães.</p>	<p>para os trabalhadores que terão a função de censor. Fazer o trabalho por meio de amostragem diminui o tempo e custos, quando bem feita a amostragem representa o comportamento geral da cidade. Tem como base os dados do IBGE de população humana para analisar e quantificar a população animal, então quanto mais recente for essas informações melhor será a amostragem.</p>
---	--	---

<p>investigar a população animal. A gente sabe que tudo é aproximação, nada é exato, até o censo do IBGE é aproximado, não é exato. Mas eu acho que a amostragem é muito válida. Porque pra você fazer um censo completo, fica muito caro e demorado, e como aqui eles me deram mil reais pra fazer isso. Porque mil reais deu pra comprar papel, cartuxo, caneta pra fazer, camiseta, não deu pra pagar toda a pesquisa. Então, é caro, no mínimo cê tem que dar uma garrafinha de água de manhã outra a tarde pro pesquisador que está andando na rua nesse calor.</p>		
<p>13. Eu queria que eles deixassem eu fazer seguidamente pra ver como é a dinâmica, eu trabalho com esses modelos. Aí sim teria uma parte que seria de pesquisa, porque aí eu poderia usar os modelos que eu trabalho de crescimento de população com os dados reais da população animal da cidade. Eu escutei cada coisa aqui que é chocante, “não precisa fazer isso aí que você</p>	<p>Com os resultados anuais durante vários anos seguidos é possível ver como é a dinâmica populacional. Poderia usar os modelos de crescimento de população com os dados reais da população animal da cidade. Os acadêmicos costumam criticar muito esse tipo de trabalho usando argumentos de que não existem animais abandonados na cidade, porém esses mesmos não</p>	<p>Por meio de resultados anuais da real população animal da cidade é possível ver como é a dinâmica populacional usando modelos de crescimento de população. Há grandes críticas dentro da academia para realização de trabalhos em prol dos animais, pois desvalorizam e inferiorizam a causa animal, colocando-a como algo inútil ou de pouco valor. Bem como é visível a diferenciação de</p>

<p>tá fazendo, não tem animal abandonado na cidade”, mas como não tem? Eu vejo um monte de animal abandonado, é aquela pessoa que não sai do centro da cidade. Vai lá na periferia pra você ver o tanto de cachorro que tem largado pela rua. Eu recebi altas críticas também, que eu não devia me meter nisso porque eu não sou veterinária e daí que não sou veterinária? Eu to preocupada com essa questão aí, e acho que isso contribuiria com a comunidade, então é projeto de extensão, “ah mais isso não precisa” só porque é um projeto em relação aos animais. E isso foi dando razão pra eu desistir dos gatos, porque eu ia fazer pra gato também! Como eu sei que como eu sei que cachorro tem muito mais a simpatia das pessoas e vai ser mais fácil eu conseguir recurso se eu falar que eu vou fazer para os cachorros do que se eu falar que vou fazer pra gato. Porque tem muita gente que tem implicância com gato, e cachorro a maioria gosta. Aí</p>	<p>conhecem a realidade dos bairros periféricos. Outra questão bastante levantada é que o sujeito não é veterinário para aplicação de tal trabalho. Por isso conclui-se que todas as críticas advêm de uma ideia de desfavorecer a importância do mesmo por se tratar de um projeto em relação aos animais. Fator que fez o sujeito desistir de fazer um censo para a população de gatos também, pois cachorro tem muito mais a simpatia das pessoas e poderia fazer com que fosse mais fácil conseguir recurso para o projeto. Porém quando os entrevistados respondiam sobre os cachorros faziam questão de falar e até mesmo mostrar os gatos, mesmo que estes não interessavam para a pesquisa.</p>	<p>valorização pelo ser humano em relação a algumas espécies animais, como por exemplo, costumam gostar mais de cachorros do que gatos. Assim, há uma desmotivação do sujeito em pesquisar gatos, na tentativa de conseguir mais apoio e incentivo na pesquisa sobre cães. Porém quando nos deparamos com a realidade, a sociedade mostra-se aberta a receber ajuda, pois esta carente de políticas públicas que sejam voltadas para cães e gatos.</p>
--	---	--

<p>tinha gente que falava “tudo bem, já respondi dos cachorros, mas agora vou te mostrar meus gatos” e fazia eu ir lá ver os gatinhos.</p>		
--	--	--

11.1 - Análise Ideográfica V:

Realizou um projeto durante um ano com objetivo de estudar a dinâmica da população de cães na cidade de Rio Claro. Foi aplicado um questionário de perguntas qualitativas e quantitativas em dois mil domicílios, estes foram escolhidos por meio de uma série de estudos voltados para realização de amostragem, que se revelou, até o momento, ser o meio mais fácil e barato, principalmente quando comparado à realização de um censo na íntegra, entretanto, é um método tão eficaz quanto tal.

Ao longo do projeto a maior dificuldade encontrada foi a identificação da população canina para possível divisão de duas categorias principais, seguindo parâmetros da Organização Mundial de Saúde (OMS): cães semi domiciliados e cães de vizinhança. Por meio dessa classificação, seria possível identificar quais cães estavam em condições de maior vulnerabilidade e assim, direcionar com maior eficiência ações e recursos para melhorar a qualidade de vida dos mesmos. Porém, o trabalho feito em conjunto com a população local dos bairros não foi viável, pois, a população teme às políticas punitivas e a repressão do Estado, além de demonstrar grande desconhecimento sobre o tema e os estudos realizados pelas universidades. Com isso, a população acaba mascarando a realidade quando o questionário é aplicado e também não colabora com as ações do projeto. Este é um reflexo do descaso das instituições públicas e a falta de inter-relação com a sociedade, principalmente nas classes menos favorecidas.

Pode-se também identificar a necessidade do humano em conviver com outros animais, porém os cuidados para que esses animais tenham qualidade de vida não são realizados, ou seja, apesar de amarem os animais as pessoas não cuidam dos mesmos como deveriam. Dado que revela a compatibilidade teórica que Gary Francione menciona, sobre a esquizofrenia moral em que o autor define tal portar das pessoas como algo completamente incoerente porque amam uma espécie e escravizam e matam outras.

Há grande desvalorização da academia em relação aos trabalhos voltados em prol dos animais, pois mesmo os estudiosos ainda enxergam os animais como seres inferiores, que não necessitam de amparo. Porém, quando nos deparamos com a realidade, a sociedade mostra-se aberta a receber ajuda e está carente de políticas públicas que sejam voltadas para cães e gatos, revelados por este sujeito. Mostra-se importante um projeto de castração em massa, cerca de 80% dos machos e a elaboração prática de projetos voltados aos direitos animais, sendo como um de seus principais eixos a conscientização de guarda responsável e adoção consciente.

12 - ANÁLISE NOMOTÉTICA

12.1 - Procedimento para a leitura do Quadro Nomotético

Na coluna da esquerda do Quadro Nomotético estão as unidades de significado, provenientes da coluna Interpretação de cada discurso analisado. Manteve-se a ordem em que elas apareceram em cada discurso. Assim, colocaram-se todas as unidades da coluna interpretação do discurso I, depois, as do discurso II e assim por diante.

Na sequência horizontal, estão representados os discursos, I, II, III, IV e V. Nas cancelas, estão as convergências, indicadas pela letra “C”, seguidas de um número, que corresponde ao da unidade convergente. As divergências são indicadas pela letra “D”, no caso deste quadro não houve nenhum caso de divergência entre discursos, apenas entre unidades de significado de um mesmo discurso, que não configura como uma divergência, mas uma forma do próprio sujeito refazer o seu pensamento e mudar de ideia quanto à importância de se realizar um censo animal.

Quando não houver letra alguma nas cancelas, isto indica que houve individualidade daquela unidade de significado, ou seja, que a mesma não divergiu, e nem convergiu com nenhuma outra unidade, diretamente, o que expressa, portanto, uma ideia exclusiva daquele sujeito.

Assim, por exemplo, se a unidade 1 do quadro, proveniente do discurso I apresenta a indicação C – 15, na coluna do discurso II, isto quer dizer que a unidade 1 do quadro,

converge com a unidade – 15 do mesmo, que é proveniente do discurso II e assim por diante

A seguir são apresentados os assuntos que foram trabalhados no quadro nomotético, identificados por cores:

➤ Quantificação do Censo
➤ Qualidade de vida
➤ Equipe
➤ Perguntas
➤ Identificação
➤ Abolição Animal
➤ Castração
➤ Controle de população
➤ Políticas Públicas
➤ Categoria de animais
➤ Abandono
➤ Recursos
➤ Métodos
➤ Coleta de Dados
➤ Status de Propriedade
➤ Importância do Censo
➤ Outras iniciativas
➤ Conscientização
➤ Chip em animais
➤ Projeto Protetor Público de Animais
➤ Protetores de animais independentes
➤ Taxação
➤ Protetor Público
➤ Universidade

Legenda 1: Categoria de análise de discurso dividida por cores

12.2 – Quadro Nomotético:

Und	Ord	Unidades de significados interpretadas	I	II	III	IV	V
1	I-1	1.Saber sobre a quantificação dos animais pode ajudá-los.	C 1,10, 11		C 26	C 32	C 36 46

2	I-2	2. O censo pode ser um instrumento que mostra a qualidade de vida dos animais.	C 2	C 12	C 24, 27		C 36, 39, 41
3	I-3	3. O censo deve ser realizado por uma equipe, do IBGE ou outro órgão que possua uma equipe para isso.	C 3			C 35	C 46
4	I-4	4. As perguntas iniciais devem ser como “quantos animais você possui na sua casa?” e “quem são os animais?”. Por meio delas é possível fazer um registro/identidade dos animais como por exemplo RG. E assim, tendo um documento o animal passa a ser visto como ser de direito, diferenciado, respeitado e protegido na cidade. Com o registro é possível identificar a situação do animal em relação aos maus tratos.	C 4,5,11. C 4,7, 8 C 4	C 16, 18,19 C 13 14,15	C 22,25	C 33	C 36 C 38, 40
5	I-5	5. Perguntas iniciais são: quantos animais? quem são esses animais? O histórico de doenças dos animais, cronograma de vacinas atualizado e se são castrados. Assim, podendo identificar dados sobre a saúde dos animais e o possível aumento dessa população.	C 4, 5,11 C 5	C 17	C 21,23 25,29 31		C 36 C 42, 43, 45
6	I-6	6. Importância de fazer um censo residencial, levantando dados referente à animais domiciliados, não domiciliados, abandonados e animais comunitários. Com isso é possível ter maior controle e dimensão de como criar políticas públicas para melhorar a qualidade de vida desses animais.	C 6 C 6,8,11 C 6, 7, 9, 10	C 15 C 17, 19	C 30 C 24	C 32	C 43, 45 C 45, 47 C 37, 38

7	I-7	7. Existe animais que não são comunitários, possuem um lar fixo, porém saem durante o dia para rua e voltam em um outro período do dia. É importante levar em consideração essa população no censo; visando fazer um trabalho de identificação desses animais para esses não sejam confundidos com animais abandonados e ocorra um desvio dos mesmos para novos lares. Identificar quais são os animais abandonados, comunitários e tutelados que passeiam sozinhos durante o dia, para que assim a prefeitura possa ser acionada para que cuide desses animais e os encaminhe também a lares temporários ou permanentes evitando que se encontrem em situação de vulnerabilidade.	C 4, 7, 8 C 6, 7, 9, 10	C 16, 18,19 C 17, 19	C 22,25		C 38, 40 C 37, 38
8	I-8	8. A rua é cruel para cães e gatos em que passam fome, frio, chuva e ficam doentes sem tutores que cuidem. . É preciso fazer uma identificação desses animais para que eles possam ser ajudados pelos órgãos públicos. O Estado é responsável pelo animal desde 1932, pela Constituição de Getúlio Vargas, porém isso não ocorre na prática.	C 4, 7, 8 C 6, 8,11 24 C 8	C 16, 18,19 C 15	C 22,25 C 24 C 20, 22,23	C 32	C 38, 40 C 45, 47
9	I-9	9. Atualmente o censo animal deve ser feito para animais doméstico e domesticados.	C 6, 7, 9, 10	C 17,19			C 37, 38
10	I-10	10. O censo animal serve para diagnosticar a dimensão de animais domésticos e domesticados, em que é possível saber a quantidade desses animais e quanto empregar na sociedade em termos de recursos. Esses recursos públicos devem ser retirados de impostos das fábricas, indústrias e comércio de setores que são voltados para os pets, além da parcela de impostos paga sobre a circulação dessas mercadorias.	C 1,10, 11 C 6,7,9, 10 C 10	C 17, 19	C 26 C 23,26, 27,29, 30	C 32	C 36, 46 C 37, 38

11	I-11	11. Perguntas básicas para elaboração do censo animal: Quantos animais você tem? Quem são esses animais? Idade? Se está doente? Se precisa de cuidados? Perguntas relacionadas a qualidade de vida desses animais, assim, é possível ter um levantamento de como está a situação dos animais domésticos e facilitar a elaboração de políticas públicas eficientes	C 1,10, 11 C 4,5,11 C 6,8,11	C 15	C 26 C 24	C 32 C 32	C 36, 46 C 36 C 45, 47
12	II-1	12. O Censo Animal ou qualquer iniciativa em relação aos animais deve ser realizado para que a vida desses animais possa ser mais harmoniosa ou menos sujeita à interesses humanos, e mais aos interesses dos próprios.	C 2	C 12	C 24,27		C 36, 39, 41
13	II-2	13. O Censo Animal deve ser trabalhado com valores éticos e metodologia correta para avaliar e diagnosticar os dados coletados, levando em consideração que esses animais estão em condição de propriedade em um estado de escravidão. Tendo esse foco principal a abolição animal, uma vez que do ponto de vista ético, isso é considerado muito injusto e arbitrário	C 4,	C 13 14,15 C 13, C 13, 14,19 C 13, 14,15	C 34 C 21	C 33	C 35, 46, 47 C 41, 47
14	II-3	14. Por meio dos dados coletados pelo censo, é possível ter uma melhor compreensão da situação atual dos animais e isso pode ajudar a construir projetos abolicionistas e de proteção ao animal. Essa proteção deve ser ligada a abolição animal e sempre deve ser questionada, visto que o animal sempre está sob a opressão do humano.	C 4	C 13, 14,15 C 13, 14,19 C 13, 14,15 C 14	C 21	C 33	C 41, 47 C 35

				D 21			D 35
15	II-4	15. A coleta de dados feita pelo censo animal deve ter objetivos específicos, mas estes dados podem ser usados também para geração de outras iniciativas. O censo ou qualquer outra iniciativa deve ter como foco principal o próprio animal, visto que a maioria das políticas públicas são criadas com intuito de utilitarismo e exploração animal. O censo deve ser criado respeitando e considerando os interesses e direitos dos animais.	C 4 C 6, 8,11	C 13, 14,15 C 15 C 13, 14,15 C 15,17		C 33 C 32	C 45, 47 C 41, 47
16	II-5	16. Animais podem ser identificados por fotos e banco de dados, isso é um avanço que pode salvar vidas.	C 4, 7,8	C 16, 18,19	C 22, 25		C 38, 40
17	II-6	17. O censo deve considerar que dentro dos possíveis dados da população animal em estado de vulnerabilidade existem especificidades, como, por exemplo, caso de animais perdidos que fugiram de suas casas e não conseguiram retornar. É importante identifica-los e diferenciá-los de casos de animais abandonados. Essa identificação é possível por meio de coleta de informações. O projeto deve se estender e realizar outras iniciativas voltadas a conscientização de guarda/tutela responsável, adoção consciente, importância da castração e outros temas relacionados aos animais de companhia, mas, também, se faz importante abranger questões éticas relacionadas aos direitos animais. Estas devem ser alicerçadas na educação vegana não violenta e criativa, de forma que esta construção de ideias e novos projetos sejam abertos à participação popular possibilitando uma criação coletiva de novos instrumentos em prol dos animais e do projeto em si.	C 5 C 6, 7, 9, 10	C 17, C 17,19 C 15,17 C 17	C 21, 23, 25,29, 31 C 27, 28, 29	C 32, C 32,	C 42, 43, 45 C 37, 38 C 40
		18. O uso de chipagem em animais é um instrumento que pode se mostrar	C 4, 7,8,	C 16,	C 22, 25		C 38,

18	II-7	eficiente na identificação, porém, possui alguns aspectos duvidosos. Há dificuldade de padronização e, além disso, não se sabe se o animal pode ter algum dano de saúde a curto e longo prazo com a implantação.		18,19 C 18, 23	C 23		40
19	II-8	19. A identificação dos animais deve ser da forma menos invasiva possível. Essa identificação facilitaria o reconhecimento de animais muito parecidos e de mesma raça, bem como animais perdidos que se deslocaram para lugares muito distantes de seu lar inicial. A coleta de dados deve ter duração de tempo pré estabelecida, em termos de atualização de dados de identificação desses animais para que haja um trabalho eficaz e facilite a interpretação dos resultados finais.	C 4, 7,8 C 6, 7, 9, 10	C 16, 18,19 C 17,19, 37,38 C 13, 14, 19	C 22, 25 C 21		C 38, 40 C 37, 38
20	III-1	20. É autor do projeto denominado: Protetor Público de Animais que visa solucionar o problema do abandono de animais em ambiente urbano. É um projeto barato, não precisa de leis, apenas do apoio do poder público municipal pra implantação.	C 8		C 20, 22,23 C 20,28, 31		
21	III-2	21. Não vê como prioridade a realização do censo porque para ele o método Pasteur se mostra eficaz em termos práticos, o censo na visão dele serviria para buscar respostas a outras perguntas de pesquisadores. Propõe que a coleta de dados para o censo seja feita juntamente com as castrações por meio de visitas domiciliares pelo censor, que teria a função de levar os animais até o local onde seria realizado a castração, bem como aplicar o formulário.	C 5, 17 C 13, 14, 19		C 21, 23, 25,29, 31 C 21 D 14 D 21 35		C 42, 43, 45 D 35
22	III-3	22. Vê a identificação de animais por foto como uma outra fase para o projeto, pois atualmente o uso das redes sociais pelos protetores de animais, como por exemplo Facebook, tem se mostrado eficaz para encontrar animais desaparecidos. O foco do projeto é acabar com os animais em estado de abandono.	C 4,7, 8. C 8	C 16,18, 19, C 20, 22,23 C 22, 31	C 22,25 C 20, 22,23 C 22, 31		C 38, 40

23	III-4	23. Descarta o uso de chips em animais, pois não se mostra eficiente em relação ao abandono de animais além da demanda de alto investimento público. Enquanto que a implantação de um projeto de castração monitorado teria um custo menor que diminuiria a super população de animais abandonados.	C 5 C 8 C 10	C 17 C 18	C 21,23 25,29, 31. C 20 22,23 C 23, 26, 27,29, 30 C 23	C 42, 43, 45
24	III-5	24. Propõe um trabalho de geografia que seja voltado ao estudo da condição e qualidade de vida dos animais de companhia afim de auxiliar novas políticas públicas.	C 2 C 6, 8, 11	C 12 C 15	C 24, 27 C 24 C 32	C 36, 39, 41 C 45, 47
25	III-6	25. Propõe que após o trabalho de castrações deve-se fazer a identificação desses animais e taxação da população que tenha fêmeas tuteladas, sistema já implantado em países como Japão.	C 4, 7, 8 C 5	C 16,18, 19	C 22, 25 C 17, 21, 23,25, 29, 31, C 25,27	C 38, 40 C 42, 43, 45
26	III-7	26. Acredita que monitoramento deve ser feito em cada área de dez mil habitantes humanos, onde deve-se ter um protetor público de animais. Esse protetor deve ser alguém que esteja já envolvido com a comunidade afim de diminuir custo para prefeitura. Com o projeto algumas estruturas e funções exercitas por funcionários da prefeitura não serão mais necessárias, como, por exemplo, o CCZ e canil municipal. Os funcionários poderiam ser realocados para novas funções dentro do projeto, assim como a verba para a manutenção dessas antigas estruturas passaria a ser redistribuída para novas funcionalidades do projeto. O censo deve ser anual.	C 1, 10, 11 C 10		C 26 C 23, 26, 27, 29, 30 C 26,29, 31	C 32 C 36, 46

27	III-8	27. O formulário deve levar em consideração aspectos que afetam a qualidade de vida do animal. Deve haver, também, um trabalho de conscientização em relação aos casos de maus tratos e proteção animal. A taxação é uma forma de aumentar os recursos financeiros em prol de melhorias para os animais e, também, age na conscientização para que as pessoas não fiquem com fêmeas férteis, com possibilidade de aumento da população.	C 2 C 10	C 12 C 17	C 24, 27 C 23, 26, 27, 29, 30 C 27, 28, 29 C 25, 27	C 32	C 36, 39, 41 C 40
28	III-9	28. O projeto inicial visava trabalhar com veterinários, porém os veterinários enquanto classe não apoiam projetos que tenham como objetivo sanar o problema dos animais abandonados, pois isso na concepção deles apresenta uma ameaça financeira e mercadológica. Porém, o projeto possui um caráter de conscientização que visa trabalhar em conjunto com os veterinários, o que proporcionaria um aumento de consultas veterinárias.		C 17	C 27, 28, 29 C 20, 28, 31	C 32	C 40
29	III-10	29. Propõe que haja um protetor público de animais a cada 10 mil habitantes. Reduziu o custo do projeto isentando custos de construção de estruturas físicas, em que o protetor público possa ser alocado em espaços de atendimento público já existentes na cidade. Neste local o trabalho seria voltado ao monitoramento de castrações, saúde dos animais e também trabalhos de conscientização. Além disso seria feito inicialmente um mutirão de castração afim de minimizar os custos com veterinários ao longo do ano.	C 5 C 10	C 17 C 17	C 21, 23, 25, 29, 31 C 23, 26, 27, 29, 30 C 27, 28, 29, 32, C 26, 29, 31	C 32	C 42, 43, 45 C 40
		30. Critica os abrigos de animais, pois estes colocam os animais em condições precárias que são piores que a rua. O tempo e dinheiro gasto em ações voltadas para construção de canis e	C 6 C 10		C 23, 26,	C 30	C 43, 45

30	III-11	abrigos deve ser direcionado para ações de controle populacional.			27, 29, 30		
31	III-12	31. O projeto Protetor Público de Animais, é um tripé: castração de 80% das fêmeas, participação de protetores da cidade e a instituição dos protetores públicos. Os protetores de animais tem função dentro do projeto de oferecer lares temporários, afim de eliminar os canis e abrigos. Esses protetores devem ter apoio financeiro do poder público para que sejam assegurados todos os cuidados necessários ao animal, até que este encontre um adotante responsável.	C 5	C 17	C 21, 23, 25, 29, 31 C 20, 28,31 C 22,31 C 26, 29, 31		C 42, 43, 45
32	IV-1	32. Para realização do censo é necessário fazer a contagem da população de animais, principalmente os animais que estão na rua. Com isso é possível dar um maior aporte para incentivos para realização de políticas públicas para os animais, bem como a conscientização da sociedade.	C 1, 10, 11, C 6, 8, 11	C 15	C 26 C 24	C 32 C 32	C 36, 46 C 45, 47
33	IV-2	33. Afirma que os animais humanos e não humanos possuem os mesmos direitos; tais como, direitos fundamentais.	C 4	C 13, 14, 15,		C 33	
34	IV-3	34. O uso de amostragem seria uma forma para iniciar o trabalho devido a dificuldade de realização de coleta de dados por domicílio.		C 13		C 34, 35	C 46, 47
35	V-1	35. Considera importantíssimo fazer o censo animal. Realizou um projeto em 2012 durante um ano com objetivo de estudar a dinâmica da população de cães na cidade de Rio Claro. O projeto teve auxílio da Unesp em que contava com oito pessoas para fazer as visitas domiciliares em duas mil residências. O planejamento e estudo da amostragem para escolher as duas mil famílias foi	C 3	C 13		D 21 C 34	C 35, 46 D 35 C 35, 46,

		feito durante seis meses					47
36	V-2	36. O questionário aplicado tinha como o foco na relação dos tutores com seus cães na cidade. Por isso foram feitas questões quantitativas e qualitativas.	C 1, 10, 11, C 2 C 4, 5 11	C 12	C 26 C 24, 27	C 32	C 36, 46 C 36, 39, 41 C 36
37	V-3	37. Dificuldade de diferenciação das categorias de cães, pois a população não respondia de forma verdadeira o questionário.	C 6, 7, 9, 10	C 17,19,			C 37, 38
38	V-4	38. A Organização Mundial da Saúde divide os cães em várias categorias, uma delas é o cão de vizinhança que não possui um tutor, mas é cuidado pelos moradores. A diferenciação desses cães e os outros que já possuem lar é difícil de se fazer pois a maior parte dos entrevistados mentiam por medo de punição.	C 4, 7, 8 C 6, 7, 9 10	C 16,18, 19 C 17,19	C 22,25		C 38, 40 C 37, 38
39	V-5	39. O projeto não teve apoio de instituições públicas como Unesp e a prefeitura de Rio Claro para sua a continuação no ano seguinte a sua execução. O intuito do projeto era levantar dados sobre melhorias ou não da qualidade de vida da população canina ao longo dos anos.	C 2	C 12	C 24, 27		C 36, 39, 41 C 39, 40, 47
40	V-6	40. É necessário fazer uma campanha de conscientização dos tutores com princípios de guarda responsável. A ideia de identificar os animais por meio de coleiras com cores específica com ajuda da participação da população local não foi eficaz, pois a população não quis colaborar devido ao ressentimento de serem punidos. Mostra-se uma falta de informação e desconhecimento da população em relação a instituição universitária, talvez, devido aos poucos projetos que atendam a comunidade e a falta de inter-relação da sociedade e	C 4, 7, 8	C 16, 18, 19 C 17	C 22,25 C 27, 28, 29	C 32	C 38, 40 C 32, 40 C 39, 40, 47

		acadêmica.					
41	V-7	41. A população teme as políticas de repressão e punição que foram criadas ao longo da história em relação a tutoria dos animais. Pode-se identificar, também, que desde a infância o ser humano sente a necessidade e prazer em conviver com outros animais, porém os cuidados para que esses animais tenham qualidade de vida não são realizados, ou seja, apesar de amarem os animais as pessoas não cuidam como deveriam.	C 2	C 12 C 13, 14, 15	C 24, 27		C 36, 39, 41 C 41, 47
42	V-8	42. Mostra o descaso público em relação aos animais, pois a prefeitura não investia materiais para realização de castração em 2011.	C 5	C 17	C 21, 23, 25, 29, 31		C 42, 43, 45
43	V-9	43. A maioria das pessoas entrevistadas respondiam que tinham como solução prender as fêmeas para evitar a procriação em épocas de cio do animal, uma pequena parte da população diz usar anticoncepcional; outro fator negativo que aumenta o risco de doenças relacionadas ao sistema reprodutivo das fêmeas. Apesar da maioria da população relatar que prende as fêmeas os machos continuam soltos encontrando fêmeas para procriar. Rio Claro tem o dobro da quantidade de cães recomendado pela Organização Mundial da Saúde. A única solução para isso é a castração.	C 5 C 6	C 17,	C 21, 23, 25, 29, 31 C 30		C 42, 43, 45 C 43, 45
44	V-10	44. Para não interferir nos resultados é feito um treinamento com os pesquisadores para que eles não façam ações que interfiram na resposta do entrevistado, ou seja, é apenas ouvir e registrar.					
45	V-11	45. Estudos revelam que matar os animais ou castrar em poucas quantidades, como as nossas políticas públicas realizam, resulta que os animais tenham uma reação de instinto de se multiplicar mais rápido do que antes, então a reposição é muito mais rápida do que a retirada. A única forma de controlar população de uma forma ética e responsável em prol dos próprios animais é a castração de 80% dos machos.	C 5 C 6 C 6, 8, 11	C 17 C 15	C 21, 23, 25, 29, 31 C 30 C 24	C 32	C 42, 43, 45 C 43, 45 C 45 47

46	V-12	46. Elaborar um censo é um trabalho muito demorado e caro, pois além de demandar recursos financeiros para pesquisa é necessário também um apoio específico voltado para os trabalhadores que terão a função de censor. Fazer o trabalho por meio de amostragem diminui o tempo e custos, quando bem feita a amostragem representa o comportamento geral da cidade. Tem como base os dados do IBGE de população humana para analisar e quantificar a população animal, então quanto mais recente for essas informações melhor será a amostragem.				<p>C 1, 10, 11, 26, 32, 36, 46</p> <p>C 3, 35, 46</p> <p>C 13, 34, 35, 46, 47</p>
47	V-13	47. Por meio de resultados anuais da real população animal da cidade é possível ver como é a dinâmica populacional usando modelos de crescimento de população. Há grandes críticas dentro da academia para realização de trabalhos em prol dos animais, pois desvalorizam e inferiorizam a causa animal, colocando-a como algo inútil ou de pouco valor. Bem como é visível a diferenciação de valorização pelo ser humano em relação a algumas espécies animais, como por exemplo, costumam gostar mais de cachorros do que gatos. Assim, há uma desmotivação do sujeito em pesquisar gatos, na tentativa de conseguir mais apoio e incentivo na pesquisa sobre cães. Porém quando nos deparamos com a realidade, a sociedade mostra-se aberta a receber ajuda, pois esta carente de políticas públicas que sejam voltadas para cães e gatos.	<p>C 6, 8, 11</p>	<p>C 15</p> <p>C 13</p> <p>C 13, 14, 15</p>	<p>C 24</p>	<p>C 32</p> <p>C 34</p> <p>C 35, 46, 47</p> <p>C 41, 47</p> <p>C 39, 40, 47</p>

13 - CONSTRUÇÃO DOS RESULTADOS

Por meio da utilização do método fenômeno situado, é possível ao final de sua composição fazer uma análise geral do objeto de estudo. A análise nomotética é a última etapa do método, utilizamos uma tabela com significados de cada discurso transcrito a fim de desvelar, por meio da análise, características equivalentes ao todo.

Primeiramente, é possível identificar que em todos os discursos analisados nesta pesquisa existem convergências em ambos os grupos escolhidos para coleta: tanto os ativistas, como os profissionais da área da geografia/demografia. Apesar de se tratar de grupos diversos, a ausência de divergências mostra que os argumentos expressos pelos sujeitos estão em sintonia e apresentam fortes reflexões que podem contribuir para construção do Censo Animal, quando sobrepostas entre si.

Como já exposto na tabela da análise nomotética acima; é possível ver que as unidades de número 14, 21 e 35 provenientes dos discursos III e IV, configuram uma divergência entre sujeitos, mas que se desfaz, pois a unidades 14 e 21 que são do mesmo discurso mostram uma mudança de posição de um dos sujeitos. Especificamente este sujeito que no início de seu discurso afirma que o Censo Animal não é tão importante quanto o seu trabalho Protetor Público de Animais, unidade 14, porém, no mesmo discurso o sujeito reafirma que o Censo Animal é importante inclusive pode ajudar no seu projeto, portanto, não se configuram entre estas unidades 14 e 21, uma divergência entre sujeitos, mas um refazer a ideia do sujeito sobre a importância do censo animal urbano. Já com a unidade 35 proveniente do discurso IV, que diz sobre a importância do censo animal, se configura uma divergência, mas, que, também, não permanece devido a esta mudança de opinião do sujeito III.

1. Quantificação:

Todos os discursos demonstram que considera de extrema importância quantificar os animais para melhorar a qualidade de vida dos mesmos, sendo a quantificação um meio facilitador para mediar e dosar os recursos públicos que devem ser voltados para o projeto, que também veem a qualificação como uma forma de demonstração de dados voltados para conscientização da população.

2. Qualidade de vida:

Demonstra que o censo é um mecanismo que proporciona levantar dados sobre a qualidade de vida dos animais, e com isso é possível realizar novas iniciativas para melhorias na condição em que estes se encontram. A formulação das perguntas aplicadas a população deve conter questões sobre a qualidade de vida dos mesmos.

3. Equipe:

Para a realização do Censo Animal, se faz necessário uma equipe que possua estrutura para realização do trabalho, um meio para se realizar o levantamento domiciliar é unir parcerias com órgãos governamentais de pesquisa, como por exemplo, o IBGE.

4. Perguntas:

Deve ser elaborado um formulário de perguntas quantitativas e qualitativas a serem aplicadas nos domicílios, que possam revelar a relação dos animais com seus tutores e a qualidade de vida dos mesmos. “Quantos são?”, “Quem são?”, “Idade?”, “Se está doente, ou faz uso de medicamento”, “Se precisa de cuidados”, etc.

5. Identificação:

Deve ser feita de forma menos invasiva possível, sendo o uso dos chips em animais descartado pelos sujeitos e dar prioridade a outras técnicas, um exemplo disso seria a criação de um documento de identificação; o RG Animal, em que estariam os principais dados especificando quem são esses animais, onde se localizam, e a qualidade de vida dos mesmos. A divisão por categorias de animais é de extrema importância, pois ajuda na visualização de grupos com maior vulnerabilidade e onde estão localizados, isso facilita a ação, de forma mais focalizada, dos órgãos públicos. Outro mecanismo interessante a ser abordado é o uso de um cadastro que contenha fotos e banco de dados, o que pode ser feito conjuntamente ao RG Animal, estes dados devem ser sempre atualizados, para que haja um acompanhamento na mudança dessa população, se há melhorias ou não.

As redes sociais hoje possuem uma grande função em relação aos animais perdidos, o que pode ser ainda melhor trabalhado em conjunto com esses registros citados acima. Em relação à dificuldade de fazer identificação dos animais com a ajuda da população local,

muitas vezes, pode ocorrer desta se negar a contribuir com os dados, por medo de punições, particularmente com relação a como os tutores permitem ou não a saída dos seus animais na rua sozinhos. Isso que cria uma categoria de animais na rua diferente dos animais abandonados, estão na rua mas são tutorados, o que pode atrapalhar na contagem dos animais de rua, por isso a necessidade de identificá-los de maneira diferenciada.

6. Abolição Animal e Status de propriedade:

O Censo Animal deve ser elaborado de forma ética, considerando os animais não humanos como beneficiários desse projeto; deve-se considerá-los como seres sencientes, que possuem direitos fundamentais e interesses próprios.

O foco do censo deve ser voltado para melhoria da condição dos animais visto que, estamos inseridos em uma sociedade pautada na exploração dos mesmos, por isso o diferencial do Censo Animal é a criação de um mecanismo baseado na abolição animal e não no utilitarismo, diferentemente da maioria das políticas públicas realizadas até os dias de hoje; visto que este é um reflexo da constante opressão dos humanos aos animais em que se pauta no status moral de propriedade que ainda possuem.

7. Castração:

A castração deve ser a base para qualquer iniciativa voltada para a melhoria da qualidade de vida dos animais. Conclui-se através dos discursos que 80% dos animais da cidade devem ser castrados, e que esse deve ser um trabalho efetivo realizado por mutirões. O extermínio (matar os animais de rua) além de ser ilegal é totalmente ineficaz, pois já foi demonstrado em pesquisa que após adotarem este recurso ao invés de diminuir, aumentou a população canina da cidade, por conta da dinâmica populacional dos animais.

A castração em pequenas escalas só estimula o crescimento da população canina e felina, visto que o instinto dos animais é repor a população perdida por meio da procriação. Para obter melhores resultados a cerca dos dados reais de animais castrados e não castrados, bem como a aceitação do projeto de castração pela população; se faz importante, que além da existência de uma questão voltada sobre quantidade de animais castrados no formulário, haja campanhas de conscientização sobre a castração, mostrando questões sobre

a saúde animal e sua importância na prevenção de doenças para os animais, assim como os benefícios do controle populacional quando utilizado este meio.

8. Controle da população:

A classificação dos animais pode auxiliar no controle da população. Os recursos públicos devem ser mais bem distribuídos, sendo voltados para o controle da população animal por meio da castração e não de ações que reduzem ainda mais a qualidade de vida dos animais, como por exemplo, os abrigos.

9. Políticas Públicas:

A maioria das políticas públicas são criadas para exploração ou utilitarismo animal; no caso das castrações, estas são realizadas de forma irregular, castrando em poucas quantidades de animais em que na maioria das vezes não possuem estruturas para realização da mesma, o que demonstra o exorbitante descaso público em relação a população animal e seus tutores.

Fatores como: agrupar animais por categorias, investimento em identificação, quantificação e levantamento de dados qualitativos em relação às reais condições dos animais possibilitam um maior auxílio na focalização das políticas públicas.

10. Categorias de animais:

Dividir os animais por categorias segundo o tipo de vulnerabilidade facilita a focalização de políticas públicas, permite que se direcionem melhor as ações mediante ao tipo de problema a ser sanado.

O Censo Animal deve ser voltado para animais domésticos ou domesticado, especificamente, cães e gatos. As categorias podem ser divididas entre: animais domiciliados, abandonados, comunitários e animais que possuem lares, mas permanecem boa parte do dia passeando sozinhos na rua.

Segundo Medeiros (2013), a Organização Mundial da Saúde também possui uma classificação de animais: C1 - Cães domiciliados: animais que recebem alimento, abrigo e cuidados gerais do proprietário e são totalmente restritos (não saem às ruas sem os

proprietários); C2 - Cães semi domiciliados: animais que recebem alimento e abrigo, mas os cuidados gerais são menos rigorosos, saindo às ruas sem acompanhamento e restrições; C3 - Cães de vizinhança: animais que permanecem próximos as residências ou estabelecimentos comerciais, recebendo alimentos, mas sem um proprietário definido; C4 - Cães sem proprietários. Essa divisão se mostra bastante eficaz, pois resume de forma sucinta e objetiva os tipos de animais. Fazendo o uso desta divisão por categorias e identificando quais e quantos animais se enquadram em cada uma delas, é possível pré estabelecer projetos e ações que sejam voltados para cada uma delas.

Outra categoria não citada pela OMS e que deve ser considerada é a de animais perdidos. É importante identificar os animais que estão na rua porque se perderam de seus lares, para que esses retornem ao primeiro lar e não sejam alocados em novas famílias, por exemplo.

11. Abandono:

A situação de abandono dos animais é extremamente cruel; a rua não é um ambiente propício para se fazer morada. Sabemos que as condições de fome, frio, chuva, sede, além de gerar sofrimento a esses seres sencientes pode ser ainda mais intensificada com as possíveis doenças que são acarretadas por conta dessas condições ambientais. Esses animais se encontram sem amparo, sem a presença de um tutor que lhe proporcione cuidados e uma vida digna. Para isso, é preciso pensar em ações e projetos voltados para solucionar essa situação, no caso podemos citar o Projeto Protetor Público de Animais, do Sr. José Marcio Franson de Tatuí - SP, que tem como foco acabar com o abandono de forma simples e barata.

12. Recursos

Os governos tendem a dizer que não tem verbas para projetos voltados aos animais, muitas vezes até utilizam do discurso que os animais não são contribuintes efetivos. Porém, é sabido que há uma série de impostos pagos por seus tutores, inclusive impostos exclusivamente voltados aos produtos que são destinados aos animais. Há uma série de empresas, fábricas e setores de comércio que são voltados para os pets em que estes

recursos devem ser retirados dos impostos desses setores, bem como, o imposto de circulação de mercadoria.

É possível pensar em projetos baratos e eficazes que possam verdadeiramente melhorar a vida dos animais, o principal deles seria um projeto de monitoriamento de castração, já proposto pelo Projeto Protetor Público de Animais, acima citado, em que este faz uma reformulação das estruturas antigas para construção de novas estruturas, assim; o projeto propõe que esses recursos já utilizados antes sejam repassados para construção de novas ações, já repensadas e que se mostram bem mais eficientes.

13. Métodos e Coleta de Dados:

A coleta de dados e análise dos mesmos deve ser pautada em valores éticos que visem a abolição animal, tendo o animal como protagonista de todas as ações de política pública. Os dados possibilitam uma melhor compreensão da realidade cruel em que os animais estão inseridos, e com isso, é possível fazer novos projetos abolicionistas e de protecionismo animal que atendam a estas necessidades reais. É importante ressaltar que se faz necessário fazer um trabalho com continuidade ao longo dos anos e que os dados coletados estejam sempre atualizados conforme suas modificações. Dois dos sujeitos analisados indicam que o método mais rápido e barato, bem como eficaz, é por meio de amostragem.

14. Importância do Censo Animal e outras iniciativas de conscientização:

Todos os sujeitos consideram de extrema importância a construção de um censo demográfico voltado para a população de animais domesticados. Há apenas uma divergência entre unidades do discurso do sujeito III, que na unidade 21 afirma que não vê como prioridade a realização do censo. Entendemos essa afirmação não como uma forma de desprezar o Censo Animal, mas que este sujeito entende que projetos de castração, como no caso Projeto Protetor de Animal Público, sejam colocados como iniciativas principais a serem realizadas, visto que ao longo do seu discurso o sujeito demonstra interesse e até sugere ideias para melhorar a criação do Censo Animal.

Outro ponto são as ressalvas que destacam a importância da criação do censo como base para criação de outras iniciativas em prol do protecionismo animal e direitos animais; que possam levar à comunidade trabalhos que tenham foco na guarda responsável, adoção

consciente, castração, conscientização sobre maus tratos animais etc., bem como a realização de projetos pautados na educação vegana não violenta e criativa, tendo a participação popular como o principal eixo para criação de novos projetos coletivos.

15. Universidade x Comunidade:

Tanto as instituições públicas como a comunidade, se mostram especistas. Desprezam a cruel condição dos animais e preferem simplesmente ignorar o problema, de forma que estas não sejam responsabilizadas a melhorar a qualidade de vida dos mesmos. A universidade e seus acadêmicos na maioria das vezes não enxergam relevância na criação de projetos para os animais domésticos, pois estão muito ocupados realizando projetos ditos “científicos”, que servem unicamente para possibilitar uma ascensão no “status quo profissional” e assim, todo trabalho voltado à comunidade, seja esta humana ou não humana, é visto como perda de tempo e desnecessário. Com isso, há um enorme abismo entre a comunidade e as universidades, sendo que a primeira clama e está extremamente carente por iniciativas como estas, por mais que muitas vezes esta desconheça ou tema a instituição acadêmica, o que é um reflexo do próprio distanciamento da Universidade que precisa ser mudado com urgência.

Assim, finalizando a análise dos discursos coletados pode-se dizer que os mesmos se encaixam de forma harmônica, e falam de formas diferentes sobre a necessidade de buscar mudanças na condição atual dos animais de forma em que o Censo Animal possa ser um mecanismo para auxiliar no conhecimento da realidade e com isso sejam realizadas iniciativas de mudança.

14 - REFERÊNCIAS

ADAMS, C.J. **A Política Sexual da Carne – A relação entre o carnivorismo e a dominância masculina.** 1 ed. São Paulo: Alaúde Editorial, 2012.

BOEMER, M.R. **A condução de estudos segundo metodologia de investigação fenomenológica.** Rev. Latino-am. enfermagem – Ribeirão Preto – v. 2 – n. 1 – p. 83-94 – janeiro 1994.

CHRISTOFOLETTI, A. **As Perspectivas dos Estudos Geográficos.** Disponível em: <http://sigcursos.tripod.com/perspetivas.pdf>. Acesso em: 14 set. 2017

DARDEL, E. **O Homem e a Terra: natureza da realidade geográfica.** Tradução: Werther Holzer.- São Paulo: Perspectiva, 2015.

DAMIANI, A.L. **População e Geografia.** 1ª ed, 1992. 10. ed., 3ª reimpressão.- São Paulo: Contexto, 2015 – (Caminhos da Geografia).

FRANCIONE, G.L. **Introdução aos Direitos Animais: seu filho ou seu cachorro?.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

GEORGE, P. **Métodos da Geografia.** Presses Universitaires de France, Paris, 1972. Tradução: Difusão Européia do Livro, São Paulo, 1972.

LIMA, L.A.N. **Diferença entre a pesquisa nas ciências naturais e nas ciências humanas – Como as ciências humanas baseadas no positivismo, esqueceram do próprio homem”.** Projeto “Um discurso em Extinção”. Tema: Diferenças entre a pesquisa nas ciências naturais e nas ciências humanas. Texto para aula, não publicado, 1989.

MARTINS, J., BICUDO, M.A.V. **A pesquisa qualitativa em psicologia: Fundamentos e recursos básico.** São Paulo, SP. Moraes, EDUC. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativa, 1989.

MEDEIROS, O. C. **Estudo dos Planos Amostrais e Estimadores para a Aplicação no Dimensionamento da População Canina de Rio Claro – SP.** Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Rio Claro, 2013.

NOGUEIRA, A.R.B. **Uma interpretação fenomenológica na geografia**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

PINTAUDI, S.M. **Urbanismo: é possível projetar um futuro coletivo para a cidade?**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona. Vol. XI, núm. 245 (05), 1 de agosto de 2007.

SOUZA, M.L. **Mudar a cidade – Uma Introdução Crítica ao Planejamento e à Gestão Urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

TUAN, Y. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. São Paulo: DIFEL, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**. Prentice-Hall Inc, Englewood Cliffs, New Jersey, 1974. Tradução: DIFEL, São Paulo, 1980.

ZELINSKY, W. **Introdução à Geografia da População**. Prentice-Hall, Inc., Englewood Cliffs, Nova Jersey, USA. 1966. 2 ed. Traduzida, Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1974.

15 - BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

GEORGE, P. **Geografia da população**. Presses Universitaires de France, Paris, 1973. Tradução: Difel Rio de Janeiro – São Paulo. 5ª edição, 1978.

HUBON, P. **Demografia brasileira**. São Paulo: Editora Atlas, 1973.

TREMARHTA, G. **Geografia da População**. São Paulo: Editora Atlas, 1974.

VERRIÈRE, J. **As Políticas de População**. São Paulo, Difel 1980.